

JORGE GAVILAN

**PERSONALIDADE E FATORES PSICOSSOCIAIS COMO
MOTIVAÇÃO PARA O COMPORTAMENTO SEXUAL**

Orientador: Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2013

JORGE GAVILAN

**PERSONALIDADE E FATORES PSICOSSOCIAIS COMO
MOTIVAÇÃO PARA O COMPORTAMENTO SEXUAL**

Dissertação apresentada para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Miguel Faria

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2013

Agradecimentos

Um trabalho de investigação nunca é possível de concretizar sem o apoio de outras pessoas. Agradeço a todos a motivação, a orientação, a colaboração e a inspiração que me foram dadas.

Agradeço a todos os participantes que colaboraram com o preenchimento dos questionários que viabilizaram recolher os dados para esta investigação e sem os quais este projeto não passaria à realidade;

ao Professor Miguel Faria pelo apoio e orientação;

à minha filha, Ana Rita e à minha família pela confiança e orgulho que sempre depositaram em mim durante este investimento na minha vida;

à Sofia Godinho, grande amiga e colega, pela ajuda e o estímulo para prosseguir, foi um suporte incondicional em momentos difíceis;

à Sofia Ramos, pela preciosa ajuda,

ao Jorge, à Pureza, ao Luís, à Elsa e ao Cláudio pelo carinho e amizade, a todos os amigos e a todas as pessoas que têm passado pela minha vida e têm contribuído para quem eu hoje sou.

Agradeço a todos pela forma como participaram nesta tarefa difícil a que me propus e os momentos partilhados ao longo deste percurso.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar e compreender melhor as relações que existem entre a Personalidade, os Fatores psicossociais e o Comportamento Sexual e como podem ser preditores da Compulsividade Sexual.

A amostra deste trabalho foi constituída por 300 participantes adultos (135 do sexo masculino e 165 do sexo feminino), escolhidos aleatoriamente.

Para avaliar as relações existentes foram utilizadas cinco escalas que medem várias dimensões relacionadas com o comportamento sexual e construído um questionário sócio demográfico e um questionário de opinião sobre comportamento sexual.

Os resultados sugerem que existem diferenças significativas no comportamento sexual em função dos grupos das variáveis sociodemográficas e relações entre a Compulsividade Sexual, a Satisfação Sexual e Procura de Sensações.

Em termos de Comportamento Sexual observou-se a presença de uma atitude mais liberal e permissiva nos homens e mais restrita nas mulheres, havendo uma tendência dos homens para maior permissividade sexual e comportamentos de risco.

Palavras-chave: Personalidade; Atitudes Sexuais; Satisfação Sexual; Compulsividade Sexual.

Abstract

The main object of this study is the analysis and understanding of the relationships between Personality, Psychosocial Factors and Sexual Behavior and how they can be predictive of Sexual Compulsivity.

This work's sample comprises 300 adult participants (135 male and 165 female), randomly selected.

A Social Demographic Questionnaire and an Opinion Questionnaire on Sexual Behavior were built in order to evaluate relations between the various dimensions of Sexual Behavior's five scales measuring.

Results suggest there's significative differences among groups of social demographic variables and correlations were find with Sexual Compulsivity, Sexual Satisfaction and the Search for Sensations.

In terms of Sexual Behavior it has been observed that man's attitude are more liberal and permissive and women's attitude more restricted. Tendencies of men's behavior includes more permissiveness in sexuality and risk behavior.

Keywords: Personality, Sexual Attitude, Sexual Satisfaction, Sexual Compulsivity.

Lista de Siglas e Abreviaturas

APA	<i>American Psychiatric Association</i>
CSC	Comportamento Sexual Compulsivo
EOSS	Escala de Orientação Sócio Sexual
EPSS	Escala Procura Sensações Sexuais
MCFP	Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade
MTFP	Modelo dos Três Fatores da Personalidade
NESS	Nova Escala Satisfação Sexual
OMS	Organização Mundial de Saúde
POC	Perturbação Obsessivo Compulsiva
QOCS	Questionário de Opinião de Comportamento Sexual
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences

Índice Geral

Introdução.....	11
Capítulo 1.....	14
Enquadramento Teórico	14
1.1 História da Sexualidade.....	15
1.2 Prazer e Desejo Sexual.....	19
1.3 A Personalidade	20
1.4 Modelo dos Traços da Personalidade	20
1.5 Personalidade e Psicopatologia na Sexualidade	23
1.6 Atitudes sexuais	26
1.7 Comportamento Sexual e Ciclo de Resposta Sexual	28
1.8 A Compulsividade Sexual.....	29
1.9 Satisfação Sexual.....	36
Capítulo 2.....	39
Metodologia.....	39
2.1 Objetivos e Hipóteses.....	40
2.2 Amostra.....	44
2.2.1 Critérios de Inclusão	44
2.2.2 Seleção e Recolha da Amostra.....	44
2.2.3 Caracterização da Amostra	44
2.2.4 Análise Descritiva	45
2.3 Plano de Investigação	47
2.4 Instrumentos utilizados.....	47
2.4.1 Questionário Sociodemográfico (Apêndice I).....	47
2.4.2 Escala de Comportamento Sexual Compulsivo (Anexo I)	47
2.4.3 A Nova Escala de Satisfação Sexual (Anexo II).....	49
2.4.4 Escala de Procura de Sensações Sexuais (Anexo III)	52
2.4.5 Escala de Atitude Perante o Sexo (Anexo IV)	54
2.4.6 Escala de Orientação Socio Sexual (Anexo V)	57
2.4.7 Questionário de Opinião de Comportamento Sexual (Apêndice II).....	59
Capítulo 3.....	61

Apresentação de Resultados.....	61
3.1 Características descritivas das variáveis em estudo.....	62
3.1.1 Análise por Sexo e Relação.....	63
3.1.1.1 Análise por Sexo	63
3.1.1.2 Análise por Existência de Relação	65
3.1.2 Análise por Idade, Religião e Orientação sexual.....	67
3.1.2.1 Análise segundo a Idade.....	67
3.1.2.2 Análise segundo a Religião	68
3.1.2.3 Análise segundo a Orientação Sexual.....	69
3.2 Correlações.....	70
3.2.1 Correlações Intra-escalas	70
3.2.2 Correlações inter-escalas.....	71
Capítulo 4.....	73
Discussão dos Resultados.....	73
Conclusão	81
Referências Bibliográficas.....	82
Apêndices	i
Apêndice I – Questionário Sociodemográfico	ii
Apêndice II - Questionário de Opinião de Comportamento Sexual	iii
Apêndice III – Protocolo da Investigação.....	vi
Apêndice IV – Gráficos de Frequências do Questionário de Opinião de Comportamento Sexual	xxiv
Anexos	xxxi
Anexo I - Escala de Comportamento Sexual Compulsivo	xxxii
Anexo II - A Nova Escala de Satisfação Sexual:	xxxvi
Anexo III - Escala de Procura de Sensações Sexuais	xxxix
Anexo IV - Escala de Atitude Perante o Sexo.....	xli
Anexo V - Escala de Orientação Socio Sexual	xliv

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra	46
Tabela 2 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo	62
Tabela 3 - Teste t de <i>Student</i> para amostras independentes	64
Tabela 4 - Estatísticas de grupo	64
Tabela 5 - Teste t de <i>Student</i> para amostras independentes	66
Tabela 6 - Estatísticas de Grupo	66
Tabela 7 - Testes Multivariáveis	67
Tabela 8 - Testes de efeitos entre variáveis em função dos grupos da Idade	68
Tabela 9 - Testes de efeitos entre variáveis em função dos grupos da religião	69
Tabela 10 - Testes de efeitos entre variáveis em função dos grupos da Orientação sexual	70
Tabela 11 - Correlações entre as variáveis do estudo	72

Índice de Figuras

Figura 1 – Representação gráfica da resposta à Questão 1 “Manter relações sexuais com outros parceiros tendo uma relação estável” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxiv
Figura 2 – Representação gráfica da resposta à Questão 2 “Fazer sexo a três ou em grupo” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxiv
Figura 3 – Representação gráfica da resposta à Questão 3 “Incluir animais nas atividades sexuais” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxv
Figura 4 – Representação gráfica da resposta à Questão 4 “Ter relações sexuais para obter contrapartidas financeiras” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita). ..	xxv
Figura 5 – Representação gráfica da resposta à Questão 5 “Recorrer aos serviços de um(a) profissional do sexo (prostituição)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxv
Figura 6 – Representação gráfica da resposta à Questão 6 “Ter relações sexuais sob o efeito de drogas ilegais (cocaína, ecstasy, poppers, entre outros)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxvi
Figura 7 – Representação gráfica da resposta à Questão 7 “Ter relações sexuais com adolescentes legalmente menores de idade” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxvi
Figura 8 – Representação gráfica da resposta à Questão 8 “Manter uma relação aberta ou liberal com permissão mútua” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxvi
Figura 9 – Representação gráfica da resposta à Questão 9 “Práticas sado-masoquistas com o/a parceiro/a” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxvii
Figura 10 – Representação gráfica da resposta à Questão 10 “Utilizar objectos destinados a práticas masturbatórias” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxvii
Figura 11 – Representação gráfica da resposta à Questão 11 “Ter relações sexuais de uma só noite” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxvii
Figura 12 – Representação gráfica da resposta à Questão 12 “Ter relações sexuais sem envolvimento emocional” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita). ..	xxviii
Figura 13 – Representação gráfica da resposta à Questão 13 “Praticar swing (troca de casais)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxviii
Figura 14 – Representação gráfica da resposta à Questão 14 “Ter relações sexuais em locais de cruising e clubes de sexo” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxviii
Figura 15 – Representação gráfica da resposta à Questão 15 “Ter relações sexuais sem preservativo” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxix
Figura 16 – Representação gráfica da resposta à Questão 16 “Ter relações sexuais com desconhecidos(as)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxix
Figura 17 – Representação gráfica da resposta à Questão 17 “Ter relações sexuais em locais públicos (exe. carro, vão de escadas, WC)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).	xxix

Figura 18 – Representação gráfica da resposta à Questão 18 “Ter relações sexuais com parentes próximos” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).....xxx

Figura 19 – Representação gráfica da resposta à Questão 19 “Manter relações sexuais com alguém próximo, sem compromisso emocional (amizade colorida)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita). xxx

Introdução

As questões da sexualidade sempre me interessaram assim como as suas implicações na construção da identidade e da própria sociedade. A resposta a algumas destas questões orientou o meu caminho nesta incursão pela literatura e por áreas científicas distintas, tais como a Psicologia, a Sexualidade e a própria Medicina, dada a multidisciplinaridade do tema. Espero contribuir para que se entenda que, na base de um comportamento sexual existem vários fatores que são determinantes para as escolhas do indivíduo, sendo algumas delas completamente alheias ao seu entendimento. Desejo que este trabalho possa trazer algum conhecimento e entendimento e possa simultaneamente promover a reflexão.

A sexualidade é um processo natural que ocorre como resposta a estímulos que a nossa libido reconhece como uma provocação aos nossos sentidos, embora as nossas atitudes e comportamentos sexuais sejam aprendidos. A sexualidade tem sido estudada nas mais diferentes áreas das ciências sociais e da saúde, em conjunto com a personalidade para se tentar compreender a relação causal que esta tem sobre o comportamento sexual. A compreensão destas relações permite-nos prever, compreender e modificar os comportamentos. Desta forma, é da máxima importância entendermos a relação que existe entre personalidade, comportamentos sexuais e atitudes sexuais (Ajden, 2008; Westheimer, 2004).

Os homens apresentam padrões distintos de todos os outros animais no seu comportamento sexual, padrões que refletem as estratégias adaptativas encontradas pelo homem ao longo da história da sua evolução, como resposta às pressões biológicas, sociais e ambientais. Desde que o homem passou a ter a capacidade de pensar sobre o seu próprio pensamento, a sexualidade deixou de ser apenas uma relação sexual e passou a ser algo estruturado (Hill, 2008).

A sexualidade sofreu uma atualização com as novas tecnologias e as novas mentalidades, surgindo a possibilidade de trazer à luz do dia discussões sobre todos os aspetos da sexualidade, pornografia e o próprio comércio que está associado ao sexo. Podemos afirmar que, para além duma cultura sexual temos uma economia que se baseia na indústria do sexo (Hill, 1996).

Apesar dos esforços que foram feitos no século XIX para estudar a sexualidade humana, com o contributo valioso de Ellis, Freud e Krafft-Ebing, apenas em 1948 foi desenvolvida por Kinsey a primeira investigação com o objetivo de conhecer os

comportamentos sexuais da população americana, seguido do Relatório Hite, em 1981, entre outros (Hill, 2008).

Atualmente, no contexto ocidental, a sociedade atribui um papel mais importante à mulher, o que alterou a sociedade e obrigou a uma redefinição do que é, nos dias de hoje, a sexualidade. Ao conduzir os seus objetivos, a mulher tomou o controlo da sua vida e do seu prazer, o que introduziu alterações sociais profundas, quer ao nível das relações sociais, quer da vivência de própria sexualidade. (Westheimer, 2004).

O desejo sexual surge no primeiro ano de vida, quando, no toque dos nossos órgãos genitais, reconhecemos experiências agradáveis e prazerosas, valiosas para o amadurecimento de atitudes em relação ao nosso corpo e do parceiro. O comportamento sexual humano resulta, em simultâneo, das variáveis biológicas, da dimensão psicológica de cada sujeito e do ambiente sociocultural em que está contextualizado, o que nos remete facilmente para a importância da personalidade na sexualidade humana. (Hill, 1996; Fonseca, 1997).

Durante o último século, com o decorrer das investigações sobre estes temas, surgiram modelos teóricos sobre o papel que a personalidade desempenha no comportamento sexual, nomeadamente para estudar as eventuais relações que existem entre as variáveis que podem estar envolvidas e inferir ou permitir preconizar comportamentos sexuais.

A organização deste trabalho baseia-se, na primeira parte, numa apresentação da história da sexualidade e uma contextualização teórica das relações entre as variáveis que vão ser estudadas, fazendo uma apresentação do conceito de personalidade e do modelo teórico escolhido, dos cinco fatores, de Costa e McGray, em que se incluem os domínios que vamos estudar, assim com a relação entre atitudes e personalidade. Serão descritos conceitos diretamente relacionados com a atividade sexual, tais como Satisfação Sexual e Procura de Novas Sensações e a fronteira que divide o normal e o patológico em relação ao comportamento sexual, tendo como referência o que é normativo.

A compulsividade sexual será apresentada como uma perturbação do comportamento sexual e serão estudadas as relações entre compulsão sexual e o prazer. Pretende-se observar se a compulsão é motivada pela procura de satisfação ou se o comportamento é motivado por uma predisposição pessoal para a procura de novas sensações, quais as dimensões da personalidade envolvidas e como se manifestam estas relações entre géneros, orientação sexual e outros dados socio demográficos.

Na segunda parte está apresentado todo o processo de investigação, a metodologia, as hipóteses que foram investigadas e a descrição dos instrumentos utilizados.

No terceiro capítulo serão apresentados os resultados obtidos e, por fim, no quarto capítulo estes serão discutidos.

A apresentação deste trabalho de investigação será concluída com uma reflexão sobre as principais evidências retiradas da análise dos resultados. Também serão sugeridas linhas de orientação para futuras investigações nesta área e uma descrição dos problemas encontrados.

Importa ainda referir que esta dissertação será redigida segundo o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa e será adotada a norma da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o despacho nº 101/2009, com o título “Atualização das normas para elaboração e apresentação de teses e dissertações na ULHT”.

Capítulo 1

Enquadramento Teórico

1.1 História da Sexualidade

Entre os primeiros registos da sexualidade humana e o início do terceiro milénio da era cristã passaram-se 22 mil anos de prazeres saudáveis, com sofrimento e dor que começaram a ser narrados com pinturas rupestres em cavernas e hoje se atualizam com sítios na Internet.

No início do século XVII, ainda existia uma ostentação do corpo, uma tolerância condescendente com o ilícito e um discurso sem pudores, que foi rapidamente substituído pela monotonia da moralidade da burguesia vitoriana que reduz a sexualidade à função reprodutora. Surge o silêncio em volta do sexo e impõe-se a reserva da sexualidade limitada ao quarto do casal numa sociedade hipócrita que abre exceções e concede um lugar às sexualidades ilícitas num palco de tolerâncias onde atuam as prostitutas, os chulos e as casas de passe (Foucault, 1994).

A repressão do sexo, votado à proibição, assume um aspeto de transgressão que o coloca à margem do poder e lhe confere uma solenidade assegurada pelos médicos, psiquiatras e demógrafos do século XIX enquanto surge uma eficaz associação ao pecado. Através destes discursos, investigam-se as doenças de nervos, o onanismo, a insatisfação e o conjunto das perversões sexuais, assim como a justiça penal que associa a sexualidade a crimes graves contra a natureza. Estes discursos não surgem à margem do poder, mas antes onde ele se exercia e como meio do seu exercício. O sexo surge nas sociedades modernas como um segredo de que se fala, mas deve permanecer na sombra (Foucault, 1994).

Após o século XVIII a Instituição pedagógica codificou os conteúdos sobre sexo e multiplicou-se a promoção de discursos sobre o sexo das crianças e dos adolescentes junto dos educadores, médicos e pais. A partir daqui difunde-se uma norma do desenvolvimento sexual que categorizou todos os desvios, orientados por três grandes códigos explícitos que regiam as práticas sexuais: direito canónico, pastoral cristã e lei civil. Cada um, à sua maneira, distinguiu o lícito do ilícito (Foucault, 1994).

O sexo dos cônjuges estava repleto de recomendações e quebrar as leis do casamento ou promover prazeres diferentes era algo condenável. Os Tribunais tinham competências para julgar, igualmente, a homossexualidade, a infidelidade, a violência ou o casamento sem autorização dos pais. Os hermafroditas eram considerados criminosos e o deboche castigado com prisão. No decorrer do século XIX intensificou-se a monogamia heterossexual e surgem paralelamente uma diversidade de sexualidades periféricas constituídas por uma inumerável família de perversos (Foucault, 1994).

Surge uma nova racionalidade, em que o sexo, não se limita apenas a um objeto de sensação e prazer, de legalidade ou ilegalidade, mas também de verdade e falsidade. A verdade, surge como algo essencial, útil, perigosa e temível. Assiste-se a sucessivas transformações deste jogo da verdade e do sexo no limiar do então, projeto de uma nova ciência (Foucault, 1994).

Nas civilizações onde existe uma Arte Erótica, a verdade é extraída do prazer, recolhida da esperança e alheada duma lei absoluta do que é permitido ou proibido. Nestas sociedades orientais, o prazer é revertido, progressivamente na prática sexual, valorizando os seus diferentes aspetos e amplificando os seus diferentes efeitos no corpo e na alma. O secretismo deste saber, deve-se à necessidade de preservar a sua eficácia e a sua virtude, permitindo-se evoluir para uma arte magistral em que mestre e discípulo partilham este Saber. Privilegia-se um domínio absoluto do corpo, um prazer extenso, para além do tempo e sem limites. É encarado como um elixir para uma longa vida (Foucault, 1994).

A nossa civilização, na ausência duma Arte Erótica, pratica uma Ciência Sexualis, desenvolvendo ao longo dos séculos uma forma de Saber baseado na confissão, em oposição total à Arte Erótica. A confissão, surge, desde a Idade Média, como um dos rituais privilegiados para produzir verdade. A inquisição teve um papel predominante para conferir à confissão um papel central na ordem dos poderes religiosos e civis. Duma forma espontânea ou imposta, o sexo tornou-se numa das matérias privilegiadas da confissão (Foucault, 1994).

Apesar duma aparente Arte Erótica versus Scientia Sexualis, no ocidente, a primeira, está de algum modo presente na construção deste Saber, desta crença sexual. Em termos de repressão, a história da sexualidade supõe duas ruturas: o nascimento das grandes proibições, a desvalorização da sexualidade adulta e o pudor imperativo durante o século XVIII e mais tarde, no decorrer do século XX a evolução para uma tolerância relativa com as relações pré-nupciais e extramatrimoniais com uma atenuação de perversidade em contexto legal. Também se observou um levantamento dos tabus sobre a sexualidade das crianças (Foucault, 1994).

A partir do século XVIII, desenvolveram-se estrategicamente quatro dispositivos do Saber e do Poder em relação ao sexo: a histerização do corpo da mulher, atribuindo-se uma patologia intrínseca à condição de mulher e mãe, com uma imagem negativa da mulher nervosa, com um corpo saturado de sexualidade; a pedagogização do sexo das crianças, com a constatação de que todas as crianças se entregam a jogos sexuais, naturais mas indevidos e suscetíveis de causar prejuízos físicos e psicológicos (Foucault, 1994).

O terceiro dispositivo é a psiquiatrização do prazer perverso, feito através duma análise clínica de todas as anomalias do instinto sexual, como instinto biológico e psíquico

autônomo, categorizado através dum papel de normalização e patologização do comportamento. Finalmente surge a socialização dos comportamentos procriadores e socialização económica através de incitamentos ou refreamentos através de medidas sociais ou fiscais para a fecundidade como, por exemplo: o controlo dos nascimentos (Foucault, 1994).

As relações do sexo, têm organizado na sociedade, dispositivos de aliança baseadas em casamentos, desenvolvimentos de parentesco e transmissão de normas e bens. Os conjugues tornam-se agentes de um dispositivo de sexualidade que, baseado em apoios externos, vem psicologizar ou psiquiatrizar as relações desta aliança. Surgem personagens como a mulher nervosa, frigida, a mãe indiferente, obsessiva, o marido impotente, sádico, perverso, a jovem histérica e o jovem homossexual, como figuras desviadas da sexualidade normal (Foucault, 1994).

Paralelamente, surge a necessidade de ajuda para a disfuncionalidade destas famílias lançadas para os médicos, psiquiatras, padres e todos os potenciais peritos para resolver estas longas queixas de sofrimento sexual. A psicanálise surge, aproveitando este espaço para recuperação da tranquilidade, apesar de pôr em causa as relações familiares e inverter a tendência dos três últimos séculos: na psicanálise, a sexualidade dá corpo e vida às relações da aliança e satura-as de desejo sexual (Foucault, 1994).

A psicanálise insere-se no ponto em que uma nova teoria essencial da lei e do desejo também surge como técnica para destruir os efeitos patogénicos da interdição. O sexo atinge, no século XIX, um estatuto em que é observado como matriz das disciplinas e princípio das regulações. Torna-se tema de operações políticas, intervenções económicas e campanhas ideológicas de moralização. A sexualidade torna-se objeto e alvo do poder judicial (Foucault, 1994).

A sexualidade foi sempre conceptualizada como um potencial problema, desde a sua regulação até à distinção entre o normal e o patológico. Através da história e das diferentes culturas a definição dos problemas associados à sexualidade intensificaram-se recentemente, numa tentativa de compreender o significado do sexo, a etiologia dos seus problemas e a prescrição das respetivas curas (Foucault, 1979).

Existe uma complexa teia de fatores que contribuem para o desenvolvimento do individuo e também nas suas interações com os outros, que se vão estabelecendo ao longo da vida, através de interações de natureza diversa e sistemas que interagem entre si de uma forma única e variável. Esta relação observa-se nas relações de pares, sociais e familiares (Bronfenbrenner, 1979)

Na complexidade do ser Humano intervêm vários fatores tais como os afetos, as emoções, paixões e desejo, entre os quais o desejo sexual, como uma necessidade básica

e fisiológica que visa garantir a continuação da espécie. A estes fatores junta-se a libido que permite a obtenção de prazer nos instintos vitais. O ato sexual e a libido surgem, deste modo, na base do comportamento sexual humano. O desejo sexual, por mais hipervetativo que seja, é natural, não é por si só, patológico. Este desejo, varia em intensidade ao longo das fases do Homem (Kimble, 1993).

Desta forma, o impulso sexual surge como forma de satisfazer uma vontade declarada, contudo, se na sua manifestação sexual o individuo utilizar esquemas compulsivos que comprometam a sua liberdade ou de outrem torna-se patológico. Quando o impulso sexual aumenta, devido à insatisfação permanente, prejudica outras áreas da vida que deixam de ser funcionais, surge a hipersexualidade patológica onde também se incluem a perversão sexual e a ninfomania (Kimble, 1993).

À semelhança de outros comportamentos humanos, o comportamento sexual é regido por regras sociais e normas que são definidas especificamente pelo contexto cultural do individuo e variam ao longo do tempo. Estas normas, em conjunto com a moral sexual definem o que é esperado e lícito que aconteça na vida de um individuo ao nível do seu comportamento sexual, segundo os padrões sociais. Estas normas sexuais surgem sempre ligadas à ética, à moral e às normas relacionadas com honestidade, legalidade, fidelidade e consentimento (Rathus et al, 2005; Andrae, 2003).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade surge como um aspeto central ao longo do ciclo de vida de um individuo e engloba, para além do sexo, os papéis sexuais, a orientação sexual, o prazer, a intimidade, o eroticismo e a própria reprodução. É vivida nos sonhos, nas crenças, atitudes, fantasias, valores, comportamentos e relacionamentos, através de práticas e papéis e pode ser influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, económicos, políticos, sociais, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. Para se entender em toda a sua magnitude e importância tem que ser abordado através de uma visão multidisciplinar.

As crenças e atitudes associadas à sexualidade são determinantes para o funcionamento sexual do individuo, uma vez que são parte integrante dum contexto sociocultural, no qual o individuo está inserido, motivo pelo qual na análise do que é compreendido dentro de valores normativos e esperados e a própria distinção entre o normal e o patológico, passa sempre por uma análise do contexto sociocultural (Brodwin, 1975; Miller, 1975).

Deste modo, o comportamento sexual tem sempre uma interpretação individual que provoca uma grande variação nas respostas, já que não se trata apenas de um aspeto biológico mas sim de uma dimensão que tem um papel fundamental na dinâmica psicológica e social do ser humano. A cultura, religião, contexto social e outras variáveis provocam uma

grande diversidade de respostas face à sexualidade. Por exemplo, os indivíduos residentes em grandes centros urbanos iniciam a vida sexual mais cedo, têm mais parceiros sexuais e mais relações extramaritais quando comparados com indivíduos do meio rural (Smith, 2006; Antunes, 2005)

1.2 Prazer e Desejo Sexual

Existe uma forte associação do desejo com a intimidade, é esta que permite a sobrevivência do desejo na relação com o outro (Perel, 2008). No entanto, é comum confundir-se excitação sexual subjetiva com desejo sexual, o que cria a necessidade de distinguir estes dois conceitos e compreender que se distinguem, essencialmente no tempo. O primeiro, a excitação sexual, progride e ocorre em simultâneo com o ato sexual, enquanto o desejo sexual implica que o sujeito se foque num objeto sexual e o desejo, esteja este objeto presente ou ausente, não dependendo das reações fisiológicas ou genitais (Levine, 2008; Regan & Berscheid, 1999; Richters, 2009).

O prazer é conceptualizado como algo momentâneo, que ocorre paralelamente aos atos sexuais e culminam no orgasmo, contudo, apesar da associação entre os dois conceitos, orgasmo e prazer são distintos, o prazer está para além do orgasmo, da frequência das relações sexuais ou até mesmo da satisfação sexual (Richters, 2009; Levine, 2002; Regan & Berscheid, 1999).

Por outro lado, nas últimas décadas, ocorreram transformações sociais que abalaram o domínio masculino e a natureza contraditória da sua sexualidade, as divisões sexistas do trabalho, da sociedade, dos papéis de género e noções biológicas e religiosas das diferenças sexuais vão sendo destruídas, o que leva, em alguns casos, os homens a responder com uma sexualidade compulsiva, a que corresponde uma representação obsessiva dos procedimentos habituais que ficam separados dos antigos suportes sociais (Giddens, 1993).

1.3 A Personalidade

É facilmente reconhecida a importância da personalidade na sexualidade humana, uma vez que existe uma relação estreita entre personalidade e atitudes e este conhecimento sobre estas relações próximas constitui uma informação crucial na previsão do comportamento sexual e as atividades dirigidas à prevenção (Fonseca, 1997; Cloninger, 2008; Feist, 2009).

A palavra personalidade deriva do francês *personalité* e significa o conjunto dos aspetos psíquicos que caracterizam uma pessoa. Inicialmente, a *persona* era o nome das máscaras que os atores romanos usavam para exprimir o estado de espírito dos personagens, mas mais tarde, com a filosofia, acabou por representar a própria pessoa e foi-lhe atribuído um significado que está relacionado com a forma de ser e de estar no mundo (Gleitman, 1999).

Ao longo dos últimos cem anos foram construídas teorias de personalidade que tentam explicar e compreender a *psiquê* humana, destacando-se os modelos psicanalítico, comportamentalista, humanista e o dos traços de personalidade. Recentemente surgiram outros modelos, tais como o cognitivo-social, o evolucionista e o biológico, contudo, os anteriores mantêm-se os mais estudados e com credibilidade reconhecida (Feist, 2009; Fonseca, 1997; Gonçalves, 1998).

Cada modelo tenta analisar o comportamento e prevê-lo, quais as motivações, o que faz a manutenção do comportamento, se é inato ou aprendido com experiências e cada teoria encontra respostas diferentes para estas questões, tentando descrever, prever e compreender como funciona psicologicamente o ser humano. Na realidade, cada ser humano é caracterizado por uma individualidade e características únicas que o distinguem de todos os outros seres humanos, apesar dos aspetos comuns que partilham entre si.

1.4 Modelo dos Traços da Personalidade

Segundo as teorias mais importantes da personalidade, esta seria composta por um conjunto de traços, estáveis ao longo do tempo, que criam no indivíduo uma predisposição para agir de uma determinada maneira perante certas situações. Sendo a personalidade um conjunto de traços cujo entendimento é fundamental para a compreensão das relações interpessoais, não existem, contudo, muitos estudos que estabeleçam relações entre as facetas da personalidade e a sexualidade (Cattell, 1975; Eysenck, 1990).

Eysenck desenvolveu vários estudos nesta área, a partir dos estudos efetuados por Allport, examinando fatores da personalidade associados a comportamentos sexuais, desenvolvendo a Teoria dos três Fatores da Personalidade, um modelo de três dimensões de personalidade: Extroversão, Neuroticismo e Psicotismo. Cada um destes fatores é dicotômico, bipolar e engloba o normal e o patológico que situaria nos extremos de um continuum que seria o próprio traço. Esta dicotomia baseia-se na premissa de que a patologia se encontra nos extremos dos traços por excesso ou por defeito. Para Eysenck existe uma base biológica determinante, resultado da hereditariedade e a partir desta teoria criou o primeiro grande inventário de personalidade e a primeira grande investigação sobre a relação entre personalidade e comportamentos sexuais (Eysenck, 1976; Schmidt, 2008).

Durante a investigação, surgiram evidências de que um modelo pentatorial seria mais adequado para descrever os domínios da personalidade (Digman, 1990) tendo então surgido o Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade (MCFP) de Robert McCrae e Paul Costa. Costa e McCrae, através das aplicações do inventário NEO-PI desenvolveram um modelo que permitiu basearem-se no tratamento estatístico das respostas. Este modelo tem sido estudado em todo o mundo pela capacidade de previsão, explicação e replicabilidade que apresenta. Devido a estes autores, hoje reconhece-se unanimemente a existência dos cinco fatores ou domínios da personalidade, apesar de os próprios autores não o reconhecerem como definitivo (McCrae, 1994; Lima, 2000; Lima, 1997; McCrae, 2003).

O Big Five ou Modelo dos Cinco Fatores (MCFP) inclui as cinco grandes dimensões da personalidade: Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura, considerados os traços dominantes da personalidade que sobressaem em todas as estatísticas realizadas e tem sido considerado por muitos investigadores como a abordagem mais adequada para a compreensão da personalidade.

A base desta teoria defende a existência de características que podem ser isoladas e comparadas com outras pessoas, estando presentes em todos os indivíduos. Cada indivíduo, apresenta um conjunto de traços, comuns com os outros indivíduos, que se manifestam, com maior ou menor frequência e intensidade, caracterizando a sua personalidade (Feist, 2009; Cloninger, 2008; Gleitman, 1999; Simões, 2000).

Segundo este modelo, a personalidade tem uma base estável que assenta em cinco fatores principais e da interação com o meio, desde a infância até à idade adulta. Os traços são dimensões da personalidade que refletem diferenças individuais em tendências para mostrar determinados padrões consistentes de pensamentos, sentimentos e ações (McCrae, 2003). Cada um dos cinco fatores subdivide-se em facetas que caracterizam um subgrupo de traços, apesar de existirem dinâmicas que permitem alterações maiores ou

menores, na personalidade da pessoa, sem, contudo colocarem em causa a sua organização.

Os modelos científicos com rigor científico permitiram não só efetuar novos estudos sobre personalidade, com aprofundá-los. Com esta metodologia, nomeadamente a análise fatorial, foi possível definir a mensurabilidade da personalidade e a quantidade de traços que cada indivíduo detém.

A primeira grande investigação sobre personalidade e comportamentos sexuais foi realizada por Eysenck e baseou-se no Modelo dos Três Factores (MTF), segundo o qual, a Extroversão era o traço que fundamentava as explicações principais para as diferenças individuais no comportamento sexual. Esta teoria fundamentou-se no facto de este traço estar relacionado com a maior ou menos facilidade nos relacionamentos interpessoais e consequentemente os contactos sexuais. O Neuroticismo, quando elevado, teria uma influência negativa nas experiências sexuais, menos parceiros, maior preocupação com a relação sexual e também um maior número de atitudes negativas em relação a sexualidade (Ajzen, 2005; Eysenck, 1976; Schmitt, 2008).

Segundo Eysenck existia ainda uma forte relação entre indivíduos com elevados níveis em Psicoticismo e material pornográfico, relações impessoais, curiosidade e excitação sexual. Estes pressupostos foram confirmados por diversos estudos posteriormente, podendo concluir-se que os extrovertidos têm uma atitude mais favorável em relação ao sexo com variados parceiros e são mais recetivos a novas experiências e posições sexuais assim como a situações promiscuas. Elevados níveis de Neuroticismo aumentam as probabilidades de existirem comportamentos de risco (Eysenck, 1976; Schmitt, 2004).

Nos últimos anos têm surgido vários estudos que relacionam as facetas do MCFP com questões ligadas à sexualidade, surgindo investigações que permitem relacionar traços de personalidade com alguns comportamentos sexuais (Quinta, Gomes & Nobre, 2010; Smith, Nezlelek, Webster & Paddock, 2007).

Em alguns destes estudos os resultados foram bastante conclusivos permitindo concluir que níveis elevados de amabilidade preconizam baixa tendência para comportamentos sexuais de risco (Ingledew & Ferguson, 2007); baixos níveis de conscienciosidade e amabilidade associam-se a níveis elevados de comportamentos sexuais de risco (Heaven et al, 2003; Hoyle, Fejfar & Miller, 2000; Markey, Markey & Tinsley, 2003). Diversas investigações comprovaram que os baixos níveis de amabilidade e conscienciosidade também são indicadores de referência para a promiscuidade e a infidelidade (Buss & Shackelford, 1997; Schmitt, 2004; Costa, Fagan, Piedmont, Ponticas & Wise, 1992).

Níveis elevados de neuroticismo surgem associados a uma baixa satisfação sexual, enquanto níveis elevados de extroversão surgem associados a um forte desejo sexual e uma tendência a maior número de experiências sexuais ao longo da vida (Costa, Fagan, Piedmont, Ponticas & Wise, 1992). Segundo Shafer (2001) Cada faceta de personalidade do MCFFP está associada a uma medida da sexualidade, por exemplo, consciência sexual ou motivação sexual.

Vários estudos apontam para a existência de uma relação entre a compulsividade sexual e algumas dimensões da personalidade, tais como a alexitimia, a instabilidade emocional e a vulnerabilidade ao *stress* (Reid, Carpenter, Spackman & Willes, 2008). Outros autores, associam a compulsividade sexual à vergonha, solidão, sensibilidade interpessoal e baixa auto estima (Adams & Robinson, 2001; Guiliano, 2006; Reid et al, 2008; Yoder, Virden & Amin, 2005; Zapf, Greiner & Carrol, 2008).

O Neuroticismo está fortemente relacionado com as dimensões da personalidade atrás referidas e também está fortemente relacionado com a gravidade dos comportamentos sexuais compulsivos. Este traço está diretamente relacionado com a reatividade emocional do indivíduo, a hipersensibilidade à crítica, a suscetibilidade ao humor negativo, a tendência para a preocupação e a propensão para a psicopatologia (Costa & McCrae, 1980). Estes indivíduos têm dificuldade no controle de impulsos, dificuldade em lidar com o *stress* e ideias irracionais, fatores que caracterizam a compulsividade sexual.

1.5 Personalidade e Psicopatologia na Sexualidade

Em 2009, Reid e Carpenter conduziram uma investigação com uma amostra clínica com indivíduos diagnosticados com compulsividade sexual, utilizando o MMPI-2 (Butcher, Dahlstrom, Graham, Tellegen & Kaemmer, 1989) e verificaram a existência de valores mais elevados em escalas associadas ao Neuroticismo, tais como ansiedade, depressão e alienação social. Outro estudo efetuado em 2011 por Reid, Stein e Carpenter permitiu concluir que o neuroticismo é um preditor significativo da compulsividade sexual.

Este traço de personalidade surge como um dos mais relevantes para a psicopatologia, com destaque para a ansiedade e depressão e níveis elevados de neuroticismo aumentam a vulnerabilidade para o afeto negativo e as perturbações psiquiátricas. Existe uma relação direta entre o neuroticismo e a sintomatologia psicopatológica (Ormel, Rosmalen & Framer, 2004; Malouff, Thorsteinsson & Schutte, 2005).

As relações pontuais, baseadas apenas na relação sexual, caracterizam-se pela presença de três traços de personalidade: elevada Extroversão, baixa Amabilidade e baixa

Conscienciosidade, sendo a Procura de Sensações o traço que se relaciona mais diretamente com comportamentos sexuais de risco (Schmitt, 2008; Schmitt, 2004).

A vinculação também tem sido largamente estudada na sua relação com os traços. A vinculação ansiosa está associada ao Neuroticismo, a vinculação segura à Extroversão e Amabilidade e a vinculação evitante com o Neuroticismo e a Introversão (Shafer, 2001). Indivíduos com frieza interpessoal e vinculação evitante tendem a ter múltiplos parceiros sexuais e evitam relações amorosas duradoras, em parte, por medo da rejeição, enquanto indivíduos frios emocionalmente buscam um prazer cada vez mais intenso, numa forma egoísta, sem preocupação com o outro. Os indivíduos mais afetivos e emocionalmente estáveis encaram o sexo como uma oportunidade de partilha de afeto e intimidade (Markey, 2007).

Os traços de personalidade relacionados com a extroversão e procura de novas sensações estão relacionados com disponibilidade para novas experiências, procura de novos parceiros e procura de sensações mais intensa e estimulantes. O Traço Abertura à Experiência é o que está mais relacionado com o contexto do indivíduo e a forma como se adapta e relaciona com o meio ambiente. Está diretamente relacionado com questões motivacionais e leva a pessoa a agir, na tentativa de aumentar e melhorar a sua experiência. Indivíduos com elevados níveis neste traço tendem a não ser conservadores e sentem-se atraídos pela novidade e o desconhecido, o que os leva a comportamentos de risco (Lima, 1997; McCrae, 2009).

O comportamento sexual e as atitudes sexuais são o resultado da interação de aspetos cognitivos, afetivos e biológicos que são influenciados por dimensões da personalidade como a extroversão. A Abertura à Experiência tem uma grande influência na sexualidade, nomeadamente na atividade sexual, maternidade precoce e início precoce da atividade sexual, refletindo-se também numa vida sexual mais variada e atitudes e fantasias eróticas mais liberais. Esta dimensão da personalidade contribui para uma maior prevenção de comportamentos de risco e a manutenção de relações afetivas mais duradoras e sólidas.

A Abertura à Experiência está relacionada com a fantasia, a sensibilidade, intensidade de sentimentos e curiosidade, representa a procura e a apreciação da própria experiência. No instrumento de medida dos Big Five corresponde às seis facetas: fantasia, estética, sentimentos, ideias, valores e ações. Os indivíduos que revelam elevados níveis de Abertura à Experiência têm atração pela novidade, experiências intensas e complexas, são imaginativas, sensíveis à arte e à beleza, flexíveis e liberais (Lima, 1997; McCrae, 2009).

Os indivíduos com baixos níveis de Abertura à Experiência são conservadores, familiares, rotineiros e procuram segurança e simplicidade, sendo também mais inflexíveis e

demonstrando menos curiosidade. Parece haver uma relação entre a Abertura à Experiência e o traço de personalidade Procura de sensações que sugere que a procura de sensações fortes associadas a risco possam ser explicados pela Abertura à Experiência que também está ligada à impulsividade (McCrae, 2009).

Vários estudos sugerem que este traço é o que mais se relaciona com as atitudes sexuais e que desempenha um papel importante na sexualidade, ainda que todos os traços e a vinculação tenham influência na sexualidade humana. Surge associado à procura de prazer e a tomada de decisões de risco, uso de substâncias e menor preocupação com hábitos ou comportamentos saudáveis, fantasias eróticas e atitudes menos conservadoras em relação à sexualidade, maternidade precoce, relações desprotegidas e início precoce da atividade sexual nos homens. Existe uma associação entre a Abertura à Experiência, especificamente no traço Fantasia, e a motivação sexual, preocupação sexual e uma baixa satisfação sexual. Os indivíduos mais abertos à experiência apreciam pornografia, são recetivos à ideia de sexo em grupo e a uma relação com parafilias (Miller et al, 2004; Donnelan, Conger & Bryant, 2004; McCrae, 2009; Lima, 1997; Gonzalez & Ribeiro, 2004; Lauriola & Levin, 2001; Heaven et al, 2003; Fishbein & Ajzen, 1975).

O Traço Procura de Sensações também está associado à novidade, novas situações estimulantes e motivação para correr riscos, tendo com a Abertura à Experiência uma correlação muito superior às que se verificam com os outros traços de personalidade. Este traço é amplamente relacionado com comportamentos sexuais de risco, atividades radicais, atividades ilegais e uma menor probabilidade de prática de sexo seguro. Este traço sofre a influência do traço ansiedade da personalidade, existindo também uma relação positiva entre procura de sensações e ansiedade. Reflete-se, sexualmente, e, maior número de parceiros sexuais, atitudes sexuais mais permissivas, menor utilização do preservativo, relações sexuais extraconjugais ou fora da relação e maior promiscuidade (Zuckerman, 2000; Roberti, 2004; Aluja, Garcia & Garcia, 2003; Hoyle, Feijfar & Miller, 2000; Rabinowitz & Charles, 2004).

Podemos concluir que a personalidade e a psicopatologia desempenham um papel importante na etiologia da compulsividade sexual e também na sua manutenção, já que os indivíduos com compulsividade sexual tem características específicas da personalidade que os tornam vulneráveis e cuja predisposição para a psicopatologia pode atuar como fator precipitante para os comportamentos sexuais compulsivos. A compulsividade sexual surge, deste modo, como uma estratégia mal adaptativa para lidar com a angústia e ansiedade associados ao neuroticismo. Ainda que este desempenhe um papel importante na compulsividade sexual, este é mediado pela psicopatologia.

1.6 Atitudes sexuais

As atitudes são constructos hipotéticos que estão relacionados com uma organização estável das crenças que dá origem a determinada resposta a uma situação ou objeto, sendo os afetos o principal fator que as difere das atitudes de outros conceitos, determinando uma predisposição aprendida favorável ou desfavoravelmente para uma determinada resposta (Ajzen, 2005; Fishbein, & Ajzen, 1975; Eagly & Chaiken, 1993).

As atitudes são caracterizadas pela sua subjetividade e não refletem a realidade de um objeto, mas sim a forma com um determinado indivíduo vê esse mesmo objeto ou situação. São uma parte subjetiva do Eu, diretamente envolvida com os pensamentos, sentimentos e ações e, como tal, refletem uma manifestação da personalidade de cada ser humano que tende a cristalizar com a idade, sendo mais difícil mudá-las (Olson & Maio, 2003).

A atitude é constituída por uma componente afetiva, uma componente comportamental e outra cognitiva. A componente cognitiva reflete as ideias e crenças, a componente afetiva está ligada ao aspeto sentimental e a componente comportamental corresponde à ação desenvolvida sobre o objeto ou situação em causa. Contudo, o comportamento pode não ocorrer porque a atitude pode ser ativada sem que isso signifique agir sobre o objeto. As atitudes são aprendidas durante o processo de socialização, inicialmente através das crenças familiares, na adolescência, através dos grupos de pares e finalmente, na idade adulta sofrem a interferência do meio envolvente e da comunicação social (Fishbein & Ajzen, 1975; Olson & Maio, 2003).

Para avaliar estes constructos hipotéticos, tais como a personalidade e as atitudes é necessário recorrer a instrumentos de avaliação indiretos que avaliam o comportamento ou a resposta em relação a determinado estímulo o que permite inferir a atitude subjacente. O estudo das atitudes assume atualmente uma grande importância quando tratamos temas polémicos como a sexualidade, dado que nos permite conhecer melhor as motivações e o que leva o indivíduo a agir, o que permite intervir adequadamente (Ajzen, 2005).

As atitudes e o comportamento sexual partem de esquemas complexos que reúnem aspetos culturais, interpessoais e psicológicos e entendem-se por atitudes sexuais todas as atitudes que reflitam aspetos da vida sexual de um indivíduo, tais como aspetos sociais, biológicos e psicológicos. Podemos tomar como exemplo atitudes face à homossexualidade, ao aborto, à masturbação, ao prazer e às reações extraconjugais (Lopez & Fuertes, 1999).

Na base do comportamento sexual estão a procura da satisfação e alguns aspetos biológicos como motivadores para a ação, aspetos cognitivos ligados a crenças e ideias relacionadas com as atitudes e ainda os aspetos afetivos. Todos estes fatores vão modular

o comportamento sexual individualmente e a atividade sexual entre duas pessoas. Por sua vez, as consequências deste comportamento também irão influenciar estas componentes nos comportamentos futuros, tornando-se modeladores (Antunes, 2005; Davinson, 2008).

Após um longo período de restrição em que imperou a negação e a proibição, a sexualidade vive desde os anos 60 uma atitude cada vez mais permissiva, valorizando cada vez mais o prazer e a experimentação e originando uma maior abertura em relação aos comportamentos sexuais, criação de novas normas sociais e igualdade nos comportamentos sexual de homens e mulheres. Apesar do estudo das várias atitudes sexuais terem contribuído significativamente para o conhecimento da realidade, faltam ainda instrumentos que analisem as atitudes sexuais numa perspetiva multidimensional (Lopez & Fuertes, 1999; Antunes, 2005).

De acordo com Lopez & Fuertes (2005), podemos resumir as atitudes face à sexualidade a duas: a conservadora e a atitude liberal. A primeira remete a sexualidade para o papel da reprodução, enquanto a atitude liberal cria múltiplas possibilidades, ficando à responsabilidade de cada individuo o julgamento do seu comportamento. O início da relação sexual vai depender da religião, a religiosidade reduz a probabilidade de ter relacionamentos amorosos; os objetivos académicos que também atrasam o início da atividade sexual, da idade, que se relaciona fortemente com comportamentos sexuais de risco; depressão e perturbações do comportamento nas raparigas que aumentam a probabilidade de virem a ter sexo precocemente e do contexto socioeconómico (Hill, 2008).

Também se constatou que os homens têm comportamentos sexuais mais permissivos e as mulheres uma maior preocupação com informação e planeamento familiar, assim como os homens evoluíram positivamente nas atitudes afetivas na relação. Também se constatou que 95% dos homens e 99% das mulheres considera a contraceção como fazendo parte de uma sexualidade responsável (Antunes, 2005; Alferes, 1997; Dalton & Galambos, 2009).

As teorias sobre o funcionamento psicológico atribuem aos homens uma maior experiência e liberdade sexual, o que leva a atitudes sexualmente mais liberais, nomeadamente em relação ao sexo casual. Em comparação com as mulheres, os homens também apresentam uma maior motivação para as relações sexuais, assim como uma maior frequência e maior número de parceiros (Peterson & Hide, 2010).

No estudo "*National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles II*", realizado em 2009 no Reino Unido 90% da população inquirida refere relações vaginais, cerca de 87% afirma ter tido sexo oral e 25% referiu ter praticado sexo anal. Nas relações heterossexuais estes valores não apresentam diferenças significativas entre género. Também se verifica que os homens são mais disponíveis para relações sexuais casuais.

Em Portugal, principalmente as mulheres, iniciam a atividade sexual cada vez mais cedo, apesar de verificarem restrições socialmente impostas às mulheres. Neste mesmo estudo, 7% das mulheres e 3,2% dos homens considera o prazer sexual pouco importante. Verifica-se que o prazer na relação sexual assume uma importância muito grande para os jovens portugueses e que as diferenças entre género não são tão elevadas com teoricamente se pressupõe. Encontram-se diferenças na Permissividade e na experiência sexual, explicadas através da imagem que homens e mulheres pretendem dar de si próprios face a um contexto social (Hill, 2008; Matos, 2010; Petersen & Hide, 2010).

1.7 Comportamento Sexual e Ciclo de Resposta Sexual

A sexualidade acompanha o ciclo de vida, verificando-se mudanças no comportamento sexual ao longo dos anos. O desejo reduz-se com a idade, em ambos os sexos, mantendo-se mais estável e forte, nos homens e sendo relevante a frequência sexual, para a compreensão destes dados. Ao longo do século XX e início do século XXI observou-se uma quebra de limites entre o que era considerado público e privado e também se observou uma banalização da pornografia, o que é passível de promover perturbações nos processos simbólicos, quer ao nível individual, quer ao nível das mentalidades (Levine, 2002; Smith et al., 2011).

Atualmente recorre-se à estatística para definir o que são comportamentos sexuais normais ou típicos, a normalidade refere-se aquilo que a maior parte das pessoas fazem, acabando por se tornar norma ou comportamento comum, contudo, existe uma influência determinante do contexto socio cultural na determinação desta normatividade. A mente humana tem o poder de imaginar e raciocinar o que permite um comportamento sexual com uma complexidade que ultrapassa o ato sexual.

Segundo alguns teóricos distinguem-se três modalidades de interação sexual: o Fazer Sexo que resume a atividade sexual a uma performance ou partilha de prazer, o Ter Sexo como produto de troca e o Ser em que o sexo se baseia na procura de prazer e intimidade baseado na reciprocidade e amor, que permite partilhar e desenvolver relações afetivas duradouras. (Alferes, 1999; Agmo, 2007). Em ambos os sexos a paixão e a proximidade emocional surgem como as grandes motivações para a relação sexual, Passando para segundo plano o compromisso e o divertimento, demonstrando o género masculino maior interesse e disponibilidade para realizar novas experiências sexuais (Alvarez, 2008; Trotter & Anderson, 2007).

1.8 A Compulsividade Sexual

Não existe uma terminologia consensual para referir a Compulsividade Sexual, motivo pelo qual têm sido utilizados inúmeros conceitos pelos autores, tais como: hipersexualidade, compulsão sexual, impulsividade sexual e adição sexual. O *National Council on Sexual Addiction and Compulsivity* (SASH, 2004) definiu a compulsividade sexual como um padrão de comportamentos, ou um síndrome clínico caracterizado por fantasias, impulsos e comportamentos sexuais que são intensos e recorrentes interferindo e prejudicando o sujeito em várias áreas da sua vida, causando-lhe prejuízo a si e a terceiros. Incluem-se comportamentos que vão desde a masturbação e uso de pornografia, de forma excessiva a comportamentos com outra ou outras pessoas (Miner, Coleman, Center, Ross, & Rosser, 2007; SASH, 2004).

Alguns estudos têm demonstrado que para além do elevado sofrimento resultante das cognições e dos comportamentos sexuais compulsivos, os indivíduos com esta síndrome tendem a ter associados outros problemas psicopatológicos tais como tendências obsessivas, depressão e ansiedade, abuso de substâncias e fobia social e disfunção sexual (Raymond, Coleman & Minner, 2003; Schwartz & Abramowitz, 2003; Reid & Carpenter, 2009).

Também tem sido referida a elevada comorbilidade entre a compulsividade sexual e as perturbações do Eixo 1, tendo-se verificado que todos os indivíduos que preencheram critérios para a compulsividade sexual, também preencheram critérios para pelo menos uma perturbação do Eixo 1, em algum momento da sua vida. Destacam-se as perturbações de humor, com destaque para a distímia e a depressão maior, perturbações de ansiedade como a fobia social e adições. Este transtorno está intimamente relacionado com a ansiedade e por vezes a outros transtornos obsessivos e dificuldade de controlo de impulso. As dimensões da personalidade com pontuações mais elevadas foram a obsessão-compulsão, ansiedade, depressão e sensibilidade interpessoal (Reid, Carpenter & Loyd, 2009; Derogatis, 1994; Raviv, 1993).

Os indivíduos que sofrem de compulsividade sexual têm a noção que os seus comportamentos sexuais são excessivos, mas são incapazes de os controlar. A presença constante destes pensamentos relacionados com atividades sexuais provocam mal-estar e um nível de ansiedade elevado o que leva a que, em grande parte das situações, as escolhas sexuais não sejam coerentes com os objetivos e valores pessoais. Para ser considerado patológico, este comportamento sexual deverá causar sérias consequências inter pessoais e sofrimentos emocionais, ocupacionais, familiares e financeiros (Reid, Carpenter & Loyd, 2009; Reid & Carpenter, 2009).

Recentemente, foi proposto pela *American Psychiatric Association* (APA, 2010), que se incluísse esta variante de comportamento sexual no DSM-V com o termo de Perturbação Hipersexual, surgindo como uma perturbação do comportamento sexual, não parafilica, com uma forte componente de impulsividade. Samenow (2011) justifica a necessidade desta inclusão com o objetivo de se poder compreender melhor esta patologia e se poder trabalhar ao nível da prevenção e ajuda necessária à atenuação das consequências negativas associadas a este tipo de sintomatologia.

O transtorno hipersexual é proposto como um novo transtorno psiquiátrico na secção de distúrbios sexuais, no novo DSM-V. Com base numa extensa revisão da literatura, o Transtorno Hipersexual é referido como um distúrbio do desejo sexual, não parafilico e com uma forte componente de impulsividade, incluindo desregulação da excitação e do desejo sexual (Behavior Sex archives, 2010).

Os critérios de diagnóstico para os Transtornos Híper sexuais são os seguintes:

1. A existência de fantasias sexualmente excitantes recorrentes e intensas, impulsos ou comportamentos sexuais que persistam durante um período de pelo menos seis meses e se encaixem na definição de parafilias.
2. As fantasias, impulsos ou comportamentos sexuais causam desconforto ou comprometimento clinicamente significativo na área social, ocupacional ou outras áreas importantes.
3. Os sintomas não encontram causa em outros transtornos, como por exemplo, no Episódio Maníaco.
4. Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (abuso de droga ou medicamento) ou à afeção clínica geral.

O sujeito com compulsividade sexual sente emoções negativas, como solidão, baixa autoestima e elevados níveis de ansiedade, que o levam a desenvolver determinados comportamentos sexuais com o objetivo de diminuir este desconforto. O problema surge porque estes comportamentos apenas o satisfazem pontualmente, o que recria a necessidade de uma nova atividade sexual que leva a sentimentos de culpa, angústia, culpa e remorso que aumentam progressivamente.

Este comportamento induz uma sensação de descontrolo e um historial de tentativas fracassadas para regular o comportamento sexual, com elementos comuns a outras disfunções psiquiátricas, tais como sofrimento subjetivo e deficits nas estratégias de *coping* para lidar com experiências afetivas desconfortáveis, como por exemplo a ansiedade, por causa da utilização do comportamento sexual como forma de regulação afetiva. A conduta compulsiva pode surgir num comportamento individual com comportamentos com a

masturbação e a pornografia ou num contexto de interação como cibersexo, clubes de sexo e relações múltiplas (Cooper, Scherer, Boies & Gordon, 1999).

O mal-estar instala-se e provoca a reativação das emoções negativas vividas inicialmente, criando o ciclo compulsivo. O sexo passa a ser utilizado como uma fuga de situações de tensão, *stress*, sofrimento, solidão ou raiva. Estes comportamentos podem surgir subitamente em qualquer idade, por vezes na adolescência, com a masturbação compulsiva ou ser esta apenas uma base da compulsão na idade adulta (Kalichman & Rompa, 1995; Kalichman & Cain, 2004; Bergner, 2002; Kafka & Hennen, 2002).

Como fatores de risco, na origem destes comportamentos, podemos encontrar relacionamentos familiares destrutturados, contextos de toxicodependência, facilidade de acesso e abuso de conteúdos pornográficos na Internet e também abuso sexual na infância. Nestes casos a compulsividade sexual surge como uma forma de lidar com as emoções desconfortáveis desse abuso que se manifestam através de vergonha, ansiedade e baixa autoestima (Ballone, 2003; Perera, Reece, Monahan, Billingham & Finn, 2009).

Este comportamento, tem um impacto negativo na vida do sujeito, a nível, emocional, social e afetivo, pode provocar um afastamento das pessoas mais significativas e um sentimento de culpa e vergonha, sempre acompanhadas dum processo ansioso crescente. A exposição repetida a situações resultantes de comportamentos de risco pode originar gravidezes indesejadas ou a contaminação do sujeito com doenças sexualmente transmissíveis, o que pode preocupar e perturbar mais ainda o sujeito (Kalichman & Rompa, 1995; Kalichman & Cain, 2004; SASH, 2012; Muench & Parson, 2004).

As consequências destes comportamentos sexuais podem ser mais graves se surgirem problemas legais associados a assédio sexual, prostituição, exibicionismo, voyeurismo, violação, incesto e pedofilia (SASH, 2012). É frequentes estes indivíduos comprometerem a situação profissional uma vez que a diminuição de produtividade é frequente. Por vezes surgem dívidas e graves problemas financeiros decorrentes das atividades em que se envolvem para obter sexo e o afastamento progressivo das responsabilidades e manutenção do próprio modo de vida que sustenta o individuo (SASH, 2012, Kafka, 2010; Balloone, 2003; Kingston & Firestone, 2008; Muench & Parson, 2004; Kalichman & Rompa, 1995).

Apesar de a maioria dos estudo indicarem que a atividade sexual diminui em estados emocionais negativos, existem exceções que podem estar associadas à compulsividade sexual. O aumento acrescido pelo interesse nas práticas sexuais surge, segundo os autores, como uma forma de aliviar e controlar estados emocionais negativos como a depressão e a ansiedade (Reid, Carpenter & Loyd, 2009; e.g. Bancroft et al, 2003; Kuffel & Heiman, 2006;

Black, Kehrberg, Flumerfelt & Schlosser, 1997; Reid et al, 2009; Raymond, Coleman & Miner, 2003).

Ainda que temporariamente, estes indivíduos pretendem diminuir a angústia psicológica e o envolvimento sexual surge pela necessidade de um contato íntimo ou de melhorar a sua auto estima e uma forte motivação para inverter o seu humor negativo (Bancroft & Vukadinovic, 2004). Também existem outras associações, com o é o caso da Perturbação Obsessivo Compulsiva (POC) e o jogo patológico, estando presente neste último o fator dependência. Antecedentes de excessos repetidos com álcool, substâncias psicoativas e jogo patológico tornam-se fatores de risco para a compulsividade sexual (Black & Moyer, 1998; Lochner & Stein, 2006; Carnes, 1989).

A impulsividade é outra das características preditoras da compulsividade sexual, sendo um dos fatores que favorece o envolvimento em comportamentos sexuais de risco (Bancroft & Vukadinovic, 2004). Segundo Kafka (2010) a impulsividade surge como uma parte estruturante do conceito de perturbação hipersexual, sendo responsável pelo aumento da frequência a intensidade dos impulsos.

A hipersexualidade tem sido correlacionada com a psicopatologia, através de algumas manifestações que incluem ansiedade, depressão (Raviv, 1993; Raymond, Coleman & Minner, 2003), somatização, sensibilidade interpessoal, transtorno obsessivo compulsivo, *stress* pós traumático, déficit de atenção e baixa auto estima (Baldwin, Baldwin & Ewald, 2006; Bronw, 2004; Gilbert, 2000; Nathanson, 1992; Harder, 1995). As perturbações de personalidade, humor e de ansiedade também foram consideradas condições associadas aos comportamentos sexuais compulsivos (Putnam, 2000; Friedman, 1988 Benjamin & Benjamin, 1995).

Na ausência de estratégias de *coping* adequadas, défices na regulação afetiva influenciam o comportamento sexual excessivo assim com estados e humor alterados por vulnerabilidade ao *stress* também podem desencadear comportamentos híper sexuais que têm como função permitir ao individuo desligar-se de emoções desagradáveis (Reid et al, 2008; Raymond, Coleman & Minner, 2003; Kafka & Prentky, 1998; Kafka & Hennen, 2002).

Segundo estes autores, os sujeitos sexualmente compulsivos têm uma percentagem muito elevada de comorbilidade com outras perturbações psiquiátricas, destacando-se as perturbações de humor e de ansiedade que estão presentes entre 64 e 81% dos indivíduos com compulsividades sexual, verificando-se um aumento da frequência dos comportamentos em estados de humor negativo. Verifica-se ainda que os jovens adultos constituem a faixa etária mais vulnerável aos diversos tipos de compulsividade sexual, sendo mais aventureiros e expostos a riscos. (Bancroft & Vukadinovic, 2004).

No entanto, para ser considerada psicopatológica, para além duma atividade sexual incomum, o comportamento sexual compulsivo deve causar sofrimento emocional e sérias consequências interpessoais, familiares, financeiras e ocupacionais, o que não resolve a polémica. Se estamos perante uma sexualidade patológica, na qual as fantasias e o desejo sexual ocupam quase que totalmente os pensamentos do indivíduo, estamos perante um quadro Obsessivo Compulsivo com sintomatologia sexual. Se estamos perante uma pessoa que procura gratificação sexual sem ter em conta considerações morais, éticas e legais estamos perante um Transtorno Sociopático ou Borderline da Personalidade, com sintomas sexuais (Ballone, 2008).

A Ansiedade é uma resposta emocional muito complexa, resultante de uma interação entre situações individuais e estímulos específicos que se traduzem através de um padrão variável de respostas cognitivas, fisiológicas e motoras (Ortiz & Ortiz, 2003). Segundo Steinke & Wright (2006) a ansiedade tem uma associação negativa com a satisfação sexual, especificamente com a fase de excitação, criando um efeito contrário (Chambless & Lifhitz, 1984; Kaplan, 1974, citados por Van-Minnen & Kampman, 2000), apesar de existirem estudos que afirmam o contrário, que a ansiedade pode facilitar a excitação sexual e não a afeta, o que reflete a subjetividade da resposta sexual no ser humano (Hoon et al, 1977; Palace & Gorzalka, 1990, citados por Van-Minnen & Kampman, 2000).

Diversos estudos indicam que o baixo ajustamento emocional, nomeadamente a depressão e a ansiedade são preditores de compulsividade sexual e o aumento da resposta sexual durante os estados ansiosos prediz de forma significativa a compulsividade em ambos os sexos, o que sugere que o comportamento sexual possa funcionar como uma função de *coping* (Reid et al, 2009; Bancroft & Vukadinovic, 2004).

Goodman (1993) defende que os transtornos aditivos se situam na interceção dos transtornos compulsivos, tendo como objetivo a redução da ansiedade através de uma atitude e transtornos impulsivos os que envolvem a gratificação através da repetição de um impulso. Alguns autores defendem ainda que o termo adição deveria ser limitado aos transtornos causados pelo uso de substâncias. De qualquer forma, estes sintomas têm na origem mecanismos neurobiológicos que envolvem os sistemas serotoninérgico, noradrenérgico, dopaminérgico e de opióides. Este transtorno é um desafio para os pesquisadores devido à polémica que existe sobre a definição das características principais e a amplitude do próprio comportamento (Ballone, 2008).

Também a alexitimia, associada a quadros de depressão, ansiedade e doenças psicossomáticas, surge associada a comportamentos compulsivos, o que se explica devido à dificuldade que surge, nestes indivíduos, em regular as emoções através de estratégias psicológicas saudáveis. Na dificuldade perante a análise das emoções internas, o sujeito

orienta-se para o exterior e os défices na regulação afetiva podem originar comportamentos sexuais excessivos, segundo estudos dos seguintes autores. (Reid et al, 2008; Bagby et al, 2009; Guigliano, 2006; Kafka & Hennen, 2002).

De acordo com estudos efetuados, os afetos negativos são um preditor para a compulsividade sexual em ambos os sexos onde foram encontrados níveis elevados de emocionalidade negativa nos sujeitos analisados. Os sujeitos envolvem-se em comportamentos sexuais de forma excessiva para lidar com as emoções de uma forma mal adaptativa que depois lhes causa um intenso sofrimento. Estes comportamentos tornam-se compulsivos e perpetuam-se porque, permitem um alívio, mesmo que apenas psicológico (Adams & Robinson, 2011; Bergner, 2002; Reid et al, 2008, Hunt & Eisenberg, 2010).

Outros autores consideram que o comportamento sexual compulsivo é uma forma de compensação para aliviar a tensão associada à regulação das emoções e gostar de fazer sexo com mais frequência, não significa uma relação de dependência com este tipo de prazer, podendo ser apenas uma maior expressão da sexualidade. (Adams & Robinson, 2001; Wilson, 2000).

Nos estudos referidos constatou-se que os homens tendem a apresentar níveis mais elevados de compulsividade, em relação às mulheres, o que sugere mecanismos de vulnerabilidade à compulsividade sexual inerentes ao sexo masculino tais como uma necessidade de recorrer a atividade sexual para regular a sua emocionalidade (e.g. Levine & Troiden, 1988; Perera et al., 2009; Missildine, Feldstein, Punzalan & Parsons, 2005; Perry Accordino & Hewes, 2007; Kalichman & Rompa, 1995; Goodman, 1993; Winters, Christoff & Gorzalka, 2010).

Outros estudos indicam a prevalência de níveis mais elevados de compulsividade sexual em populações específicas, tais como indivíduos portadores de VIH (Kalichman & Rompa, 2001; Reece, 2003; Reece, Plate & Daughtry, 2001), bissexuais e homossexuais (Grant & Potenza, 2006), assim como em ofensores sexuais, devido à exposição a maiores níveis de promiscuidade (Marshall & Marshall, 2006). Cerca de 19% dos portadores de Comportamento Sexual Compulsivo tenta o suicídio e as preocupações legais são uma preocupação para vários pacientes (Ballone, 2008).

A compulsividade sexual também tem sido identificada em cerca de 3% a 6% da população em geral, segundo Coleman (2005), e o impulso sexual excessivo surge com uma preponderância para o sexo masculino (Goodman, 1993), calculando-se que estes dados estejam subestimados, devido à influência de limitações morais e desejabilidade social (Black, 2000; Carnes, 1989; Coleman, 1992; Goodman, 1993, citados por Kingston & Firestone, 2008).

Falar em promiscuidade implica termos presente a diversidade e sucessão de parceiros sexuais, que se caracteriza por relacionamentos exclusivamente de cariz sexual, com rotação sucessiva de parceiros, não implicando compromisso ou vínculo afetivo e de pouco tempo de duração. Quando se fala de homens e desejo sexual por indivíduos do mesmo sexo, os níveis de testosterona, a procura obsessiva de um parceiro ideal e a competitividade e agressividade tornam-se facilitadores de um comportamento sexual promiscuo na homossexualidade masculina (Rathus et al, 2005; Andrae, 2003)

A rotação de parceiros nos homossexuais masculinos pode atingir algumas centenas de relacionamentos sexuais de maior ou menos duração durante a vida. Os pontos de acesso urbanos destinados aos “engates” homossexuais masculinos, tais como locais de cruising, casas de banho públicas, saunas, quartos escuros, guetos noturnos e sítios de encontros proliferam e são cada vez mais procurados, atraindo um maior número de indivíduos, onde se incluem bissexuais (Nicolos, 1991; Rathus et al, 2005; Cameron, 2002).

Ressalva-se que sendo um comportamento tendencial, não é um comportamento generalizado que pode ser observado em heterossexuais masculinos, uma vez que os mesmos estudos indicam que o que define a promiscuidade na homossexualidade é o determinante masculino e não o ser homossexual (Rathus et al, 2005; Shankle, Maxwell, Katzman & Landers, 2003; Cameron, 1993).

A compulsividade leva a um aumento dos recursos e de tempo útil na procura de parceiro(a) para se satisfazer. Afeta o trabalho, as finanças e a família. Paralelamente, surgem, a criação de rituais e manobras que constroem uma vida de mentiras que gira à volta do sexo. Depois do sexo surge a angústia, o arrependimento e a culpa e também pensamentos estereotipados que aumentam novamente a ansiedade (Carnes, 1989).

Segundo Carnes, (1989) existem quatro estádios que caracterizam esta patologia e a partir dos quais o individuo evolui: no primeiro, denominado Fissura, o sujeito fica envolvido em pensamentos muito fortes sobre sexo, estes tornam-se dominante e acaba por procurá-lo em todo o lado. De seguida surge a Ritualização, estágio durante o qual desenvolve rotinas que levam ao comportamento sexual, passando inclusive, a incluir nas suas rotinas a passagem por locais que o estimulem sexualmente, tais como locais de prostituição ou aceder à internet e a pornografia.

A Fase da Gratificação Sexual implica um grande envolvimento com o sexo e normalmente o individuo já não consegue parar ou controlar-se até consumir o ato sexual. Segue-se o desespero, fase em que o individuo se sente fraco e com remorsos sobre o seu comportamento, sentindo-se impotente e tomando consciência do seu problema.

1.9 Satisfação Sexual

Entende-se por satisfação Sexual a percepção subjetiva de bem-estar e agrado pela atividade sexual, como um a resposta afetiva que resulta das avaliações que o individuo faz da sua relação sexual, em função do cumprimento das suas necessidades e expetativas sexuais, em relação a si próprio e ao parceiro(a) (Offman & Matheson, 2005).

A satisfação sexual é mediada por vários fatores sexuais e não sexuais, apesar de se reconhecer que existe uma interação recíproca entre fatores emocionais e sexuais (Sprecher, Christopher, & Cate, 2006). A satisfação sexual define-se como uma resposta afetiva resultante da avaliação subjetiva das dimensões positivas e negativas, perdas e ganhos associados à relação sexual, concebendo assim o grau de satisfação que o individuo obteve com o aspeto sexual da sua relação (Lawrence & Byers, 1995; Byers, 2005).

Apesar de ser feita a nível individual, esta avaliação vai reportar aspetos diretamente relacionados com a relação e o contexto de vida do individuo, assim como o bem-estar individual. A sexualidade tem uma narrativa própria que difere em idades e sexo diferentes, estando para além da imagem da relação. Para entendermos o funcionamento sexual, é importante distinguir aspetos relacionados com a própria sexualidade, fatores individuais, relacionais e contextuais (Nichols, 2008; Davison, Bell, La China, Holden & Davis, 2009; Perel, 2008).

A satisfação depende da avaliação de cada elemento, tornando-a subjetiva e fortemente influenciada por diversas variáveis que atuam sobre a percepção dos envolvidos na relação e finalmente sobre a consideração que fazem sobre a satisfação sexual obtida (Garcia & Cano, 2009).

O relacionamento conjugal está associado à saúde e qualidade de vida, principalmente nos anos de maturidade e velhice, embora o fato de um casamento durar não necessariamente signifique que o mesmo é satisfatório para os cônjuges. Diversos estudos indicam que a satisfação com a intimidade emocional é uma dimensão importante para a satisfação sexual dos individuos de ambos os géneros (Haning et al., 2007; McCabe, 1999).

A intimidade emocional é uma variável relacional que explica uma percentagem significativa da variância da satisfação sexual em homens e mulheres. Este resultado acentua o impacto das variáveis relacionais, em detrimento das individuais, na explicação da satisfação sexual.

Os fatores relacionais, em geral, e intimidade emocional, em particular, são fundamentais para a satisfação sexual conjugal e permitem analisar o impacto da satisfação relacional em diferentes áreas da vida conjugal e na satisfação sexual sendo diversas investigações unânimes quanto à forte relação entre satisfação sexual e com a relação com o parceiro. (Christopher & Sprecher, 2000; Greef & Malherbe, 2001; McCabe, 1999).

A satisfação sexual está relacionada com a atividade sexual realizada, sendo a penetração aquela que mais está associada com medidas de satisfação e surgindo as disfunções mais associadas a homens do que a mulheres, apesar da dificuldade em atingir o orgasmo e a falta de libido também influenciar a avaliação da relação sexual com o parceiro (Brody & Costa, 2009; Bhugra, 2004).

Estudar a satisfação sexual remete-nos para a diversidade sexual, em que se incluem as interações sexuais compreendidas e demarcadas em contextos socio culturais específicos. As interações do indivíduo, a imaginação e investimento originam respostas fisiológicas conhecidas por resposta sexual. Esta variedade de interações inclui práticas tais como carícias, beijos, felação, penetração, exibicionismo e *voyeurismo*. Relacionam-se diretamente com a satisfação que originam em função da frequência com que são realizadas e permitem chegar ao orgasmo (Parish et al, 2007; Lawrence & Biers, 1995).

Existe também a criação de expectativas em relação à performance e à satisfação do parceiro, que em conjunto com as características pessoais, tais como a personalidade e o desejo de perfeccionismo podem influenciar e comprometer a satisfação sexual (Byers, 2011; Habke, Hewitt & Flett, 1999). Esta resposta afetiva resulta das avaliações que o indivíduo faz da sua relação sexual, em função das percepções que tem face ao cumprimento dos objetivos inicialmente estabelecidos para si e para o casal (Ortiz, 2003).

Vários estudos científicos demonstram existir uma relação entre algumas variáveis sociodemográficas e a satisfação sexual. A orientação sexual, a importância do amor, o estado de interação sexual, a religião, o estado civil, ao fato de ter filhos, são fatores que intervêm na satisfação sexual. Segundo vários autores, uma maior satisfação sexual está associada a um nível académico mais elevado (Acuna & Ceballos, 2005), em jovens adolescentes as crenças positivas e motivação para o sexo são preditores de maior satisfação sexual (Impett & Tolman, 2005).

As crenças religiosas também apresentam uma forte relação com a satisfação sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Lauman et al, 1994, citados por Barrientos, 2003) e finalmente o conceito de género (Nobre & Pinto-Gouveia, 2006). De acordo com a OMS (World Health Organization, 2010) a saúde sexual sofre uma influência significativa através da interação dos sistemas biológico, psicológico, económico, político social, religioso e espiritual, na construção que o indivíduo faz ao longo da vida, interagindo em sociedade.

A sexualidade acompanha o ciclo de vida, verificando-se mudanças no comportamento sexual ao longo dos anos, o desejo reduz-se com a idade, em ambos os sexos, mantendo-se mais estável e forte, nos homens e sendo relevante a frequência sexual. (Levine, 2002; Smith et al., 2011).

Podemos concluir que a satisfação sexual depende de uma multiplicidade de fatores, individuais, relacionais, sexuais e ambientais que concorrem para uma experiência subjetiva que é a sexualidade.

Diversos estudos indicam que o baixo ajustamento emocional, nomeadamente a depressão e a ansiedade são preditores de compulsividade sexual e o aumento da resposta sexual durante os estados ansiosos prediz de forma significativa a compulsividade em ambos os sexos, o que sugere que o comportamento sexual possa funcionar como uma função de *coping* (Reid et al, 2009; Bancroft & Vukadinovic, 2004).

Capítulo 2

Metodologia

2.1 Objetivos e Hipóteses

Este estudo tem como estudar as relações existentes entre as dimensões implicadas e a forma como alguns fatores tais como o sexo, a existência de relação, estado civil, religião e orientação sexual influenciam estes resultados.

O ponto de partida deste trabalho foi a necessidade de compreender o papel do domínio da personalidade Abertura à Experiência e Satisfação sexual nos comportamentos e atitudes sexuais e de que forma se relacionam com a Compulsividade Sexual.

A nossa amostra foi constituída por 55% de participantes adultos do sexo feminino e 45% do sexo masculino, no qual a sua média de idades é de 36,40 anos.

Com base nos estudos e literatura referidos ao longo deste trabalho foram formuladas as seguintes hipóteses:

H1 – É esperado que existam diferenças significativas no comportamento sexual entre homens e mulheres.

A sexualidade difere em sexo e idades diferentes, daí a importância de distinguir fatores individuais e contextuais (Nichols, 2008; Davison et al, 2009; Perel, 2008). Em diversos estudos, constatou-se que os homens apresentam níveis mais elevados de compulsividade em relação às mulheres (e.g. Levine & Troiden, 1988; Perera et al., 2009; Missildine, Feldstein, Punzalan & Parsons, 2005; Perry Accordini & Hewes, 2007; Kalichman & Rompa, 1995; Goodman, 1993; Winters, Christoff & Gorzalka, 2010) e o impulso sexual excessivo surge com uma preponderância para o sexo masculino (Goodman, 1993).

H2 – É esperado que existam diferenças significativas no comportamento sexual entre participantes relativamente à existência de Relação.

O relacionamento conjugal está associado à saúde e qualidade de vida, principalmente nos anos de maturidade e velhice, apesar da existência de uma relação não significar que esta é satisfatória para os envolvidos. Diversos estudos indicam que a satisfação com a intimidade emocional é uma dimensão importante para a satisfação sexual dos indivíduos de ambos os géneros (Haning et al., 2007; McCabe, 1999).

A intimidade emocional é uma variável relacional que explica uma percentagem significativa da variância da satisfação sexual em homens e mulheres. Este resultado acentua o impacto das variáveis relacionais, em detrimento das individuais, na explicação da satisfação sexual.

H3 – Espera-se que existam diferenças significativas entre os grupos das variáveis Idade, Religião e Orientação Sexual em relação às atitudes perante o sexo.

De acordo com os estudos de Bancroft & Vukadinovik, (2004), confirma-se que os jovens adultos são a faixa etária que apresenta maiores índices de compulsividade sexual e também a faixa etária com maior satisfação sexual (Impet & Tolman, 2005). O desejo reduz-se com a idade e as crenças e atitudes associadas à sexualidade são determinantes para o funcionamento sexual do indivíduo.

As crenças e atitudes associadas à sexualidade são determinantes para o funcionamento sexual do indivíduo, como parte integrante do eu contexto sociocultural (Brodwin, 1975; Miller 1975). A cultura e religião provocam uma grande diversidade de respostas sexuais (Smith, 2006; Antunes, 2005). O início das relações sexuais vai depender da religião, a religiosidade reduz a probabilidade de ter relacionamentos amorosos (Hill, 2008).

Outros estudos indicam a prevalência de níveis mais elevados de compulsividade sexual em populações específicas, tais como bissexuais e homossexuais (Grant & Potenza, 2006), devido à exposição a maiores níveis de promiscuidade (Marshall & Marshall, 2006).

H4 – Os homens são mais permissivos sexualmente e têm mais abertura a novas experiências do que as mulheres.

O objetivo desta hipótese é perceber a relação entre o domínio da personalidade Abertura à Experiência, avaliado através da Escala de Procura de Novas Sensações e a atitude permissiva avaliada na Escala de Orientação Sócio Sexual. É esperado que os indivíduos com valores mais elevados na dimensão Procura de Sensações, apresentem valores mais elevados na escala de Escala de Orientação Sócio Sexual, já que esta dimensão da personalidade tem influência nas escolhas ao nível da sexualidade, especificamente na procura de novas experiências e numa maior permissividade.

Como grupo, os homens são mais permissivos na maioria das atitudes e comportamentos sócio sexuais, tais como sexo casual sem compromisso nem investimento e as mulheres mais restritas (Simpson & Gangestad, 1991). Nestas relações pontuais, o traço que se relaciona mais diretamente com comportamentos sexuais de risco é a procura de sensações (Schmitt, 2008).

Encontram-se diferenças na experiência sexual e na permissividade e os homens, em comparação com as mulheres, apresentam uma maior motivação para as relações sexuais (Peterson & Hide, 2010).

H5 – Existem diferenças na Satisfação Sexual entre os grupos das variáveis sociodemográficas.

A satisfação depende da avaliação de cada elemento, tornando-a subjetiva e fortemente influenciada por diversas variáveis que atuam sobre a percepção dos envolvidos na relação e finalmente sobre a consideração que fazem sobre a satisfação sexual obtida (Garcia & Cano, 2009).

Vários estudos científicos demonstram existir uma relação entre algumas variáveis sociodemográficas e a satisfação sexual. A orientação sexual, e existência de relação, a religião, o estado civil, ao fato de ter filhos, são fatores que intervêm na satisfação sexual. Uma maior satisfação sexual está associada a um nível acadêmico mais elevado (Acuna & Ceballos, 2005).

As crenças religiosas também apresentam uma forte relação com a satisfação sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Lauman et al, 1994, citados por Barrientos, 2003) e finalmente o conceito de gênero (Nobre & Pinto-Gouveia, 2006). A sexualidade acompanha o ciclo de vida, verificando-se mudanças no comportamento sexual ao longo dos anos, o desejo reduz-se com a idade, em ambos os sexos. (Levine, 2002; Smith et al., 2011).

H6 - Existe uma relação entre a Compulsividade, a Satisfação Sexual e a Procura de Novas Sensações.

Segundo os autores da NESS, participantes com problemas sexuais revelaram repetidamente uma satisfação sexual baixa. Alguns autores associam a compulsividade sexual a dimensões da personalidade tais como a instabilidade emocional (Reid, Carpenter, Spackman & Willws, 2008); outros, associam-na à solidão e baixa auto-estima produzidas por relações pontuais, baseadas apenas em relações sexuais (Schmitt, 2008; Schmitt, 2004).

Os traços de personalidade relacionados com a extroversão e procura de novas sensações estão relacionados com disponibilidade para novas experiências, procura de novos parceiros e procura de sensações fortes e estimulantes. O traço abertura à experiência está relacionado com as questões motivacionais que leva o indivíduo a agir para aumentar a sua satisfação (Lima, 1997; McCrae, 2009).

Existe uma associação entre Abertura à Experiência, especificamente no traço Fantasia e uma baixa Satisfação Sexual. Os indivíduos mais abertos à experiência são mais liberais e promíscuos e apresentam maior motivação para experiências sexuais (Miller et al, 2004; Donnelan, Conger & Bryant, 2004; McCrae, 2009; Lima, 1997; Gonzalez & Ribeiro, 2004; Lauriola & Levin, 2001; Heaven et al, 2003; Fishbein & Ajzen, 1975).

H7 - A Promiscuidade e comportamentos sexuais extremos são um determinante masculino.

Falar em promiscuidade implica termos presente a diversidade e sucessão de parceiros sexuais, que se caracteriza por relacionamentos exclusivamente de cariz sexual, com rotação sucessiva de parceiros, não implicando compromisso ou vínculo afetivo e de pouco tempo de duração (Rathus et al, 2005; Andreae, 2003). Segundo Lopez & Fuertes (2005) as atitudes sexuais reduzem-se a duas: a conservadora e a liberal.

Outros estudos apontam para a prevalência de níveis mais elevados de compulsividade sexual em bissexuais e homossexuais (Grant & Potenza, 2006).

A rotação de parceiros nos homossexuais masculinos pode atingir algumas centenas de relacionamentos sexuais de maior ou menos duração durante a vida. Os pontos de acesso urbanos destinados aos “engates” homossexuais masculinos são cada vez mais procurados, atraindo um maior número de indivíduos, onde se incluem bissexuais (Nicolos, 1991; Rathus et al, 2005; Cameron, 2002).

Ressalva-se que sendo um comportamento tendencial, não é um comportamento generalizado e pode ser observado em heterossexuais masculinos, uma vez que os mesmos estudos indicam que o que define a promiscuidade na homossexualidade é o determinante masculino e não o ser homossexual (Rathus et al, 2005; Shankle et al, 2003; Cameron, 1993).

Segundo os autores da Escala de Atitudes Perante o Sexo, existe uma relação entre as dimensões Erotofobia e Erofilia da Escala de Atitudes perante o Sexo e o comportamento sexual, sendo estas relacionadas com a permissividade sexual, abertura para práticas sexuais diversas, instrumentalidade e culpa sexual (Fisher, 1977).

A Escala de Orientação Sócio Sexual avalia a disposição para relações sexuais casuais e sem compromisso e permite aceder ao comportamento sexual passado e antecipar o comportamento sexual futuro e o conteúdo das fantasias. Segundo os autores existem diferenças significativas entre homens e mulheres, destacando-se os homens com maior permissividade e disponibilidade para sexo casual, sem compromisso e investimento (Simpson & Gangestad, 1991).

A Escala de procura de Sensações Sexuais avalia a disposição para a procura de variedade e complexidade sexual implicando riscos físicos e psicológicos nessa procura de sensações (Kalichman, S., 1994).

É esperado que os homens pontuem com valores superiores nas três escalas.

2.2 Amostra

2.2.1 Critérios de Inclusão

Foram considerados critérios de inclusão para ambos os sexos, a idade superior a 18 anos e residência em Portugal.

2.2.2 Seleção e Recolha da Amostra

Os participantes foram recrutados de forma aleatória através de contactos de endereços eletrónicos. Dada a natureza íntima do questionário optou-se por colocar o mesmo *online*, no Google Docs, no período compreendido entre 1 de fevereiro e 30 de setembro de 2013, de forma a garantir o anonimato e confidencialidade, assim como evitar que as respostas em questionário de papel condicionassem ou inibissem os participantes, dada a elevada desejabilidade social esperada, neste caso. O tempo de resposta varia entre trinta e quarenta e cinco minutos. Para superar algumas dificuldades que surgiram, tais como uma maior participação de elementos do sexo feminino, para completar o número de participantes necessários a esta investigação foram feitos alguns questionários presencialmente, de uma forma mais tradicional, e posteriormente lançadas as respostas na base de dados. Todos os participantes foram informados dos objetivos do estudo, do anonimato, confidencialidade e não houve qualquer remuneração para este efeito.

2.2.3 Caracterização da Amostra

Para realizar esta investigação, recorreremos a uma amostra aleatória e probabilística, condição necessária para que a amostra seja representativa da população portuguesa.

Neste tipo de amostra, todos os participantes são adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 84 anos, residentes em Portugal.

Dado que se pretende que a amostra em estudo seja representativa da população é importante definir a dimensão da amostra para o presente estudo, pelo que a amostra deste estudo foi constituída por 300 participantes de ambos os sexos que se enquadrem nos critérios de inclusão. A idade média é 36,40 anos e o desvio padrão 11,686.

Para sistematizar as informações recolhidas, foi utilizada a estatística descritiva, mais concretamente as frequências absolutas (n°), as frequências relativas (%), médias ($\bar{x}$), Desvio Padrão (σ), Valor Mínimo ($X_{\min.}$) e Valor Máximo ($X_{\max.}$), tendo em conta os dados em análise.

2.2.4 Análise Descritiva

Neste subcapítulo, iniciaremos a apresentação e análise dos resultados do questionário sociodemográfico dos participantes inquiridos. Conforme se pode verificar através da Tabela 1 que faz a caracterização sócio demográfica da amostra, os participantes do sexo masculino ($N=135$), que representam 45% da amostra, apresentaram uma idade média de 37,81 anos, que variou entre os 18 e os 84 anos, com um desvio padrão de 11,73.

Observa-se que uma maioria de participantes que são solteiros ou casados e predominam os participantes com ensino secundário ou licenciatura. A maioria dos homens deste estudo são heterossexuais constatando-se, no entanto, uma percentagem de 28,1% de indivíduos que tiveram experiencias sexuais com ambos os sexos.

Os participantes do sexo feminino ($N=165$), que representam 55% da amostra, apresentaram uma idade média de 35,25anos, que variaram entre os 18 e os 75 anos e com um desvio padrão de 11,55.

As participantes são maioritariamente casadas ou solteiras e com grau de Ensino secundário ou licenciadas. Quanto à Orientação Sexual destacam-se as mulheres heterossexuais, existindo 16,4 % de mulheres que tiveram experiencias sexuais com ambos os sexos.

Tabela 1 - Caraterização sociodemográfica da amostra

	Grupo				X ²
	Homens (N=135; %=45)		Mulheres (N=165; %=55)		
	N	%	N	%	
Estado Civil					,994
Solteiro	48	35,62	64	38,82	
Casado/União de Fato	65	48,13	74	44,88	
Divorciado/Separado	20	14,86	26	15,83	
Viúvo	2	1,53	1	,60	
Relação					*8,523
Sim	82	60,78	126	76,48	
Não	53	39,35	39	23,62	
Escolaridade					**20,925
Ensino Primário	16	11,90	1	,64	
Ensino Secundário	59	43,76	64	38,82	
Licenciatura	36	26,77	62	37,64	
Pós-Graduações/Mestrado	22	16,34	36	21,87	
Doutoramento	2	1,51	2	1,22	
Religião					*6,381
Sem Religião	53	39,3	47	28,54	
Católica	51	37,8	86	52,17	
Outra	31	23,0	32	19,40	
Orientação Sexual					**35,500
Exclusivamente Hetero	68	50,40	130	78,80	
Pred. Hetero raram. Homo	11	8,10	13	7,90	
Pred. Hetero pont. Homo	9	6,70	8	4,80	
Igualm Hetero e Homo	5	3,70	5	3,00	
Pred. Homo pont. Hetero	5	3,70	0	0,00	
Pred. Homo raram. Hetero	8	5,90	1	0,60	
Exclusivamente Homo	29	21,50	8	4,80	
	Homens		Mulheres		
Idade					
M	37,81		35,25		
DP	11,73		11,55		

Legenda: * $\leq 0,05$; ** $\leq 0,01$

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os homens e as mulheres para o facto de ter ou não relação ($\chi^2 = 8,523$; $p = .004$). Relativamente à escolaridade foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($\chi^2 = 20,925$; $p = .000$) assim com para a religião ($\chi^2 = 6,381$; $p = .041$) e os grupos da orientação sexual ($\chi^2 = 30,500$; $p = .000$).

No entanto, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos relativamente ao estado civil. Verifica-se que as mulheres com relações estão em número superior, assim como níveis mais elevados de escolaridade, de religião e que em relação à orientação sexual existe um maior número de homossexuais masculinos do que femininos, assim como uma maior abertura a experiências com pessoas do mesmo sexo nos homens do que nas mulheres.

2.3 Plano de Investigação

Foi realizado um estudo transversal de base populacional portuguesa. É um estudo transversal pois recolhemos a informação dos participantes somente uma vez, e esta irá servir para se realizar uma caracterização do comportamento sexual na amostra recolhida.

Para a análise dos dados foi utilizada estatística descritiva com medidas de posição (frequência, mediana, média) e de variabilidade (desvio padrão e amplitude). A consistência interna dos instrumentos foi constatada pelo cálculo do alfa de Cronbach. Os procedimentos estatísticos foram realizados recorrendo ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), Versão 17,0.

2.4 Instrumentos utilizados

Para a recolha de dados foi elaborado um questionário Sociodemográfico, utilizadas cinco escalas, cujas características são a seguir descritas, assim como os constructos que avaliam e foi construído um Questionário de Opinião de Comportamento Sexual (QOCS) para avaliar a opinião dos participantes em relação a determinados comportamentos sexuais extremos.

2.4.1 Questionário Sociodemográfico (Apêndice I)

Foi elaborado um questionário Sociodemográfico com o objetivo de recolher informação mais detalhada sobre os participantes, devido à importância que estas variáveis assumem neste estudo, condicionando os resultados finais.

2.4.2 Escala de Comportamento Sexual Compulsivo (Anexo I)

Eli Coleman e Rebecca E. Swinburne Romine, Universidade Minnesota, 2001

A escala de comportamento sexual compulsivo (ECSC), elaborada por Coleman, Rebecca e Swinburn (2001), é uma medida com resposta múltipla, com 21 itens sobre comportamento sexual compulsivo (CSC), definido como uma síndrome clínica que se caracteriza por um intenso, ansioso e recorrente apelo sexual e fantasias que interferem com o funcionamento do dia-a-dia.

Na incapacidade de se libertarem dos sintomas, os indivíduos com CSC são incapazes de controlar os seus comportamentos e pensamentos disfuncionais. Existem dois tipos de CSC, parafilicos e não parafilicos. Os CSC parafilicos envolvem pensamentos e comportamentos compulsivos e impulsivos e também interesses sexuais desviantes e não convencionais.

Os CSC não parafilicos contemplam a mesma compulsividade e impulsividade mas incluindo comportamentos sexuais normativos e convencionais. O ICSC é usado para aceder à severidade de ambas as formas de CSC.

Descrição

O ICSC contém itens que permitem aceder a dois fatores do CSC: controle e violência. Para desenvolver a versão inicial da escala os especialistas incluíram 42 itens designados para aceder a componentes do CSC.

A escala original incluía uma versão com 42 itens que permitiam aceder ao controlo, violência e abuso (Coleman, Minr, Ohlerking & Raimum, 2001), os itens sobre abuso foram posteriormente retirados ficando a escala reduzida a 21 itens. Cada um destes itens é classificado na escala de 5 pontos desde Nunca até Com Muita Frequência.

Frequência.

O primeiro estudo de validade comparou valores de ICSC em três grupos de homens: clinicamente diagnosticados com CSC não parafilico e aqueles diagnosticados com pedofilia e um grupo de controlo.

O segundo estudo de validade orientou-se para homens latinos que têm sexo com outros homens participando numa monitorização *online*. Os estudos atuais são conduzidos para avaliar a ECSC para usar com mulheres adultas.

Tempo e modo de resposta

Os participantes completam o ICSC respondendo a 21 itens. Cada um destes itens é classificado numa escala de Lickert que vai desde Nunca até Muito Frequentemente.

Classificação

A ECSC está classificada atribuindo o valor 1 a cada resposta com Nunca, 2 para Raramente, 3 para Ocasionalmente, 4 para Frequentemente e 5 para quase sempre. Valores elevados indicam mais CSC. Consiste em dois fatores: Controle e Violência. A escala de controlo é constituída pelos itens 1 até 13 e a escala de violência é constituída pelos itens 14 até 21.

Fidelidade

A ECSC demonstrou ter consistência interna na estrutura de fatores nas escalas Inglesa e Espanhola. O teste – reteste indicou uma consistência interna de $R=.86$ para a versão Inglesa e $R=.93$ para a versão Espanhola ($p>.001$, Miner et al, 2007).

Validade

Os participantes com valores na ECSC superiores à média referem grande número de parceiros sexuais e mais relações anais desprotegidas e também referem mais intoxicações e sentimentos depressivos, solidão e conduzem durante o ato sexual mais do que aqueles que obtiveram classificações abaixo da média em toda a escala e em cada um dos fatores. A exceção para este facto são auto descrições de depressão que foram relacionadas com a classificação total mas não com escala de violência (Miner et al, 2007).

2.4.3 A Nova Escala de Satisfação Sexual (Anexo II)

Aleksandar Stulhofer e Vesna Busko, Universidade de Zagreb, 2010

Pamela Brouillard, Texas A&M University-Corpus-Christi, 2010

A Nova Escala de Satisfação sexual (NESS, $k=20$) foi desenvolvida como uma ferramenta universal para aceder à satisfação sexual e foi testada em duas culturas distintas: Croácia e EUA.

Ao contrário da maioria das escalas semelhantes, a NESS não se limita ao género, orientação sexual ou tipo de relação social. É portanto, uma medida derivada da terapia sexual e da literatura psicanalista e inclui cinco dimensões: a) sensações sexuais, b) interpretação sexual, c) partilha sexual, d) conexão emocional, e) atividade sexual. De forma a facilitar o uso da NESS em estudos clínicos e não clínicos, uma versão mais curta foi criada (NESS-S, $k=12$). A NESS-S demonstra validade e confiança comparada a sua forma mais extensa.

Descrição:

A NESS foi criada abordando mais especificamente o impacto da pornografia na vida sexual e social dos jovens que usam pornografia. A validação e a construção da escala foi realizada através de sete exemplos independentes com mais de 2000 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos, na Croácia e nos EUA. Das sete, três eram universitários, duas eram comunidades, uma era clínica e outra era de croatas homens e mulheres não heterossexuais. Em todas, exceto duas amostras, foram utilizadas ferramentas de inquéritos *online* de forma a recolher mais informação.

A análise dos principais componentes foi suportada inicialmente por uma escala de Lickert de 35 itens gerados a partir do conceito do Modelo dos Cinco Fatores. Foram retiradas seis componentes com valores elevados <1 , que foram rodados para uma posição oblíqua através do método Oblimin. Uma análise mais pormenorizada desta estrutura sugere que foi forçada uma solução de dois fatores como a melhor estratégia encontrada para prosseguir.

A solução bi-fatorial obtida revelou estabilidade nos adolescentes e adultos de ambas as amostras, entre homens e mulheres, assim como nos participantes não heterossexuais. O primeiro fator focou-se inicialmente nas experiências individuais e sensações, enquanto o segundo reflete a percepção dos participantes e reações dos parceiros face à atividade sexual em geral. Tendo em conta a forte associação entre os dois domínios (.52 a .61) os resultados apontam para uma elevada homogeneidade no constructo Satisfação Sexual.

A seleção de itens por dimensão foi realizada de acordo com os critérios de uma estrutura simples e contemplando as normas da redundância. Respeitando tanto a estatística como as características relacionadas com o conteúdo. 20 Itens, 10 por componente, foram retidos no primeiro set, sendo criadas duas subescalas: Centrada no ego, medindo a satisfação sexual que o indivíduo obtém com experiências e sensações pessoais, e Atividade Sexual com o Parceiro, que mede a satisfação sexual que um indivíduo obtém através da percepção do seu parceiro, a diversidade e a frequência sexual.

Estas duas escalas representam a NESS.

A versão resumida, NESS-S, foi criada de uma forma um pouco diferente, os 20 itens da NESS foram primeiramente divididos em cinco, representando as dimensões iniciais e depois dois ou três itens foram selecionados de cada, de acordo com a sua correlação item-to-total nas subescalas NESS.

A análise dos 12 componentes principais desta escala demonstrou que todos os itens pontuaram altos, (> 59 em estudantes, > 58 em comunidades, > 1 nos restantes)

Em todas as amostras, a NESS pontua entre 20 e 100, e a escala NESS-S entre 12 e 50. As subescalas da NESS e da NESS –S dispõem de uma característica, a distribuição assimétrica que inclina os resultados para uma maior satisfação. Não há diferença entre pontuação de satisfação sexual de estudantes e adultos, contudo, os participantes croatas dispõem de uma maior satisfação sexual que os americanos.

Tempo e Modo de Resposta

Para cada item, foi pedido aos participantes para assinalarem o número com que se identificavam mais consoante a sua vida sexual nos últimos seis meses. Os participantes fazem corresponder o seu nível de satisfação sexual com os níveis: 1) Não Satisfeito; 2) Um pouco Satisfeito; 3) Satisfeito; 4) Muito Satisfeito; 5) Extremamente Satisfeito. A maior parte dos participantes concluíram a escala em menos de 5 minutos.

Pontuação:

A subescala focada no Ego é constituída pelos itens de 1 a 10, a subescala Parceiro e Atividade pelos Itens de 11 a 20. A NESS-S (Itens 2, 3, 5, 6, 8, 10 a 12, 14, 17, 19, 20) são resultados da soma dos itens respetivos.

Fidelidade:

A consistência interna em dois estudantes (Ncro= 544, idade de M= 20.4), exemplos comunitários (Ncro= 729, idade de M=34.1; Ncro=212, idade de M= 40.7), e o exemplo de homens e mulheres não heterossexuais croatas (Ncro=360, idade de M= 26.1) foi satisfatória para a escala completa ($\alpha=.94-.96$), ambas as subescalas ($\alpha.91-.93$). Não houve registo de diferenças relevantes entre género e idade. Adicionalmente foram avaliados estudantes croatas mostrando que o conteúdo da NESS e o NESS-S eram similares nos grupos avaliados tanto na amostra de pessoas em relacionamentos e solteiras ($\alpha=.87-.96$). Esta continuou a apresentar resultado mesmo separando as amostras de homens e mulheres.

A NESS e a NESS-S mostraram-se fiáveis (N= 219) num período superior a um mês. A estabilidade do quociente estabilizou-se entre .72 e .84 mas, de algum modo, revelou-se superior em mulheres.

Validade:

Tanto a NESS como a NESS-S foram significativamente associadas com uma medida global de satisfação na vida. Associações negativas feitas com a pontuação da Escala de Aborrecimento Sexual (Watt & Ewing, 1996) e correlações positivas com a

Intimidade, comunicação com o parceiro sobre a sexualidade, estado civil foram encontradas tanto entre croatas como americanos. Em auxílio à validação, associações entre a medida global de satisfação sexual e a NESS /NSSS-S foram feitas em ambas as amostras. ($r=.44-.67$). Associações semelhantes foram sempre mais baixas nas amostras americanas.

Existiram diferenças significativas entre a NESS -S e a NESS nos participantes clínicos (clientes de terapia sexual; $N= 44$, idade de $M= 34.6$) e não clínicos ($N= 729$; idade de $M= 34.1$), $t_{NESS} = - 8.64$, $df= 709$, $p<0.001$; $t_{NESS-S}=8.74$, $df= 735$, $p= <0.001$.

Participantes com problemas sexuais revelaram repetidamente uma satisfação baixa. Os resultados de Cohen vão de -1.07 a 1.39 sugerindo grandes diferenças nos resultados observados. Por exemplo o intervalo entre participantes clínicos e não clínicos no NESS é de 32%.

A análise discriminativa foi utilizada para prever a união entre os participantes clínicos e não clínicos. O critério de inclusão do primeiro grupo foi a persistência ou a presença de perturbações relacionadas com desejo sexual, excitação sexual, orgasmo e dor sexual de acordo com os critérios do Diagnostico e Estatística do Manual das Perturbações Mentais (DSM-IV). Com a probabilidade de um grupo de participantes ser classificado igualmente, a análise classificou corretamente 80.3% dos casos. No grupo dos participantes clínicos o processo classificou-se corretamente com 64.8%. No NESS-S a variável independente resultou em 79.6% e 63% respetivamente.

2.4.4 Escala de Procura de Sensações Sexuais (Anexo III)

Seth C. Kalichman, University of Connecticut, 1994

A Escala de Procura de Sensações Sexuais (EPSS), baseia-se na procura e disposição da procura da variedade e da complexidade sexual, implicando riscos físicos e psicológicos nessa procura de sensações.

A procura de novas sensações sexuais é então um derivado específico e comportamental da personalidade, do traço da extroversão (Zuckerman, 1994), portanto a procura de novas sensações sexuais é, dentro do comportamento, uma dimensão da procura das sensações, não devendo ser desassociado da construção da procura de novas experiências. Os itens que contêm a Escala da Procura da Sensação Sexual são específicos relativamente ao sexo e não se confundem com abuso de substâncias ou outros fatores conceptuais dentro dos riscos sexuais. A EPSS foi criada com medidas psicométricas de exposição a aventuras e riscos sexuais, em adolescentes e adultos.

A Escala foi usada primeiramente em adultos e nos riscos de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Sida/ HIV.

Descrição:

A Escala da Procura da Sensação Sexual é derivada da Escala da Procura de Sensações (Zuckerman, 1994), com itens relativos à sexualidade. Foi usado um processo de três passos para desenvolver a escala original, sendo que o primeiro passo analisar cuidadosamente a escala de Zuckerman e selecionar itens que demonstrem uma grande carga de fatores das análises originais de Zuckerman. (exemplos: procura de adrenalina e aventura, desinibição e suscetibilidade ao aborrecimento). O segundo passo envolve conduzir grupos específicos agrupando adultos em temas sexuais diferentes. Por exemplo, foi substituído “eu gosto de festas desinibidas e selvagens” para “eu gosto de encontros sexuais selvagens e desinibidos”.

O último passo consiste em clarificar e retificar o conteúdo da escala original dentro dos grupos *gay*, bissexuais, heterossexuais, homens e mulheres. Todos os itens foram avaliados numa escala de 4 pontos. 1- Não me identifico nada, 2- Identifico-me pouco, 3- Identifico-me, 4- Identifico-me muito. Seguindo a pesquisa da escala inicial (Kalichman, 1994), os itens foram refinados, ocultando o aspeto sexual e substituindo-o pela aventura sexual.

A última parte da escala contém 10 itens desenvolvidos para serem usados com mulheres e homens e mostra bastante utilidade com adolescentes e adultos de todas as idades.

Tempo e Modo de Resposta

A Escala de Procura de Sensações Sexuais de 10 itens requer menos de 5 minutos a ser respondida por um entrevistador ou autoadministração. A escala não contém subescalas formalmente desenvolvidas. A pontuação obtém-se somando os itens ou fazendo a média de respostas (soma dos 10 itens). Não tem itens invertidos.

Fidelidade:

A Escala de Procura de Sensações Sexuais tem vindo a demonstrar uma grande consistência interna através de uma grande variedade de tipos de população, inclusive homens ($\alpha = 83$) e mulheres ($\alpha = 81$), estudantes universitários ($\alpha = 79, 83$), pacientes de uma clinica de doenças sexualmente transmissíveis na África do Sul ($\alpha = 71$), homens *gay* e bissexuais ($\alpha = 75$ a 79), e seropositivos masculinos ($\alpha = 83$), sendo que nenhum item foi apagado ou reduzido no total da escala.

Validade:

A EPSS demonstrou-se válida pela evidência e forma como foi estruturada. Kalichman observou que existe, nos homens gays e bissexuais uma correlação com relações desprotegidas ($r=32$), número de parceiros sexuais ($r=38$) e uso de álcool em contextos sexuais ($r=23$). Kalichman & Rompa (1995), encontraram na escala, correlações de número de parceiros em homens ($r=22$), e mulheres ($r=39$) e número de aventuras sexuais de uma noite, homens ($r=31$) e mulheres ($r=40$), sendo que uma associação à escala ainda reportou uma relevância no assédio de atividades sexuais e que a escala seria associada à diminuição dos riscos sexuais, incluindo o uso do preservativo. Uma amostra relacionada entre procura de sensações de prazer e variedade de sensações sexuais foi encontrada em adolescentes espanhóis. Hart descobriu que homens gay e bissexuais que praticam sexo anal como recetores e dadores obtêm resultados mais altos na escala do que homens que praticam sexo anal recetor ou dador. A validação da escala foi dada por Berg em 2008 que descobriu que a Escala da procura de Sensações Sexuais era o melhor fator discriminante entre homens gays ou bissexuais que praticavam sexo desprotegido com preocupação limitada sobre ficarem infectados com VIH ou aqueles que não o faziam.

2.4.5 Escala de Atitude Perante o Sexo (Anexo IV)

William A. Fisher, University of Western Ontario, London, 1994

A dimensão da personalidade Erotofobia-Erotofilia é conceptualizada através de uma predisposição para responder a estímulos sexuais com afetos positivos ou negativos e avaliações baseadas em crenças que definem a atração ou repulsão face a determinados estímulos sexuais. A Pesquisa de Opinião Sexual é uma medida para avaliar esta dimensão da personalidade.

Descrição

Esta medida consiste num total de 53 itens para aceder a respostas avaliativas e afetivas sobre um tipo de estímulos sexuais (comportamento auto sexual, heterossexual e homossexual, fantasias sexuais e estímulos visuais), desenvolvida por White, Fisher, Byrne & Kigma (1977). Cada item despista uma situação sexual num destes domínios, numa resposta positiva ou negativa, afetiva ou avaliativa e os participantes respondem indicando o grau de concordância ou discordância com a afirmação. Para determinar quais dos 53 itens eram medidas válidas para avaliar este constructo, White et al (1977), procederam a uma criteriosa seleção externa, neste procedimento, questionando 90 homens e 105 mulheres e

simultaneamente respondendo a uma escala de desejabilidade social (Crowne & Marlowe, 1964).

Vinte e um dos cinquenta e três itens correlacionaram-se significativamente com respostas emocionais aos estímulos eróticos, em ambos os sexos. Os valores apontam para correlações significativas em respostas emocionais para estímulos eróticos em homens, $r=.61$ e mulheres, $r=.72$, não se correlacionando significativamente com a escala de desejabilidade social.

A validação da pesquisa com uma amostra independente permitiu demonstrar que 21 destes itens são preditores de respostas emocionais a estímulos eróticos em ambos os sexos e constituem a escala SOS. Esta escala foi extensivamente usada para pesquisa no Estados Unidos e no Canadá (Fisher, Byrne, et al, 1988), numa população de estudantes e não estudantes, professores universitários, grávidas, puérperas e os seus maridos, esposas de militares e pacientes clínicos. Também foi largamente utilizada em pesquisa intercultural e foi traduzida para várias línguas pelo autor.

Tempo e Modo de Resposta

Aos participantes da pesquisa foi dada a escala e lidas as instruções indicando que as respostas são confidenciais e pedindo que sejam tão honestos quanto possível. O tempo de aplicação da escala é de aproximadamente dez minutos sendo as respostas dadas através duma Escala de Likert.

Pontuação

A orientação sexual afeta os resultados desta escala porque os indivíduos homossexuais e bissexuais podem responder positivamente aos itens mais orientados para a homossexualidade do que os heterossexuais. Além disso, na escala, existem mais itens específicos para a homossexualidade do que para a heterossexualidade. O género, a orientação sexual e outros fatores podem afetar os resultados, mas de acordo com a teoria não são passíveis de alterar a natureza das relações entre as diferenças individuais relativamente à erotofobia-erotofilia.

Uma pequena adaptação desta escala foi feita por Semph (1979) e as análises de regressão identificaram cinco itens (4,12,13,17,21) como bons preditores numa escala total para ambos os sexos.

Fidelidade

O teste-reteste de fidelidade foi feito com dois meses de intervalo numa amostra de professores de uma escola pública em formação para serem educadores de sexualidade e

pontuou resultados elevados para ambos os sexos: Homens: $r(11) = .85$ e mulheres $r(85) = .80$ (Tanner & Pollack, 1988). O Alpha de Cronenbach que mede a consistência interna situou-se num intervalo entre .82 e .90, para uma amostra de casais de estudantes não graduados (Fisher, Byrne et al, 1988).

Gilbert & Gamach (1984), verificaram que se destacaram três fatores: Abertura ao Sexo, Variedade Sexual e Homoeroticismo. Mais recentemente, Rise, Traen & Kraft (1994), analisaram as respostas de uma grande amostra de estudantes noruegueses adolescentes entre os dezassete e dezanove anos de idade e reportaram evidências de três fatores para Erotofilia (respostas positivas sobre a sexualidade): Sexo não Convencional (respostas positivas para sexo não convencional), Erotofobia (respostas negativas em relação à sexualidade) e orientação sexual (respostas positivas e negativas em relação à orientação sexual).

São necessárias mais pesquisas para comprovar a generalidade e estabilidade destes conjuntos de fatores e clarificar a potencial utilidade do fatores baseados nos valores da subescala do SOS, em comparação com as cotações agregadas para predizer e entender os critérios das medidas.

Validade

A validade do constructo do SOS foi desenvolvida durante aproximadamente uma década de pesquisas orientadas para os antecedentes e consequências da Erotofobia-erotofilia, através duma pesquisa e estudos específicos (Fisher, Byrne et al., 1988). Os investigadores demonstraram que os erotofóbicos, em comparação com os erótofilos, envolvem-se menos num comportamento auto sexual ou heterossexual; demonstrando ter dificuldade para aprender, conversar ou sentir acerca da sexualidade, levando a uma redução da atividade sexual durante a gravidez e puerpério, assim como demonstram menos disponibilidade para a contraceção praticas que visam cuidados de saúde. Os indivíduos erotofóbicos demonstram atitudes negativas em relação à sexualidade, fantasias sexuais menos explícitas e menos interesse pelo erotismo.

A Erotofobia-Erotofilia foi correlacionada com a variedade conceptual das dimensões de personalidade: Erotofóbicos são mais autoritários, demonstram mais culpa no sexo, são mais homofóbicas e mais tradicionais na atividade sexual.

As evidências da validade discriminante encontraram-se através duma correlação negativa com desejabilidade social. Os investigadores também estudaram a associação entre Erotofobia-Erotofilia e o comportamento sexual durante 21 dias, numa amostra variada que demonstrou que esta dimensão da personalidade está associada a descrições femininas e a sua frequência sexual, número de orgasmos, desejo sexual, assertividade

sexual, excitabilidade e satisfação sexual durante 21 dias (Hurlbert, 1982). Nas pesquisas descritas, foi demonstrado que Erotofobia-erotofilia está relacionada com a tendência para desejar e iniciar a utilização do preservativo numa relação amorosa (Freimut, Hammond, Edgar, McDonald, & Fink 1992).

Erotofobia-Erotofilia também foi relacionada com a permissividade sexual, abertura para praticas sexuais diversas, instrumentalidade sexual e culpa sexual (Hendrick & Hendrick, 1987).

2.4.6 Escala de Orientação Socio Sexual (Anexo V)

Jeffrey A. Simpson, University of Minnesota, 1991

Steven W. Gangestad, University of New Mexico

Em 1940 e 1950, o questionário compreensivo das práticas sexuais dos homens e mulheres da América do Norte, (Kinsy, Pomeroy & Martin, 1948; Kinsey, Martin & Gebbard, 1953) documentou que as pessoas diferem dramaticamente em várias atitudes e comportamentos “socio sexuais”. Apesar de, os homens como grupo, serem mais permissivos que as mulheres na maior parte das atitudes socio sexuais e comportamentais (os homens têm mais atitudes permissivas, como sexo casual, e maior disponibilidade para ter casos amorosos), uma das mais importantes características de Kinsey é que há mais variedade em atitudes socio sexuais e comportamentais em cada sexo, do que entre homens e mulheres.

Algumas mulheres, por exemplo, são mais permissivas sexualmente do que a maior parte dos homens, enquanto alguns homens são menos permissivos do que algumas mulheres.

A Escala de Orientação Socio Sexual (EOSS) (Simpson & Gangestad, 1991) foi desenvolvido para medir as diferenças individuais da disposição para relações sexuais casuais e sem compromisso. A EOSS tem acesso ao comportamento sexual passado, antecipando o futuro comportamento sexual, o conteúdo das fantasias sexuais e as suas atitudes relativamente a sexo casual, sem compromisso e investimento emocional. Indivíduos que pontuam alto na EOSS têm uma orientação socio sexual não restritiva.

Estes relatos individuais que têm um grande número de parceiros sexuais no último ano, antecipam ter mais parceiros no próximo ano ou cinco anos. Fantasiam frequentemente sobre ter sexo com pessoas além dos atuais (ou mais recentes), companheiros ou companheiras e acreditam que sexo sem emoções é aceitável. Indivíduos que pontuam baixo no EOSS têm uma orientação sexual restrita. Estes indivíduos reportam poucos

parceiros sexuais no último ano, o que antecipa poucos parceiros sexuais nos próximos cinco anos. É menos provável terem encontros de uma noite, raramente fantasiando além do seu parceiro sexual e não acreditam que ter sexo sem emoção seja aceitável.

Descrição:

A EOSS tem sete itens, dois itens são relativos à vida sexual passada, o item 1 refere o número de parceiros sexuais no último ano e o item 3 o número de vezes que teve sexo com alguém apenas numa ocasião. O item 2 é relativo a futuros comportamentos sexuais (o numero de parceiros antecipa os próximos cinco anos), o item 4 corresponde a uma escala de Likert, que questiona as fantasias sexuais (com que frequência fantasiam sobre ter sexo com alguém que não seja o seu parceiro sexual ou o mais recente). Os itens 5, 6, 7 correspondem todos a escalas de Likert, questionando atitudes relativamente a sexo casual.

Tempo e Modo de Resposta

Os itens 1 a 3 na EOSS são itens que questionam acerca do passado e do futuro de relações sexuais; os itens 4 a 7 referem a atitudes e fantasias sexuais e são respondidas através duma escala de Likert. A escala EOSS demora um a dois minutos a ser respondida.

Pontuação

O item 7 da EOSS é inverso. Os itens 5,6,e 7 são agregados para formar uma dimensão de Atitudes da EOSS. O seguinte esquema é usado para agregar os cinco componentes: $EOSS = 5 \times (\text{Item 1}) + 1 \times (\text{Item 2}) + 5 \times (\text{Item 3}) + 4 \times (\text{Item 4}) + 2 \times (\text{Agregado dos Itens 5,6 e 7})$. Para assegurar que o item 2 não tem influência no total, o valor máximo é de 30 parceiros. Este esquema de pontuação da escala da escala aproxima as pontuações que os indivíduos podem atingir se os cinco componentes da EOSS forem transformados em pontuação Z. A pontuação baseada no esquema acima referido tem correlações de .90 com um sistema de unidades de medição.

A pontuação EOSS pode variar de 10 a 1000 (restrição máxima e mínima de orientação). O intervalo normal em estudantes universitários é de 10-250.

Como os homens tendem a pontuar mais alto do que as mulheres (Simpson & Gangstead, 1991, 1992), o género sexual deve ser isolado antes de ser estatisticamente analisado.

Alguns indivíduos vão pontuar muito alto nos itens 1 e 3. Na amostra universitária, 30 foi o máximo para o item 2 visto que os indivíduos podem ter influenciado os resultados.

Fidelidade

A EOSS tem uma consistência interna de .75 (Alpha de Cronbach; Simpson & Gangstead, 1991, 1992). O teste-reteste de fidelidade após 2 meses é elevado ($r = .94$; (Simpson & Gangstead, 1991, 1992; Simpson, Wilson & Winterheld, 2004, para informações adicionais).

Validade

As previsões para indivíduos que têm orientações socio sexuais restritivas ou não restritivas podem ser teoricamente derivadas do constructo da teoria da socio sexualidade (Gangstad & Simpson, 1990; Simpson et al, 2004).

Existem evidências para as propriedades da validade da escala, muitos indivíduos não restritos envolvem-se sexualmente prematuramente nas relações amorosas, têm mais facilmente sexo com mais do que um parceiro no mesmo período de tempo, tendem a envolver-se em relações com baixo investimento, sem compromisso, menos amor e fracos laços afetivos (Simpson & Gangstead, 1991, 1992). Também pontuam alto em outras escalas relacionadas com sexo impessoal e elevada permissividade.

As pessoas não restritivas também desejam, escolhem e conhecem parceiros sexuais com diferentes características comparadas com as pessoas restritas (Simpson & Gangstad, 1992). Por exemplo, mais indivíduos não restritivos preferem parceiros que sejam mais atraentes fisicamente e tenham mais *status* social e colocam menos atenção na bondade, fidelidade e estabilidade. As pessoas restritas preferem parceiros que são mais bondosos e afetuosos, mais fiéis e mais responsáveis e colocam menos atenção no *status* social e no aspeto físico.

Em estudos sobre sexualidade, as pessoas não restritivas, especialmente homens, demonstram ter mais comportamentos não-verbais conhecidos por facilitar relações mais rápidas (ex.: mais riso e sorriso e mantêm contacto olhar direto) para mais recomendações (Simpson, 2004).

Em termos de validação discriminada (Simpson & Gangstead, 1991), descobriram que as pessoas restritivas não têm menos desejo sexual e que não pontuam mais alto em escalas que acessam a constructos que não se correlacionam com satisfação sexual, culpa e ansiedade relacionada com o sexo.

2.4.7 Questionário de Opinião de Comportamento Sexual (Apêndice II)

Gavilan, J., Universidade Lusófona, Lisboa, 2013

O Questionário de Opinião de Comportamento Sexual (QOCS) foi construído com o objetivo de obter informações mais específicas sobre determinados comportamentos não normativos. É constituído por 19 afirmações perante as quais é solicitada a opinião do participante, posicionando-se através do seu grau de acordo ou desacordo em relação a cada uma delas. A resposta é dada através duma escala de Likert de um a sete.

Capítulo 3

Apresentação de Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos através da análise estatística dos dados recolhidos, bem como uma análise dos mesmos.

3.1 Características descritivas das variáveis em estudo

Neste estudo foram utilizados como instrumentos, cinco escalas que originaram 11 subescalas.

Na Tabela 2 é apresentada a estatística descritiva para cada uma das variáveis do estudo. Conforme se pode observar pela tabela referida as variáveis apresentam os seguintes valores: ECSCcontrolo (M=26,370; DP=8,886), ECSCviolência (M=11,700; DP=5,92), NESego (M=38,070; DP=9,017), NESSactivParceiro (M=36,950; DP=9,887), EPSStotal (M=2,525; DP=,539), EAPtotal (M=83,278; DP=10,924), EOSSatitude (M=17,283; DP=4,559), EOSSpassadoSex (M=22,122; DP=79,818), EOSSFuturoSex (M=13,366; DP=116,615), EOSSFantasiasSex (M=1,970; DP=1,025), EOSSsocio_sexual_total (M=56,329; DP=162,289).

Tabela 2 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo

Estatísticas descritivas			
	N	Média	Desvio Padrão
ECSCcontrolo	300	26,3700	8,88649
ECSCviolencia	300	11,7000	5,92850
NESego	296	38,0709	9,01741
NESSactivParceiro	300	36,9500	9,88737
EPSStotal	300	2,5250	,53942
EAPStotal	298	83,2785	10,92489
EOSSatitude	300	17,2833	4,55913
EOSSpassadoSex	294	22,1122	79,81898
EOSSFuturoSex	300	13,3667	116,61519
EOSSFantasiasSex	300	1,9700	1,02597
EOSSsocio_sexual_Total	294	56,3299	162,28916

3.1.1 Análise por Sexo e Relação

3.1.1.1 Análise por Sexo

Com o objetivo de comparar as várias variáveis em estudo em função do sexo, efetuou-se o teste *t* de *Student*, conforme se pode verificar na tabela 3 e Estatísticas de Grupo na Tabela 4. Através da análise da tabela referida, observam-se diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, para a dimensão Controlo da Compulsividade Sexual ($t = 7,156$; $p = .000$), no sentido de os homens terem apresentado um nível superior de controlo em relação às mulheres ($M = 30,13$; $DP = 8,92$ e $M = 23,30$; $DP = 7,61$, respetivamente); a dimensão Compulsividade Sexual Violência ($t = 5,735$; $p = .000$), no sentido de os homens terem apresentado um nível superior de violência em relação às mulheres ($M = 13,76$; $DP = 7,22$ e $M = 10,01$; $DP = 3,89$, respetivamente); a dimensão Satisfação Sexual com a Atividade do Parceiro ($t = -4,392$; $p = .000$), no sentido de os homens terem apresentado um nível inferior de satisfação em relação às mulheres ($M = 34,26$; $DP = 8,83$ e $M = 39,15$; $DP = 10,18$, respetivamente); a Escala Total de Procura de Sensações Sexuais ($t = 3,765$; $p = .000$), no sentido de os homens terem apresentado uma maior disponibilidade para procurar sensações sexuais em relação às mulheres ($M = 2,65$; $DP = ,49$ e $M = 2,42$; $DP = ,56$, respetivamente); a Escala Total de Atitudes Perante o Sexo ($t = 2,706$; $p = .007$), no sentido de os homens terem apresentado médias superiores de Erotofobia-erotofilia, perante o sexo, em relação às mulheres ($M = 85,14$; $DP = 11,91$ e $M = 81,74$; $DP = 9,81$, respetivamente).

Observam-se diferenças estatisticamente significativas entre os géneros na Escala de Orientação Sócio Sexual, na dimensão atitude ($t = 2,932$; $p = .004$), no sentido de os homens terem apresentado um nível superior de atitude em relação às mulheres ($M = 18,13$; $DP = 4,75$ e $M = 16,59$; $DP = 4,29$, respetivamente); a dimensão passado ($t = 3,868$; $p = .000$), no sentido de os homens terem apresentado médias muito superiores em relação às mulheres ($M = 41,47$; $DP = 112,80$ e $M = 6,12$; $DP = 24,50$, respetivamente) e a dimensão fantasias ($t = 3,341$; $p = .001$), no sentido de os homens terem apresentado um nível superior de fantasias em relação às mulheres ($M = 2,19$; $DP = 1,08$ e $M = 1,79$; $DP = ,95$, respetivamente) e na dimensão EOSSSocio_sexual_Total ($t = 1,947$; $p = .050$), no sentido de os homens terem apresentado um nível superior de fantasias em relação às mulheres ($M = 76,51$; $DP = 134,73$ e $M = 39,66$; $DP = 180,66$ respetivamente).

Tabela 3 - Teste t de *Student* para amostras independentes

Teste de amostras independentes

	t	df	Sig. (2 extremidades)
ECSCcontrolo	7,156	298	,000
ECSCviolencia	5,735	298	,000
NESSego	-1,538	294	,125
NESSactivParceiro	-4,392	298	,000
EPSStotal	3,765	298	,000
EAPStotal	2,706	296	,007
EOSSatitude	2,932	298	,004
EOSSpassadoSex	3,868	292	,000
EOSSfuturoSex	-,081	298	,936
EOSSfantasiasSex	3,341	298	,001
EOSSsocio_sexual_Total	1,947	292	,050

Tabela 4 - Estatísticas de grupo

Estatísticas de grupo

	Qual o seu sexo?			
	Masculino		Feminino	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
ECSCcontrolo	30,13	8,92	23,30	7,61
ECSCviolencia	13,76	7,22	10,01	3,89
NESSego	37,18	8,40	38,80	9,45
NESSactivParceiro	34,26	8,83	39,15	10,18
EPSStotal	2,65	,49	2,42	,56
EAPStotal	85,14	11,91	81,74	9,81
EOSSatitude	18,13	4,75	16,59	4,29
EOSSpassadoSex	41,47	112,80	6,12	24,50
EOSSfuturoSex	12,76	26,88	13,86	155,57
EOSSfantasiasSex	2,19	1,08	1,79	,95
EOSSsocio_sexual_Total	76,51	134,73	39,66	180,66

3.1.1.2 Análise por Existência de Relação

Com o objetivo de comparar as várias variáveis em estudo em função da variável Relação, efetuou-se o teste *t* de *Student*, conforme se pode verificar na tabela 5. Através da análise da tabela referida, observam-se diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com e sem relações, para a dimensão Controlo da Compulsividade Sexual ($t = 7,156$; $p = .000$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado um nível inferior de controlo da Compulsividade Sexual em relação aos que não têm relação ($M = 25,07$; $DP = 8,36$ e $M = 29,30$; $DP = 9,38$, respetivamente); a dimensão Compulsividade Sexual Violencia ($t = 5,735$; $p = .000$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado um nível inferior de controlo da Compulsividade Sexual em relação aos que não têm relação ($M = 11,11$; $DP = 5,34$ e $M = 13,03$; $DP = 6,93$, respetivamente); a dimensão Satisfação Sexual face à Atividade do Parceiro ($t = -4,392$; $p = .000$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado um nível superior de Satisfação Sexual em relação aos que não têm relação ($M = 38,30$; $DP = 9,18$ e $M = 33,89$; $DP = 10,76$, respetivamente).

Também se observam diferenças estatisticamente significativas na Escala Total de Procura de Sensações Sexuais ($t = 3,765$; $p = .000$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado um nível inferior de Satisfação Sexual em relação aos que não têm relação ($M = 2,48$; $DP = ,53$ e $M = 2,62$; $DP = ,56$, respetivamente); na Escala Total de Atitudes perante o Sexo também se observam-se diferenças estatisticamente significativas ($t = 2,706$; $p = .007$) no sentido de os participantes com relações terem apresentado valores ligeiramente inferiores aos que não têm relação aos que não têm relação ($M = 83,03$; $DP = 11,03$ e $M = 83,84$; $DP = 10,73$, respetivamente).

Também se observam diferenças estatisticamente significativas na Escala de Orientação Sócio Sexual, na dimensão atitude ($t = 2,932$; $p = .004$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado valores muito inferiores em relação aos que não têm relação ($M = 17,23$; $DP = 4,54$ e $M = 17,40$; $DP = 4,63$, respetivamente); observam-se diferenças estatisticamente significativas na Escala de Orientação Sócio Sexual, na dimensão passado ($t = -3,666$; $p = .000$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado valores muito inferiores em relação aos que não têm relação ($M = 11,01$; $DP = 32,76$ e $M = 47,28$; $DP = 132,68$, respetivamente); a dimensão fantasias ($t = -3,341$; $p = .001$), no sentido de os participantes com relações terem apresentado valores inferiores em relação aos que não têm relação ($M = 1,84$; $DP = ,98$ e $M = 2,26$; $DP = 1,07$, respetivamente).

Tabela 5 - Teste t de *Student* para amostras independentes

Teste de amostras independentes

	t	df	Sig. (2 extremidades)
ECSCcontrolo	7,156	298	,000
ECSCviolencia	5,735	298	,000
NESSego	-1,538	294	,125
NESSactivParceiro	-4,392	298	,000
EPSStotal	3,765	298	,000
EAPStotal	2,706	296	,007
EOSSatitude	2,932	298	,004
EOSSpassadoSex	3,868	292	,000
EOSSfuturoSex	-,081	298	,936
EOSSfantasiasSex	3,341	298	,001
EOSSsocio_sexual_Total	1,947	292	,052

Tabela 6 - Estatísticas de Grupo

Estatísticas de grupo

	Tem alguma relação?			
	Sim		Não	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
ECSCcontrolo	25,07	8,36	29,30	9,38
ECSCviolencia	11,11	5,34	13,03	6,93
NESSego	39,00	8,54	36,00	9,73
NESSactivParceiro	38,30	9,18	33,89	10,76
EPSStotal	2,48	,53	2,62	,56
EAPStotal	83,03	11,03	83,84	10,73
EOSSatitude	17,23	4,54	17,40	4,63
EOSSpassadoSex	11,01	32,76	47,28	132,68
EOSSfuturoSex	3,65	9,55	35,34	209,22
EOSSfantasiasSex	1,84	,98	2,26	1,07
EOSSsocio_sexual_Total	35,20	39,93	104,23	282,36

3.1.2 Análise por Idade, Religião e Orientação sexual

Com o objetivo de verificar quais os domínios das variáveis em estudo em que se verificam diferenças significativas em função da Idade, Religião e Orientação sexual, foram utilizados testes Multivariáveis como se pode observar na Tabela 7.

Tabela 7 - Testes Multivariáveis

Testes multivariáveis ^a		
Efeito	Lambda de Wilks	
	Z	Sig.
Idade_3	3,439	,000
OriSex	5,225	,000
Religião	2,457	,000

3.1.2.1 Análise segundo a Idade

A variável Idade foi categorizada, criando-se três grupos distintos, referindo-se o primeiro grupo aos participantes com idades compreendidas entre 18 e 29 anos, o segundo grupo refere às idades compreendidas entre 30 e 39 anos e o terceiro grupo compreende todos os participantes com mais de 40 anos.

Observa-se que existem diferenças significativas entre os grupos da variável idade no teste de Lambda Wilks, ($Z=3,439$; $p=0,000$), sendo que, conforme se pode observar na Tabela 8, as variáveis que apresentam diferenças significativamente estatísticas são a variável ECSCcontrolo ($Z=4,760$; $p=0,009$) e a variável EOSStotal ($Z=5,057$; $p=0,007$) com o grupo dos mais velhos (maiores de 40 anos) a destacarem-se dos outros dois grupos.

Tabela 8 - Testes de efeitos entre variáveis em função dos grupos da Idade

Testes de efeitos entre assuntos			
Origem	Variável dependente	Z	Sig.
Idade_3	ECSCcontrolo	4,760	,009
	ECSCviolencia	1,390	,251
	NESSego	1,214	,299
	NESSactivParceiro	5,801	,003
	EPSStotal	1,438	,239
	EAPStotal	,267	,766
	EOSSatitude	5,729	,004
	EOSSpassadoSex	18,121	,000
	EOSSfuturoSex	,334	,716
	EOSSfantasiasSex	1,945	,145
	EOSSsocio_sexual_Total	5,057	,007

3.1.2.2 Análise segundo a Religião

Esta variável compreende três grupos distintos que referem aos participantes sem religião, católicos e outros.

Observa-se, através da Tabela 9, que existem diferenças significativas entre os grupos da variável religião no teste de Lambda Wilks, ($Z=2,457$; $p=0,000$), sendo que as variáveis que apresentam diferenças significativamente estatísticas são a variável EOSSpassadoSex ($Z=18,096$; $p=0,000$) e a variável EOSStotal ($Z=3,291$; $p=0,039$).

Tabela 9 - Testes de efeitos entre variáveis em função dos grupos da religião

Testes de efeitos entre assuntos			
Origem	Variável dependente	Z	Sig.
Religião	ECSCcontrolo	,784	,458
	ECSCviolencia	2,643	,073
	NESSego	,843	,432
	NESSactivParceiro	1,761	,174
	EPSStotal	,167	,846
	EAPStotal	,185	,831
	EOSSatitude	2,543	,081
	EOSSpassadoSex	18,096	,000
	EOSSfuturoSex	,050	,951
	EOSSfantasiasSex	,319	,727
	EOSSsocio_sexual_Total	3,291	,039

3.1.2.3 Análise segundo a Orientação Sexual

Com o objetivo de criar três grupos distintos a variável Orientação Sexual foi categorizada, referindo-se o primeiro grupo aos participantes exclusivamente heterossexuais, o segundo grupo refere aos participantes que tiveram relações sexuais com ambos os sexos, independentemente da orientação predominante e o terceiro grupo refere aos participantes exclusivamente homossexuais. A intenção é destacar para análise os indivíduos que se definem com exclusivamente heterossexuais ou homossexuais, uma vez que segundo a literatura têm características que se destacam.

Observa-se que existem diferenças significativas entre os grupos da variável orientação sexual no teste de Lambda Wilks, ($Z=5,225$; $p=0,000$), sendo que, como se pode observar através da Tabela 10, as variáveis que apresentam diferenças significativamente estatísticas são as variáveis ECSCcontrolo ($Z=15,962$; $p=0,000$), ECSCviolência ($Z=5,878$; $p=0,003$), EPSStotal ($Z=3,375$; $p=0,036$), EAPStotal ($Z=3,024$; $p=0,050$), EOSSpassadoSex ($Z=27,382$; $p=0,000$), EOSSfantasiasSex ($Z=8,230$; $p=0,000$) e EOSSsocio_sexual_total ($Z=5,573$; $p=0,004$).

Tabela 10 - Testes de efeitos entre variáveis em função dos grupos da Orientação sexual

Testes de efeitos entre assuntos			
Origem	Variável dependente	Z	Sig.
OriSex	ECSCcontrolo	15,962	,000
	ECSCviolencia	5,878	,003
	NESSego	2,685	,070
	NESActivParceiro	1,103	,333
	EPSStotal	3,375	,036
	EAPStotal	3,024	,050
	EOSSatitude	2,276	,105
	EOSSpassadoSex	27,382	,000
	EOSSfuturoSex	,119	,887
	EOSSfantasiasSex	8,230	,000
	EOSSsocio_sexual_Total	5,573	,004

3.2 Correlações

Com a finalidade de perceber as associações entre as variáveis em estudo, para a amostra total, utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson. A Tabela 11 apresenta os resultados relativos às correlações entre as variáveis das escalas utilizadas.

3.2.1 Correlações Intra-escalas

Através dos resultados apresentados na Tabela 11 podemos observar que na Escala de Comportamento Sexual Compulsivo, as duas dimensões da escala, controlo e violencia, têm uma correlação positiva e estatisticamente significativa ($r=,681$; $p=0,000$).

Na Nova Escala de Satisfação Sexual, as duas dimensões da escala, NESSego e NESActivParceiro também se correlacionam positivamente e com valores estatisticamente significativos ($r=,737$; $p=0,000$).

Na Escala de Orientação Socio Sexual também encontramos correlações positivas e estatisticamente significativas entre as seguintes dimensões: EOSSatitude e

EOSSpassadoSex ($r=238$; $p=0,000$), EOSSpassadoSex com EOSSfuturoSex ($r=,310$; $p=0,000$) e EOSSSociosexual-total ($r=,727$; $p=0,000$) e ainda EOSSfuturoSex com EOSSSociosexual-total ($r=,877$; $p=0,000$).

3.2.2 Correlações inter-escalas

Relativamente ao domínio físico, constatou-se a existência de correlações positivas e estatisticamente significativas entre a variável ECSCControlo e as variáveis ECSCviolência ($r = .681$; $p \leq .000$), EPSStotal ($r = .256$; $p \leq .000$), EOSS fantasias ($r = .681$; $p \leq .000$); a variável ECSCviolência e as variáveis EPSStotal ($r = .158$; $p \leq .006$) e EOSSfantasias ($r = .410$; $p \leq .000$); a variável NESSego e as variáveis NESSactivParceiro ($r = .736$; $p \leq .000$), EPSStotal ($r = .224$; $p \leq .000$), EAPStotal ($r = .123$; $p \leq .020$); a variável NESSactivParceiro e a variável EAPStotal ($r = .132$; $p \leq .023$); a variável EPSStotal e as variáveis EOSSatitude ($r = .386$; $p \leq .000$), EOSSpassaSex ($r = .214$; $p \leq .000$) e EOSSsociosexual_total ($r = .121$; $p \leq .038$); a variável EOSSatitude e a variável EOSSpassadoSex ($r = .238$; $p \leq .000$); a variável EOSSpassadoSex e as variáveis EOSSfuturoSex ($r = .310$; $p \leq .000$) e EOSSSociosexual_total ($r = .727$; $p \leq .000$) e ainda entre as variáveis EOSSfuturoSex e EOSSSociosexual_total ($r = .877$; $p \leq .000$).

Constatou-se a existência de correlações negativas e estatisticamente significativas entre a variável ECSCControlo e as variáveis NESSego ($r = -.252$; $p \leq .000$), NESSactivParceiro ($r = -.263$; $p \leq .000$); a variável ECSCviolência e as variáveis NESSego ($r = -.236$; $p \leq .000$) e NESSactivParceiro ($r = -.186$; $p \leq .001$); a variável NESSego e a variável EOSSfantasias ($r = -.226$; $p \leq .000$); a variável NESSactivParceiro e a variável EOSSfantasias ($r = -.243$; $p \leq .000$).

Tabela 11 - Correlações entre as variáveis do estudo

Legenda: * $\leq 0,05$; ** $\leq 0,01$

A numeração nas colunas corresponde às variáveis apresentadas à esquerda da tabela.

	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 – ECSCcontrolo	,681**	-,252**	-,263**	,256**	-,057	,145*	,108	-,025	,681**	,041
2 – ECSCviolencia		-,236**	-,186**	,158*	-,081	,071	,103	-,018	,410**	,041
3 – NESSEgo			,736**	,224**	,136*	,072	,065	-,005	-,226**	,031
4 – NESSactivParceiro				,086	,132*	,018	,047	-,048	-,243**	-,013
5 – EPSStotal					,098	,385**	,214**	,001	,088	,121*
6 – EAPStotal						,017	,036	-,038	-,028	-,008
7 – EOSSatitute							,238**	-,053	,041	,111
8 – EOSSpassadoSex								,310**	,048	,727**
9 – EOSSfuturoSex									-,038	,877**
10 – EOSSfantasiasSex										-,003

Capítulo 4

Discussão dos Resultados

Sendo o objetivo central deste estudo entender quais os fatores psicossociais que se relacionam com o Comportamento Sexual, segue-se a discussão dos resultados obtidos e apresentados no capítulo anterior.

Uma vez efetuada a caracterização sociodemográfica da amostra foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres em relação a várias variáveis. Observou-se que o fator sexo condiciona os resultados em relação a diversas variáveis sociodemográficas: constatando-se que as mulheres têm mais relações do que os homens; apresentam níveis de escolaridade superiores, maior religiosidade e uma maior orientação sexual para a heterossexualidade e menos disposição para experiências sexuais com o sexo oposto.

Tendo sido aplicado o teste t de *Student*, para comparar as variáveis do estudo em função do sexo, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a maioria das dimensões. Na análise do teste t de *Student* também se observam diferenças estatisticamente significativas entre os géneros em ambas as dimensões da Escala de Compulsividade Sexual.

Os homens pontuam com valores mais elevados do que as mulheres, o que sugere mecanismos de vulnerabilidade à compulsividade sexual, tais como recorrer à atividade sexual para regular a sua emocionalidade segundo os estudos dos autores.

Observa-se que os homens apresentam um nível de satisfação sexual inferior às mulheres na dimensão satisfação sexual com a atividade do parceiro já que a sexualidade tem características próprias que diferem em sexo e estão para além da relação segundo a literatura.

Em relação à **H1 em que é esperado que existam diferenças significativas no comportamento sexual entre homens e mulheres**, esta confirma-se à semelhança dos estudos referidos na revisão da literatura.

Também se aplicou o teste t de *Student*, para comparar as variáveis do estudo em função da existência de relação, tendo-se observado diferenças estatisticamente significativas para a maioria das dimensões. Os participantes com Relações apresentam um nível superior de Controlo da Compulsividade Sexual e Compulsividade Sexual Violência, maiores índices de Satisfação Sexual face ao Ego e também na Satisfação Sexual com a Atividade do Parceiro. Também se observam diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com relações ou sem relações na escala Total de Procura de Sensações e na Escala de Orientação Sócio sexual, nas dimensões Passado, Futuro e Fantasias, no sentido de os participantes com relação pontuarem com valores inferiores em todas as dimensões, o que significa que apresentam, pela ordem apresentada, menos disponibilidade

para atividades sexuais com novos parceiros, menos parceiros sexuais no passado, menos expectativas sexuais para o futuro e também menos fantasias sexuais.

Segundo os dados obtidos os indivíduos com relação pontuam mais baixo na Escala de Orientação Socio Sexual, demonstrando ter um comportamento mais restrito, reportando terem tido poucos parceiros sexuais nos últimos anos, o que é preditivo de terem poucos parceiros sexuais nos próximos cinco anos e menos probabilidade de encontros sexuais pontuais de acordo com os autores da escala.

Em relação à escala de Orientação Sócio Sexual, constata-se que os indivíduos com relação têm valores inferiores na dimensão passado, com menor número de parceiros sexuais e também apresentam menos expectativas em relação ao futuro e menos fantasias sexuais. Confirmam-se os resultados obtidos nos estudos de Kalichman (1994) que defende que os indivíduos com relação têm menos disposição para procurar variedade e complexidade sexual o que está de acordo com a literatura apresentada e confirma a **H2 em que é esperado que existam diferenças significativas no comportamento sexual entre participantes relativamente à existência de Relação.**

Através de Testes Multivariáveis verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos das variáveis Idade, Religião e Orientação Sexual, respetivamente entre o grupo dos mais novos e dos mais velhos, os católicos e os que não têm religião e os heterossexuais e os homossexuais.

Aplicámos os Teste de Efeitos entre Assuntos para os domínios das variáveis em estudo em função dos grupos da Idade e observou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos da Idade na variável controlo da Escala de Compulsividade Sexual e a Escala Total de Orientação Sócio sexual, destacando-se o grupo dos mais velhos (maiores de 40 anos com pontuações mais elevadas, o que significa que detêm níveis inferiores de Compulsividade Sexual e menos disposição para relações sexuais pontuais e sem compromisso uma vez que o desejo sexual se reduz com a idade.

Também se observaram diferenças significativas nos grupos da variável Religião nas dimensões EOSSpassadoSex e EOSStotal, apresentando os participantes católicos um número inferior de parceiros sexuais e uma menor disposição para relações pontuais e sem compromisso.

Nos grupos da Orientação Sexual observam-se diferenças estatisticamente significativas entre o grupo heterossexual e o homossexual em relação às duas dimensões da escala de Compulsividade Sexual, Controlo e Violência, a Escala Total de Atitudes perante o Sexo, que tem mais itens orientados para a homossexualidade, o que é passível de influenciar os resultados. As dimensões Erotofobia e Erotofilia estão relacionadas com a

permissividade sexual e abertura a práticas sexuais diversas e instrumentalidade sexual segundo os autores da escala. As diferenças situam-se entre o primeiro e o terceiro grupo (heterossexuais e h

De acordo com a revisão de literatura confirma-se **a H3 em que se espera que existam diferenças significativas entre os grupos das variáveis Idade, Religião e Orientação Sexual** em relação às atitudes perante o sexo.

De forma a perceber-se quais as associações existentes entre as variáveis do estudo utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson. Constatou-se a existência de correlações positivas e estatisticamente significativas entre todas as dimensões da Escala de Orientação Sócio sexual (atitude, passado sexual, futuro sexual e EOSSescala total) e com a Escala Total de Procura de Sensações Sexuais.

Também se verificou a existência de correlações positivas e estatisticamente significativas entre as dimensões da Escala Total de Orientação Sócio Sexual e todas as outras dimensões.

Observou-se que os homens apresentaram valores superiores nas Escalas de Orientação Sócio Sexual, Escala de Atitudes perante o Sexo e Escala de Procura de Sensações Sexuais,

Sendo a Procura de Novas Sensações Sexuais um derivado específico e comportamental da personalidade, do traço extroversão, uma vez que estas escalas avaliam, respetivamente a disposição para relações pontuais e sem compromisso, a capacidade para responder a estímulos sexuais e a variedade e complexidade sexual.

Na Escala de Procura de Sensações Sexuais os homens apresentam uma maior disponibilidade para procurar novas sensações sexuais. Este traço de personalidade está associado à novidade, situações estimulantes e motivação para correr riscos e sofre uma influência do traço ansiedade da personalidade. Segundo os autores o comportamento é desencadeado por questões motivacionais e leva o individuo a agir para melhorar a sua experiencia (Lima, 1997; McCrae, 2009).

Observa-se que, na Escala Total de Atitudes Perante o Sexo os homens apresentam médias superiores em relação às mulheres o que está de acordo com as teorias sobre funcionamento psicológico de Peterson & Hide (2010), que atribuem aos homens atitudes mais permissivas e liberais e uma maior motivação para as relações sexuais.

No que refere à Orientação Sexual também se observam diferenças estatisticamente significativas em relação ao sexo, apresentando os homens médias superiores às mulheres, assim como na Escala Orientação Socio Sexual em que os homens

apresentam médias superiores nas dimensões passado e fantasia, o que é concordante com os autores da escala e a revisão da literatura e confirma a **H4 em que é esperado que os homens sejam mais permissivos sexualmente e tenham mais abertura a novas experiências do que as mulheres.**

Vários estudos demonstram existir uma relação entre as variáveis sociodemográficas e a satisfação sexual (Acuna & Ceballos, 2005).

Os resultados sugerem que existe uma diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres em relação à Satisfação Sexual, apresentando as mulheres médias superiores na dimensão Satisfação Sexual com a Atividade do Parceiro em relação aos homens.

Nos participantes com relações também se observam diferenças estatisticamente significativas, apresentando os participantes com relação, médias superiores nas duas dimensões da Nova Escala de Satisfação Sexual, o que traduz uma maior satisfação Sexual, relativamente aos participantes sem relação.

Observam-se diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos mais novos e dos mais velhos da variável Idade em relação à Satisfação Sexual, contudo, em relação aos grupos da variável Religião e da variável Orientação sexual não se observaram diferenças estatisticamente significativas em relação à Satisfação Sexual.

De acordo com os estudos apresentados, confirma-se parcialmente a **H5 em que se espera que existam diferenças na Satisfação Sexual entre os grupos das variáveis sociodemográficas**, o que se confirmou em relação aos grupos das variáveis Sexo, Relação e Idade, não se confirmando a hipótese em relação às variáveis Religião e Orientação Sexual.

Através do coeficiente de Pearson constatou-se a existência de correlações positivas e estatisticamente significativas entre as dimensões Controlo e Violência da Escala de Compulsividade Sexual e Escala Total de Procura de Sensações ($r=,256$; $p\leq.000$), a ESCS e a dimensão Fantasias da EPSS ($r=,410$; $p\leq.000$).

As duas dimensões Ego e Satisfação com a Atividade do Parceiro da Escala de Satisfação Sexual apresentam correlações negativas com as duas dimensões da Escala de Compulsividade Sexual o que corrobora a literatura apresentada que defende que a maiores índices de compulsividade corresponde menor Satisfação Sexual.

Também se observaram correlações positivas e estatisticamente significativas entra a Escala Total de Procura de Sensações Sexuais e as dimensões EOSSatitude ($r=,386$; $p\leq.000$), EOSSpassadoSex ($r=,214$; $p\leq.000$) e EOSStotal ($r=,121$; $p\leq.038$).

De acordo com o que é esperado, verifica-se que índices elevados de compulsividade sexual se correlacionam positivamente com as dimensões EPSS_{total}, EOSS_{atitude} e EOSS_{fantasiasSex} que, de acordo com a literatura apresentada, sugere que os traços de personalidade relacionados com a extroversão e procura de novas sensações estão relacionados com disponibilidade para novas experiências, procura de novos parceiros e procura de sensações fortes e estimulantes. O traço abertura à experiência está relacionado com as questões motivacionais que leva o indivíduo a agir para aumentar a sua satisfação.

As dimensões EOSS_{atitude} e EOSS_{passadoSex} também apresentam correlações positivas e estatisticamente significativas entre elas e com as dimensões EOSS_{futuro} e EOSS_{total}, o que confirma que indivíduos com mais parceiros sexuais no passado tendem a ter mais expectativas sexuais em relação ao futuro e maior disponibilidade para atividades sexuais pontuais e sem compromisso ou envolvimento emocional, características predominantes na compulsividade sexual.

Os indivíduos mais abertos à experiência são mais liberais e promíscuos e apresentam maior motivação para experiências sexuais (Miller et al, 2004; Donnelan, Conger & Bryant, 2004; McCrae, 2009; Lima, 1997; Gonzalez & Ribeiro, 2004; Lauriola & Levin, 2001; Heaven et al, 2003; Fishbein & Ajzen, 1975).

Conclui-se que, de acordo com a revisão de literatura, se confirma a **H6 - Existe uma relação entre a Compulsividade, a Satisfação Sexual e a Procura de Novas Sensações.**

Através do teste t de *Student*, para comparar as variáveis do estudo em função do sexo, observaram-se diferenças estatisticamente significativas para a maioria das dimensões, mais especificamente para as dimensões das escalas atrás referidas, tendo os participantes do sexo masculino obtido médias superiores em todas as dimensões das escalas EPSS, EAPS e EOSS, inclusive na EOSS_{futuroSex}, apesar de não apresentar diferenças estatisticamente significativas.

Os resultados estão em conformidade com os estudos apresentados na revisão da literatura e confirmam a **H7 - A Promiscuidade e comportamentos sexuais extremos são um determinante masculino** em que de acordo com os autores apresentados na revisão da literatura, é esperado que existam diferenças significativas entre sexos nos resultados das escalas EPSS, EAPS e EOSS e os homens apresentem médias superiores, o que se verifica neste estudo.

O Questionário de Opinião sobre Comportamento Sexual foi construído com o objetivo de entendermos como se posicionam homens e mulheres, em termos de opinião face a afirmações extremas sobre Comportamento Sexual, não tendo sido feito nenhum tratamento estatístico para este efeito, uma vez que o instrumento não foi validado para este estudo e se destina a investigações posteriores.

A partir das respostas ao questionário, obtidas através duma Escala de Lickert com valores entre 1 (Totalmente de acordo) e 7 (Totalmente em desacordo), foram construídos gráficos de frequências para homens e mulheres, para cada uma das afirmações. Estando o extremo (Totalmente de acordo) à esquerda e o extremo (Totalmente em desacordo) à direita, podemos observar como se posicionam os participantes de ambos os sexos em relação às afirmações.

À exceção do Item nº 97 – utilizar objetos para práticas masturbatórias e do Item 104 – Ter relações sexuais em locais públicos (exe. Carro, vão de escadas, wc) em que as mulheres tiveram uma opinião mais favorável do que os homens, em todas as outras afirmações se verificou uma tendência dos homens para uma maior abertura e tolerância às questões sexuais, ainda que refletindo situações extremas do ponto de vista moral e íntimo, predominando uma maior liberalidade dos homens em relação às mulheres.

Nos homens a distribuição das colunas, nos gráficos, ainda que se posicionem contrariamente às afirmações predominando as colunas à direita (reprovação), existem sempre minorias à esquerda que manifestam aprovação perante estas afirmações.

As mulheres posicionam-se sempre com frequências mais elevadas à direita, na coluna (Totalmente em desacordo), sendo em algumas afirmações praticamente inexistentes frequências nas colunas à esquerda, que demonstram aprovação. Observa-se que as mulheres têm uma opinião sobre comportamento sexual mais restrita e menos abertura a novas experiências o que é concordante com a literatura anteriormente apresentada e reforça os resultados obtidos em relação ao que é esperado na **H7 - A Promiscuidade e comportamentos sexuais extremos são um determinante masculino.**

Podemos referir como limitações a este estudo, o facto não termos avaliado a personalidade e presença de psicopatologia nos participantes, devido às limitações de tempo e dificuldades acrescidas que traria a aplicação destes inventários. Uma outra limitação, deve-se ao facto existir elevada desejabilidade social nas respostas a inventários sobre comportamento sexual e o tempo de aplicação que incompatibilizaria a aplicação de todas estas escalas em simultâneo.

Como sugestão para estudos posteriores, seria a inclusão do inventário de personalidade NEO-PI de Robert McCrae e Paul Costa, e uma escala para avaliar

psicopatologia, especificamente ansiedade e depressão, que segundo a literatura apresentada, podem ser fatores preditores da Compulsividade e da Satisfação Sexual.

O estudo teria que ser realizado em todas as províncias e municípios do território nacional, de modo a conseguir obter-se uma amostra representativa da população portuguesa.

Conclusão

Após efetuarmos este estudo, podemos concluir que as variáveis sociodemográficas são determinantes para o comportamento sexual e que, aliadas às características individuais da personalidade dos indivíduos produz uma variedade complexa de respostas que pode ou não ser condicionada pela presença de psicopatologia.

Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos das variáveis Sexo, Idade, existência de uma Relação, Religiosidade e a Orientação Sexual e em relação aos homens constatou-se que as mulheres têm uma atitude menos permissiva e mais restrita em relação ao sexo.

Observámos a existência de relações entre a Compulsividade Sexual e as outras dimensões das variáveis em estudo, correlacionando-se positivamente com a Procura de Sensações, Abertura à Experiência e Atitudes Sexuais, mas apresentando uma correlação negativa com a Satisfação Sexual o que explica a predisposição para a procura contínua de novos parceiros, atitude liberal e despreocupada perante o sexo e insatisfação sexual.

De acordo com a revisão da literatura os resultados permitiram-nos concluir que os homens tendem a atitudes e comportamentos sexuais mais permissivos e estão mais disponíveis para comportamentos promíscuos do que as mulheres. Os resultados sugerem que a promiscuidade é um determinante masculino, tendo os sexo masculino apresentado médias superiores às mulheres em todas as dimensões que avaliam a predisposição para comportamentos sexuais menos convencionais e mais complexos, o que também observável através dos gráficos elaborados.

Referências Bibliográficas

- Adams, K. & Robinson, D., (2001) Shame Reduction, Affect regulation and Sexual Boundary development: Essential Building Blocks of Sexual Addiction Treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 8, 23-44.
- Ãgmo, A. (2007). On the purpose of sex and some notes on scientific explanations. In A. Agmo. *Functional and Dysfuncional Sexual Behavior*. (Cap. 1; pp. 1-29). Oxford: Academic Press.
- Ajzen, I. (2005). *Attitudes, personality and Behavior*. (2ª ed.) Maidenhead: Open University Press.
- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual review of psychology*, 52, 27-58.
- Alferes, V.R. (1997). *Encenações e Comportamentos Sexuais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Altman, D. (1982). *A americanização da Homossexualidade*. New York: St. Martin's Press.
- Aluja, A., Garcia, Ó., Garcia, L.F. (2003). Relationships among extraversion, openness to experience, and sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 35(3), 671-80.
- Alvarez, M.J., Nogueira, J. (2008). Definições Sexuais de Estudantes Universitários. *Psicologia*, XXII(1), 59-76.
- American Psychiatric Association [APA]. (2010). *Proposed Draft Revisions to DSM Disorders and Criteria*. Acedido a 5 de setembro de 2013 em <http://www.dsm5.org/proposedversion/pages/Default.aspx>
- American Psychiatric Association [APA]. (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (text rev) Washington, DC: Autor.
- Andreae, S. (2003). *Anatomia do desejo*. Porto: Campo das Letras.
- Antunes, M.T.C. (2005). *Attitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes do Ensino Superior*. In B. D. Silva e L.S. Almeida (Eds). VIII Congresso Galaico – Português de psicopedagogia; Braga: Universidade do Minho e Universidade da Coruña.
- Bagby, R. M., Quilty, L. C., Taylor, G.J., Grabe, H. J., Luminet, O., Verissimo, R., et al. (2009). Are there subtypes of alexithymia? *Personality and Individual Differences*, 47(5), 413-418.
- Ballone, G.J., & Moura, E.C. (2008) *Comportamento Sexual Compulsivo* Acedido a 3 de julho de 2013 em www.Psiq.Web.med.br

- Ballone, G. (2003). *Comportamento sexual compulsivo*. Acedido 2 de julho de 2013, em <http://gballone.sites.uol.com.br/sexo/hipersexo.html>.
- Bancroft, J. & Vucadinovic, Z. (2004). Sexual Addiction, Sexual Compulsivity, Sexual Impulsivity, or What? Toward a Theoretical Model. *The Journal of Sex Research*, 41(3), 225-234.
- Barrientos, J. (2003). Satisfacción sexual en Chile: una mirada desde la Psicología Social. (Resumo de Tese de Doutoramento). Escuela de Psicología Social. Universidad la Republica Sede Ñuble-Chillan. Acedido em 3 de julho de 2013 em http://www2.udec.cl/rhertz/privada/sexualidad/unidad_01/satisfaccion_sexual_chile.pdf
- Bergner, R. M. (2002) Sexual Compulsion as Attempted Recovery from Degradation: Theory and Therapy. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(5), 373-387.
- Bhugra, D. (2004) Literature review: a critical update. *Sexual and Relationships Therapy*, 19(1), 109-115.
- Black, D. W., Kehrberg, L.L., Flumerfelt, D. L., & Schlosser, S. S. (1997). Characteristics of 36 Subjects Reporting Compulsive Sexual Behavior. *American Journal of Psychiatry*, 154(2), 243-249.
- Black, D. & Moyer, T. (1998). Clinical Features and Psychiatric Comorbidity of Subjects with Pathological Gambling Behavior. *American Journal of Psychiatry*, 154 (2), 243-249.
- Brecher, E.M. (1970). *The Sex Researchers*. London: Andre Deutsch.
- Brody, S. & Costa, R. (2009). Satisfaction (Sexual, life, relationship, and mental health) is associated directly with penile-vaginal intercourse, but inversely with other sexual behavior frequencies. *Journal of Sexual Medicine*, 6(7),1947-1954.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of research in Personality*, 31(2), 193-221.
- Butcher, J.N., Dahlstrom, W. G., Gramham, J. R., Tellegen, A., & Kaemmer, B. (1989). *MMP-2 (Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2): Manual for administration and scoring*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Byers, S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: a longitudinal study of individuals in long-term relationships, *Journal of Sex Research*, 42(2), 113-118.

- Byers, S. (2011). Sexual Satisfaction in Romantic Relationships: Findings from 25 Years of Research. Comunicação apresentada na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Abril, 27, 2011, Lisboa.
- Byers, S. & Macneil, S. (2006). Further validation of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(1), 53-69.
- Cameron, P. (2002). Homosexual partnerships and homosexual longevity: A replication. *Psychological Reports*, 91 (2), 671-678.
- Carnes, P. (1989). *Contrary to Love: Helping the Sexual Addict*. Minnesota: CompCare Publishers.
- Cloninger, S. C. (2008). *Theories of Personality: Understanding Persons*. (5 ed). Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Coleman, E. (1992). *Is your patient suffering from compulsive sexual behavior?* *Psychiatric Annals*, 22(65), 320-325.
- Coleman, E., Miner, M., Ohlerking, F. & Raymond, N. (2001). Compulsive Sexual Behavior Inventory: a preliminary study and reliability and validity. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 325-332
- Coleman, E., Romine, R. E.S. (2011). Compulsive Sexual Behavior Inventory. In Taylor & Francis (Eds.). *Handbook of Sexuality Measures*. (3rd Ed). New York: Routledge
- Cooper, A., Scherer, C., Boies, S., & Gordon, B. (1999). Sexuality on the internet. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30(2), 154-164.
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1980). Still stable after all these years: personality as a Key to some issues in adulthood and old age. In P. B. Baltes & O. G. Brim, (Eds.). *Life span development and behavior*. (3rd. ed.) (pp. 65-102). New York: Academic Press.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1985). *Manual of the NEO personality Inventory: Form S and Form R*. Odessa: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P., Fagan, P., Piedmont, R., Ponticas, Y., & Wise, T. (1992). The five-factor model of personality and sexual functioning in out-patient men and women. *Psychiatric Medicine*, 10(2), 199-215.
- Christopher, F.S., & Sprecher, S. (2000). Sexuality in marriage, dating, and other relationships: A decade review. *Journal of Marriage & Family*, 62(4), 999-1017
- Dalton A, Galambos, N. (2009). Affect and Sexual Behavior in the Transition to University. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5): 675-87.

- Derogatis, L. R. (1994). *SCL-90-R: Administration, Scoring and Procedures Manual*. Minneapolis: National Computer Systems.
- Digman, J. (1990). Five factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- Donnellan, M.B., Conger, R.D. & Bryant, C.M. (2004). The Big Five and enduring marriages. *Journal of Research in Personality*, 38(5), 481-504.
- Eagly, A. & Chaiken, S. (1993). *The Psychology of Attitudes*. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich.
- Erens, B., McManus, S., Prescott, A., Field, J., Johnson, A.M., Wellings, K, et al. (2003). *National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles II. Reference tables and summary report*. Acedido a 25 de agosto de 2013 em http://www.natcen.ac.uk/natsal/reference_tables_and_summary_report.pdf.
- Eysenck, H.J. (1976). *Sex and personality*. London: Open Books Publishing Ltd.
- Eysenck, H. J. (1972). *Psychology is about people*. Harmondsworth: Penguin.
- Feist, J. & Feist, G.J. (2009). *Theories of personality*. (7th ed). New York: McGraw-Hill Higher Education.
- Fishbein, M. & Ajzen, I. *Belief, attitude, intention and behavior*. Londres: Addison-Wesley Publishing Company.
- Fonseca, A.F. (1997). *Psiquiatria e Psicopatologia*. (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Foucault, M. (1994) *Histórias da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio de Água Editores.
- Friedman, H. R. (1999). A Gestalt Approach to Sexual Compulsivity. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 6(1), 63-75.
- Funder, D.C. (2001). Personality. *Annual Review of Psychology*, 52(1), 197-221.
- Furnham, A. & Avison, M. (1997). Personality and preference for surreal paintings. *Personality and Individual Differences*, 23(6), 923.
- Garcia, A., Andrade, A. L. & Cano, D.S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP.

- Giugliano, J. (2006). Out of Control Sexual Behavior: A Qualitative Investigation. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 13(4), 361-375.
- Gleitman, H. (1999). *Psicologia*. (4ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Gonzalez, B & Ribeiro, J.P. (2004) Comportamentos de saúde e dimensões de personalidade em jovens estudantes universitárias. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 107-27.
- Goodman A. (1993). Diagnosis and treatment of sexual addiction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 19(3), 225-51.
- Greef, A., & Malherbe, H. (2001). Intimacy and marital satisfaction in spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 247-257.
- Haavio-Manilla, E. & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399-418.
- Habke, A., Hewitt, P. L., & Flett, G. (1999). Perfectionism and sexual Satisfaction in Intimate relationship. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 21(4), 307-320.
- Haning, R.V., O'Keefe, S.L., Randall, E.J., Kommor, M.J., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, orgasm likelihood, and conflict predict sexual satisfaction in heterosexual male and female respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33(2), 93-113.
- Heaven, P., Crocker, D., Edwards, B., Preston, N., Ward, R., & Woodbridge, N. (2003). Personality and Sex. *Personality and Individual Differences*, 35 (2), 411-419.
- Heaven, P., Fitzpatrick, J., Craig, F., Kelly, P., & Sebar, G. (2000). Five personality factors and sex: Preliminary findings. *Personality & Individual Differences*, 28(6), 1133-1141.
- Hendrick, C., Hendrick, S. S. Reich, D. A. (2006). The Brief Sexual Attitudes Scale. *Journal of sex Research*, 43(1), 76-86.
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (1987). Multidimensionlity of sexual attitudes. *Journal of sex Research*, 23(4), 502-26.
- Hill, C. A. (2008). *Human sexuality: personality and social psychological perspectives*. London: Sage publications.
- Hill, C. A. & Preston, L. K. (1996). Individual differences in the experience of sexual motivation: Theory and measurement of dispositional sexual motives. *Journal of sex Research*, 33(1), 27-45.

- Hoyle, R. H., Fejfar, M.C. & Miller, J. D. (2000). Personality and Sexual Risk Taking: A Quantitative Review. *Journal of Personality*, 68(6), 1203-31.
- Hunt, J. & Eisenberg, D. (2010). Mental Health Problems and Help-Seeking Behavior Among College Students. *Journal of Adolescent Health*, 46(1), 3-10.
- Impett, E. A. & Tolman, D. L. (2006). Late adolescent girl's sexual experiences and sexual satisfaction. *Journal of Adolescent Research*, 21, 628-644.
- Ingledeu, D. & Ferguson, E. (2007). Personality and riskier sexual behavior: Motivational mediators. *Psychology and health*. 22(3), 291-315.
- Kafka, M. P. (2010) Hipersexual Disorder: A Proposed Diagnosis for DSM-V. *Archives of Sexual Behavior*, 39(2), 377-400.
- Kafka, M., P. & Hennen, J. (2002). A DSM-IV Axis I Comorbidity Study of males (n=120) With Paraphilias and Paraphilia-Related Disorders. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 14(4), 349-366.
- Kalichman, S.C., (2011). Sexual Sensation Seeking Scale. In Taylor & Francis (Eds.). *Handbook of Sexuality Measures*. (3rd Ed). New York: Routledge
- Kalichman, S. & Cain, D. (2004). The Relationship Between Indicators of Sexual Compulsivity and High Risk Sexual Practices Among Men and Woman receiving Services From a Sexuality transmitted Infetion Clinic. *Journal of Research and Treatment*, 41 (3), 235-241.
- Kalichman, S., Johnson, J., Adair, V., Rompa, D., Mulhault, K. & Kelly, J. (1994) Sexual Sensation seeking: Scale Development and Predicting AIDS- Risk Behavior Among Homosexually Active Men. *Journal of Personality Assessment*, 62(3), 385-397.
- Kalichman, S. & Rompa, D. (2001). The Sexual Compulsivity Scales: Further Development and Use With HIV-Positive Persons. *Journal of Personality Assessment*, 76(3), 379-395.
- Kalichman, S. & Rompa, D. (1995). Sexual Sensation Seeking and Sexual Compulsivity Scales: Reliability, Validity, and Predicting HIV Risk Behavior. *Journal of Personality Assessment*, 65(3), 586-601.
- Kedde, H. & Berlo, W. (2006). Sexual satisfaction and sexual self-images of people with physical disabilities in the Netherlands. *Sexuality and Disability*, 24(1), 53-68.

- Kenneth, J., Davidson, S., Moore, N.B., Earle, J.R. & Davis, R. (2008). Sexual Attitudes and behavior at four universities: do region, race and/or religion matter? *Adolescence*, 43(170), 189-220.
- Kimble, G. A. (1993). Evolution of the nature- nurture issue in the history of Psychology. In: R. Plomin e G. E. McClearn (Eds). *Nature nurture and Psychology*. (Cap. 1, pp. 3-25). Washington, DC: American Psychological Association
- Kingston, D. & Firestone, P. (2008). Problematic Hypersexuality: A Review of Conceptualization and Diagnosis. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 14(4), 284-310.
- Larsen, R. J. & Buss, D. M. (2008). *Personality Disposition over Time. Personality Psychology; Domains of Knowledge About Human Nature*. (3rd ed.) New York: McGraw Hill
- Lauriola, M. & Levin, I.P. (2001). Personality traits and risky decision-making in a controlled experimental task: an exploratory study. *Personality and Individual Differences*, 31(2), 215-26.
- Lawrances, K. & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, 2(4), 267-285.
- Lefkowitz, E.S., Gillen, M, M., Shearer, C.L. & Boone, T,L. (2004). Religiosity, sexual behaviors and sexual attitudes during emerging adulthood. *The Journal of Sex Research*, 41(2), 150-9.
- Levine, S. B. (2002). Re-exploring the concept of sexual desire. *Journal of sex and Marital Therapy*, 28(1), 39-51.
- Levine, M. & Troiden, R. (1998). Myths of Sexual Compulsivity. *The Journal of Sex Research*, 25(3), 347-363.
- Lima, M.P. & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco fatores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 18(2), 171-9
- Lima, M. P. (1997). *NEO PI R: Contextos teóricos e psicométricos OCEAN ou iceberg?* Coimbra: Universidade de Coimbra
- Lochner, C., & Stein, D. (2006). Does Work on obsessive-compulsive spectrum disorders contribute to understanding the heterogeneity of obsessive-compulsive disorder? *Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 30(3), 353-361.

- Lopez, F, & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família
- Markey, P. M. & Markey, C.N. (2007). The interpersonal meaning of sexual promiscuity. *Journal of Research in Personality*, 41(6), 1199-212.
- Markey, C. N., Markey, P. M., & Tinsley, B. J. (2003). Personality, puberty, and preadolescent girls risky behaviors: Examining the predictive value of the five-factor model of personality. *Journal of Research in Personality*, 37, 405-419.
- Matos, M. G., Reis, M. & Ramiro, L. (2010). *Saúde sexual e reprodutiva dos estudantes do ensino superior*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- McCabe, M.P., & Goldhammer, D.L. (2011). Demographic and psychological factors related sexual desire among heterosexual women in a relationship. *Journal of Sex Research*, 49(1), 78-87.
- McCoul, M. D.; Haslam, N. (2001). Predicting high risk sexual behaviour in heterosexual and homosexual men: The roles of impulsivity and sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 31(8), 1303.
- McCrae, R. Openness to Experience: Expanding the boundaries of Factor V. (1994). *European Journal of Personality*, 8(4), 251-72.
- McCrae, R. R. & Costa, P.T. (2003). *Personality in adulthood: a five-factor theory perspective*. (2 ed). New York, London: Guilford Press.
- McCrae, R.R. & Sutin, A.R. (2009). Openness to Experience. In: M. R. Leary, R.H. Hoyle (Eds). *Handbook of Individual Differences in social Behavior*. (pp.257-73). New York: Guilford.
- Miller, J. D., Lynam, D., Zimmerman, R. S., Logan, T.K., Leukefeld, C., Clayton, R. (2004). The utility of the Five factor Model in understanding risk sexual behavior. *Personality and Individual Differences*, 36(7), 1611-26.
- Miner, M. H., Coleman, E., Center, B. A., Ross, M., & Rosser, B. R. S. (2007). The Compulsive Sexual Behavior Inventory: Psychometric properties. *Archives of sexual Behavior*, 36(4), 579-587.
- Missildine, W., Feldstein, G., Punzalan, J., & Parsons, J. (2005). She Loves Me, She Loves Me Not: Questioning Heterosexist Assumptions of Gender Differences for Romantic and sexually Motivated Behaviors. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 12(1), 65-74.

- Muench, F. & Parsons, J.T. (2004). Sexual compulsivity and HIV: Identification and treatment. *Focus: A Guide to AIDS Research and Counseling*, 19(10), 1-3.
- Nichols, L. (2008). Putting the New View Classification Scheme to an Empirical Test. *Feminism & Osycology*, 18 (4), 515-526.
- Nobre, P.J. & Pinto-Gouveia, J. (2006). Dysfunctional sexual beliefs as vulnerability factors for sexual dysfunction. *Journal of Sex Research*, 43(1), 68-75.
- Nocolosi, J. (1989). *Human sexuality and its problems* (2^a ed.) New York: Churchill
- Offman, A. & Matheson, K. (2005). Sexual compatibility and sexual functioning en intimate relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 14(1-2), 31-39.
- Olson, J. M. & Maio, G. R. (2003). Attitudes in Social Behavior. In: T. Millon, M. J. Lemer, I. B. Weiner (Eds). *Handbook of psychology*: (Vol. 5. Personality and social psychology, pp.299-324). Hoboken: Wiley
- Parish, W. L., Luo, Y., Stolzenberg, R., Laumann, E. O., Farrer, G. & Pan, S. (2007). Sexual practices and sexual satisfaction: a population based study of chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 5-20.
- Perel, E. (2008). *Mating in Captivity: Reconciling the erotic and the domestic*. New York: Harper Collins.
- Perera, B., Reece, M., Monahan, P., Billingham, R. & Finn, P. (2009). Childhood Characteristics and Personal Dispositions to Sexually Compulsivity behavior Among Young Adults. *Sexual Addiction and Compulsivity*, 16(2), 131-145.
- Perry, M., Accordino, M. & Hewes, R (2007). An Investigation of Internet Use, Sexual and Nonsexual sensation seeking, and Sexual compulsivity among College Students. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 14(4), 321-335.
- Petersen, J. & Hyde, J. S. (2010). Gender Differences in sexuality. In: J C. Chrisler, D. R. McCreary (Eds.). *Handbook of Gender Research in Psychology*. (Volume 1: Gender Research in General and Experimental Psychology). New York: Springer
- Prislin, R. & Wood, W. (2005). Social Influence in Attitudes and Change. In: D. Albarracin, B. T. Johnson BT, M P. Zanna (Eds). *Handbook of attitudes*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Putnam, D. E. (2000). Initiation and Maintenance of Online Sexual Compulsivity: Implications for Assessment and Treatment. *CyberPsychology & Behavior*, 3(4), 553.

- Quinta-Gomes, A., & Nobre, P. (2011). Personality traits and psychopathology on male sexual dysfunction: An empirical study. *Journal of Sexual Medicine*, 8(2), 461-469.
- Rabinowitz, V. C., Charles, S. (2004). *Risk-Taking and Sexual Behavior*. In Encyclopedia of Applied Psychology. (pp. 281-7). New York: Elsevier
- Rathus et al. (2005). *Sexualidade humana num mundo de diversidade*. (2ª ed.) New Jersey: Pearson Education.
- Raviv, M. (1993). Personality characteristics of sexual addicts and pathological gamblers. *Journal of Gambling Studies*, 9(1), 17-30.
- Rawlings, D. (2003). Personality correlates of liking for 'unpleasant' paintings and photographs. *Personality and Individual Differences*, 34(3), 395.
- Raymond, N. C., Coleman, E., & Miner, M. H. (2003). Psychiatric comorbidity and compulsive/impulsive traits in compulsive sexual behavior. *Comprehensive Psychiatry*, 44(5), 370-380.
- Regan, P., Levin, L.; Sprecher, S., Christopher, F. S. & Cate, R. (2002). Partner Preferences: What characteristics do men and women desire in their short-term sexual and long-term romantic partners. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 1-21.
- Reid, R. C. & Carpenter, B. N. (2009). Exploring relationships of psychopathology in hypersexual patients using the NMPI-2. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 35(4), 294-310.
- Reid, R. C., Carpenter, B. N. & Lloyd, T. (2009). Assessing psychological symptom patterns of patients seeking help for hypersexual behavior. *Sexual and Relationship Therapy*, 24(1), 47-63.
- Reid, R. C., Carpenter, B.N., Spackman, M., & Willes, D. L. (2008). Alexithymia, emotional instability, and vulnerability to stress proneness in patients seeking help for hypersexual behavior. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 34(2), 133-149.
- Reid, R., Sein, J. & Carpenter, B. (2011). Understanding the Roles of Shame and neuroticism in a Patient Sample of Hypersexual Men. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 199(4), 263-267
- Richters, J. (2009). Bodies, pleasure, and displeasure. *Culture, Health & Sexuality*, 11(3), 225-236.
- Roberti, J. W. (2004). A review of behavioral and biological correlates of sensation seeking. *Journal of Research in Personality*, 38(3): 256-79

- Rodrigues, V. A. & Gonçalves L. (1998). *Patologia da Personalidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Russo, M. F., Lahey, B. B., Christ, M. A. G., Frick, P. J., McBurnett, K., Walker, J. L. et al (1991). Preliminary development of a sensation seeking scale for children. *Personality and Individual Differences*, 12(5), 399–405.
- Samenow, C. P. (2001). What You Should Know about Hipersexual Disorder. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 18 (3), 107-113.
- Schmitt, D. P. & Shackelford, T. K. (2008) Big Five traits Related to Short-Term Mating: From Personality to Promiscuity across 46 Nations. *Evolutionary Psychology*. 6(2): 246-82.
- Schmitt, D.P. (2004). The Big Five related to risky sexual behavior across 10 world regions: differential personality associations of sexual promiscuity and relationship infidelity. *European Journal of Personality*, 18(4), 301-19.
- Seghir, M. T. & Robins, E. (1991). *Homossexualidade Masculina*. New Jersey: Jason Aronsons Inc.
- Shafer, A.B. (2001). The Big Five an Sexuality Trait Terms as Predictors of Relationships an Sex. *Journal of Research in Personality*, 35(3), 313-38.
- Shankle, M. D; Maxwell, C. A; Katzman, E. S. & Landers, S. (2003). An invisible population: Older lesbian, gay, bisexual, and transgender individuals. *Clinical Research and Regulatory Affairs*, 20(2), 159-182.
- Simpson, J. A. (2011). Sociosexual Orientation Inventory In Taylor & Francis (Eds.). *Handbook of Sexuality Measures*. (3rd Ed). New York: Routledge.
- Smith, T. W. (2006) *American Sexual Behavior: Trends, Socio-Demographic Differences, and Risk Behavior*. Chicago: National Research Center University of Chicago Contract No GSS Tropical Report No. 25.
- Smith, C. V., Nezlek, J. B., Webster, G. D., & Paddock, E. L. (2007). Relationships between daily sexual interactions and domain-specific and general models of personality traits. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(4), 497-515.
- Sprecher, S., Christopher, F.S. & Cate, R. (2006). Sexuality in Close Relationships. In A.L. Vangelisti & D. Perlman (Eds). *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*. (pp.463-482) New York: Cambridge University Press.

- Steinke, E. & Wrigth, D. W. (2006). The role of sexual satisfaction, age, and cardiac risk factors in the reduction of post-MI anxiety. *European Journal of Cardiovascular Nursing*, 5(3), 190-196.
- Stulhofer, A.; Busko, V. & Bouillard, P. (2011). The New Sexual Satisfaction Scale and its Short Form. In Taylor & Francis (Eds.). *Handbook of Sexuality Measures*. (3rd Ed). New York: Routledge
- Stulhofer, A. Busko, V., & Bouillard, P. (2010). Development and bicultural validation of the new Sexual Satisfaction Scale. *The Journal of Sex Research*, 47(4), 257-268
- Stulhofer, A., Busko, V., & Landripet, I. (2010). Pornography, sexual socialization and satisfaction among young men. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 168–178
- Van-Minnen, A. & Kampman, M. (2000). The interaction between anxiety and sexual functioning: a controlled study of sexual functioning in women with anxiety disorders. *Sexual and Relationships Therapy*, 15(1), 47-57.
- Westheimer, R., Lopater, S. (2004). *Human Sexuality: A Psychosocial Perspective*. Lippincott Williams & Wilkins.
- William, A.F. (2011). Sexual Opinion Survey. Simpson, J. A. (2011). Sociosexual Orientation Inventory In Taylor & Francis (Eds.). *Handbook of Sexuality Measures*. (3rd Ed). New York: Routledge.
- Wilson, M. (2000). Creativity and Shame Reduction in Sex Addiction Treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 7(4), 229-248.
- World Health Organization [WHO] (2004). Sexual health. A new focus for WHO. *Progress in Reproductive Health Research*, 67, 1-8. Acedido a 5 de setembro de 2013 em <http://www.who.int/reproductive-> y
- Yoder, V. C., Virden, T. B., & Amin, K. (2005). Internet pornography and loneliness: An association? *Sexual Addiction & Compulsivity*, 12(1), 19-44.
- Zuckerman, M. (1974). The sensation seeking motive. In B. A. Maher (Ed.). *Progress in experimental personality research*. (Vol. 7, pp.79-148): New York: Academic Press.
- Zuckerman, M. (2007a). The sensation seeking scale V (SSS-V): Still reliable and valid. *Personality and Individual Differences*, 43(5), 1303–1305.
- Zuckerman, M. (2007b). *Sensation seeking and risky behavior*. American Psychological Association.

- Zuckerman, M. (1991). *Psychobiology of Personality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (1983). *Biological Bases of Sensation Seeking, Impulsivity and Anxiety*. Hillsdale: Erlbaum.
- Zuckerman, M. (1979). *Sensation seeking: beyond the optimal level of arousal*. L. Erlbaum Associates.
- Zuckerman, M. (2009). Chapter 31. Sensation seeking. In M. R. Leary, R. H. Hoyle (Eds.) *Handbook of Individual Differences in Social behavior*. (pp. 455-465). New York/London: The Guildford Press.
- Zuckerman, M., Eysenck, S. B. J., & Eysenck, H. J. (1978). Sensation seeking in England and America: Cross-cultural, age, and sex comparisons. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 46(1), 139-149
- Zuckerman, M. & Kuhlman, D. M. (2009). Personality and Risk-Taking: Common Biosocial Factors. *Journal of Personality*, 68(6), 999-1029.
- Zuckerman, M., Michael, K., D.; Thornquist, M., Kiers, H. (1991). Five (or three) robust questionnaire scale factors of personality without culture. *Personality and Individual Differences* 12(9), 929.

Apêndices

Apêndice I – Questionário Sociodemográfico

Instruções de resposta ao questionário:

Este questionário tem como objetivo recolher dados para uma investigação sobre comportamento sexual. É de toda a conveniência que responda com o máximo de rigor e honestidade. Não **há respostas certas ou erradas** relativamente a qualquer dos itens, pretendendo-se apenas a sua opinião pessoal e sincera.

Este questionário é de natureza **confidencial**. O tratamento deste, por sua vez, é efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que significa que o seu **anonimato** é respeitado.

Agradeço desde já a sua colaboração.

1. **Sexo:** Feminino ☐ Masculino ☐

2 - **Idade** _____ (maiores de 18 anos)

3- **Estado Civil:** Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ Divorciado(a) ☐ Viúvo(a) ☐

4 - **Tem alguma relação?:** Sim ☐ Há quanto tempo?

Não ☐

5 – **Escolaridade:** Ensino Primário, ☐ Ensino Secundário, ☐ Licenciatura, ☐

Pós-graduações/Mestrados.

6 - **Religião:** Sem Religião ☐ Católica ☐ Outros. ☐

Orientação Sexual

Relativamente à sua orientação sexual, considera-se (assinale apenas uma escolha)

0 – Exclusivamente heterossexual ☐

1 – Predominantemente heterossexual, raramente homossexual ☐

2 – Predominantemente heterossexual, pontualmente homossexual ☐

3 – Igualmente homossexual e heterossexual ☐

4 – Predominantemente homossexual, pontualmente heterossexual ☐

5 - Predominantemente homossexual, raramente heterossexual ☐

6 – Exclusivamente homossexual ☐

Apêndice II - Questionário de Opinião de Comportamento Sexual

Gavilan, J., Universidade Lusófona, Lisboa, 2013

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu grau de acordo ou desacordo em relação a cada uma delas:

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 1 – Totalmente de acordo | 2 – De acordo |
| 3 – Ligeiramente de acordo | 4 – Não concordo nem discordo |
| 5 – Ligeiramente em desacordo | 6 Em desacordo |
| 7 – Totalmente em desacordo | |

1 - Manter relações sexuais com outros parceiros tendo uma relação estável

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

2 - Fazer sexo a três ou em grupo

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

3 - Incluir animais nas atividades sexuais

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

4 - Ter relações sexuais com contrapartidas financeiras

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

5 – Recorrer aos serviços de um/a profissional do sexo (prostituição).

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

6 – Ter relações sexuais sob o efeito de drogas ilegais (cocaína, ecstasy, poppers, entre outras).

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

7 – Ter relações sexuais com adolescentes legalmente menores de idade

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8 – Manter uma relação aberta ou liberal com permissão mútua.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

9 – Práticas sedo-masoquistas com o/a parceiro/a

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

10 - Utilizar objetos destinados a práticas masturbatórias

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

11 - Ter relações sexuais de uma só noite

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

12 - Ter relações sexuais sem envolvimento emocional

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

13 - Praticar swing (troca de casais)

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

14 - Ter relações sexuais em locais de cruising e clubes de sexo

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

15 - Ter relações sexuais sem preservativo

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

16 - Ter relações sexuais com desconhecidos (as)

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

17- Ter relações sexuais em locais públicos (exe. carro, vão de escadas, WC)

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

18 – Ter relações sexuais com parentes próximos

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

19 – Manter relações sexuais com alguém próximo, sem compromisso emocional (amizade colorida).

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Apêndice III – Protocolo da Investigação

13/12/13 Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

Questionario sobre Comportamento Sexual

Este questionário tem como objetivo recolher dados para uma investigação sobre Comportamento Sexual para a minha Tese do Mestrado em Psicologia, Acompanhamento e Psicoterapias, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

É de toda a conveniência que responda com o máximo de rigor e honestidade. Não há respostas certas ou erradas relativamente a qualquer dos itens, pretendendo-se apenas a sua opinião pessoal e sincera.

Este questionário é de natureza confidencial. O tratamento deste, por sua vez, é efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que significa que o seu anonimato é respeitado e garantido pelo acesso ao link, sem qualquer identificação prévia.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Jorge Gavilan

*Obrigatório

1. Qual o seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Masculino

☐ Feminino

2. Qual a sua idade? *

.....

3. Qual o seu estado civil? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Solteiro(a)

☐ Casado(a) / União de Fato

☐ Divorciado(a) / Separado(a)

☐ Viúvo(a)

4. Tem alguma relação? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não *Fasse para a pergunta 6.*

5. Há quanto tempo tem a relação? *

.....

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmXV6L2XshV5E48CJ7DQPhyoqHT5BUHQ7eACKI7TevD/edit> 1/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

6. Qual a sua escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Primário
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-graduações/Mestrado
- ☐ Doutoramento

7. Qual a sua Religião? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sem Religião
- ☐ Católica
- ☐ Outros

Relativamente à sua orientação sexual, considera-se (assinale apenas uma escolha)

- 0 – Exclusivamente heterossexual;
- 1 – Predominantemente heterossexual, raramente homossexual;
- 2 – Predominantemente heterossexual, pontualmente homossexual;
- 3 – Iguamente homossexual e heterossexual;
- 4 – Predominantemente homossexual, pontualmente heterossexual;
- 5 – Predominantemente homossexual, raramente heterossexual;
- 6 – Exclusivamente homossexual.

8. Relativamente à sua orientação sexual, considera-se *

Marcar apenas uma oval.

- 0 1 2 3 4 5 6
- ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Tendo em conta a sua vida sexual, responda às seguintes perguntas, de acordo com a seguinte escala:

- 1 – Nunca;
- 2 – Raramente;
- 3 – Ocasionalmente;
- 4 – Frequentemente;
- 5 – Sempre.

9. Com que frequência tem dificuldade em controlar os seus impulsos sexuais? *

Marcar apenas uma oval.

- 1 2 3 4 5
- ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqht56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

2/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

10. **Alguma vez se sentiu incapaz de controlar o seu comportamento sexual? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

11. **Com que frequência utiliza o sexo como uma forma de lidar com problemas e/ou preocupações? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

12. **Com que frequência se sentiu culpado ou envergonhado do seu comportamento sexual? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

13. **Com que frequência escondeu o seu comportamento sexual de outras pessoas? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

14. **Com que frequência se sentiu incapaz de controlar os seus sentimentos em relação ao sexo? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

15. **Com que frequência fez promessas ou se comprometeu a mudar os seus comportamentos sexuais?**

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

3/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

16. Com que frequência os seus pensamentos ou comportamentos sexuais interferiram com a formação de novas amizades? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

17. Com que frequência arranjou desculpas para se justificar do seu comportamento sexual?

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

18. Quantas vezes desperdiçou oportunidades para atividades produtivas e interessantes por causa do seu comportamento sexual? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

19. Com que frequência as suas atividades sexuais lhe causaram prejuízo financeiro? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

20. Quantas vezes se sentiu emocionalmente distante durante o ato sexual? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

21. Quantas vezes teve sexo ou se masturbou mais do que desejava? *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyoqht56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

4/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

22. **Alguma vez forçou alguém a ter sexo? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

23. **Alguma vez atingiu, pontapeou, esmurrou ou esbofeteou, atirou, asfixiou, amarrou ou foi atingido pelo seu parceiro(a) atual ou recente? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

24. **Algum dia provocou dor intencionalmente durante o ato sexual? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

25. **Numa discussão, alguma vez pontapeou, esmurrou, esbofeteou, atirou, asfixiou, amarrou ou foi atingido pelo seu parceiro(a) atual ou recente? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

26. **18. Alguma vez recebeu dor física para atingir prazer sexual? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

27. **Alguma vez recebeu dinheiro para praticar sexo? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyoqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

5/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

28. **Alguma vez se sentiu forçado/a a ter relações sexuais com o seu/sua mulher/marido/amante? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

29. **Alguma vez foi observado enquanto se masturbava ou tinha sexo sem o seu consentimento? ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

Tendo em conta a sua vida sexual durante os últimos seis meses, avalie o seu grau de satisfação relativamente às seguintes afirmações:

- 1 – Insatisfeito;
2 – Pouco Satisfeito;
3 – Moderadamente Satisfeito;
4 – Satisfeito;
5 – Muito Satisfeito.

30. **A intensidade da minha excitação sexual. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

31. **A qualidade dos meus orgasmos. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

32. **A minha entrega no ato sexual. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

6/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

33. **A minha concentração durante o ato sexual. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

34. **A forma como eu reajo ao meu parceiro(a) sexual. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

35. **O funcionamento sexual do meu corpo. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

36. **A minha disposição depois da atividade sexual. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

37. **A minha abertura emocional para o sexo. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

38. **A frequência dos meus orgasmos. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

39. **O prazer que dou ao meu parceiro(a). ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

7/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

40. **O balanço entre o que dou e recebo no sexo.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

41. **A abertura do meu parceiro(a) para o sexo.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

42. **A iniciativa sexual do meu parceiro(a).** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

43. **A capacidade do meu parceiro(a) em ter orgasmos.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

44. **Como o meu parceiro(a) se entrega ao prazer sexual.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

45. **Como o meu parceiro(a) satisfaz as minhas necessidades sexuais.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

46. **A criatividade sexual do meu parceiro(a).** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XtWE49Cu7OQPfyqht56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

8/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

47. **A disponibilidade do meu parceiro(a) para a atividade sexual.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

48. **A variedade das minhas atividades sexuais.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

49. **A frequência da minha atividade sexual.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com a sua opinião:

- 1 – Não me identifico;
- 2 – Identifico-me pouco;
- 3 – Identifico-me;
- 4 – Identifico-me muito.

50. **Eu gosto de aventuras sexuais desinibidas.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

51. **As sensações físicas são o mais importante no sexo.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

52. **O meu parceiro sexual provavelmente pensa que eu tenho comportamentos de risco.** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqht56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

9/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

53. Quando se trata de sexo a atração física é mais importante para mim do que o grau de conhecimento entre nós. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

54. Eu gosto da companhia de pessoas sensuais. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

55. Eu gosto de assistir a vídeos de conteúdo sexual para adultos. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

56. Eu interesso-me por novas experiencias sexuais. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

57. Eu Sinto desejo de explorar a minha sexualidade. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

58. Eu gosto de experienciar novas sensações e formas de excitação sexual. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

59. Eu gosto da sensação de sexo sem preservativo. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4
☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XxhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

10/18

13/12/13

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu grau de acordo ou desacordo em relação a cada uma delas:

- 1 - Totalmente de acordo;
- 2 - De acordo;
- 3 - Ligeiramente de acordo;
- 4 - Não concordo nem discordo;
- 5 - Ligeiramente em desacordo;
- 6 - Em desacordo;
- 7 - Totalmente em desacordo.

60. Eu penso que seria divertido ver pornografia. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

61. A pornografia é nojenta e as pessoas não devem tentar descrevê-la de outra forma. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

62. Nadar nu com uma pessoa do sexo oposto é uma experiência excitante. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

63. A masturbação pode ser uma experiência excitante *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

64. Ficava aborrecido/a se soubesse que um amigo(a) próximo(a) é homossexual. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyoqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

11/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

65. **Se as pessoas pensassem que estou interessado/a em sexo oral, sentiria vergonha. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

66. **Praticar sexo em grupo é uma ideia agradável. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

67. **Pensar no ato sexual é excitante ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

68. **Ver um filme pornográfico é muito excitante ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

69. **A ideia de ter tendências homossexuais não me preocupa ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

70. **A ideia de me sentir atraído/a por pessoas do mesmo sexo não é deprimente. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

71. **Quase todo o material pornográfico é nojento. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqht56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

12/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

72. Seria emocionalmente perturbador ver alguém expor-se publicamente. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

73. Ver um/uma stripper do sexo oposto não é muito excitante. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

74. Não gostaria de ver um filme pornográfico. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

75. Quando fantasio com pessoas do mesmo sexo enquanto me masturbo fico enojado/a. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

76. Pensar em práticas sexuais pouco usuais é muito excitante. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

77. Manipular os meus genitais é uma experiência excitante *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

78. Eu não gosto de pensar em sexo durante o dia.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyoghT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

13/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

79. Não tenho curiosidade sobre pornografia explícita. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

80. Pensar em sexo com alguém, além do meu (minha) companheira(a) não me desagrada. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu comportamento

81. Quantos parceiros sexuais teve no último ano? *

.....

82. Com quantos parceiros sexuais estima ter sexo nos próximos cinco anos? Tente ser específico e realista na estimativa. *

.....

83. Com quantas pessoas teve sexo apenas uma vez? *

.....

Com que frequência fantasia ter sexo com alguém, além do seu/sua parceiro(a) atual?

- 1 – Nunca;
- 2 – Uma vez em 2 ou 3 meses;
- 3 – Uma vez por mês;
- 4 – De duas em duas semanas;
- 5 – Uma vez por semana;
- 6 – Várias vezes numa semana;
- 7 – Quase todos os dias;
- 8 – Pelo menos uma vez por dia.

84. *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

14/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu comportamento

85. **Sexo sem amor é normal.** *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
Totalmente em desacordo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Totalmente em acordo

86. **Pensar em sexo ocasional com diferentes parceiros(as) faz-me sentir confortável.** *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
Totalmente em desacordo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Totalmente em acordo

87. **Eu preciso de gostar física e emocionalmente de alguém para me sentir confortável para ter sexo.** *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
Totalmente em desacordo	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	Totalmente em acordo

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu grau de acordo ou desacordo em relação a cada uma delas:

- 1 - Totalmente de acordo;
- 2 - De acordo;
- 3 - Ligeiramente de acordo;
- 4 - Não concordo nem discordo;
- 5 - Ligeiramente em desacordo;
- 6 - Em desacordo;
- 7 - Totalmente em desacordo.

88. **Manter relações sexuais com outros parceiros tendo uma relação estável** *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

15/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

89. **Fazer sexo a três ou em grupo ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

90. **Incluir animais nas atividades sexuais ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

91. **Ter relações sexuais para obter contrapartidas financeiras ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

92. **Recorrer aos serviços de um(a) profissional do sexo (prostituição) ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

93. **Ter relações sexuais sob o efeito de drogas ilegais (cocaína, ecstasy, poppers, entre outros) ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

94. **Ter relações sexuais com adolescentes legalmente menores de idade ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

95. **Manter uma relação aberta ou liberal com permissão mútua ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XxhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

16/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

96. **Práticas sado- masoquistas com o/a parceiro/a ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

97. **Utilizar objectos destinados a práticas masturbatórias ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

98. **Ter relações sexuais de uma só noite ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

99. **Ter relações sexuais sem envolvimento emocional ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

100. **Praticar swing (troca de casais) ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

101. **Ter relações sexuais em locais de cruising e clubes de sexo ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

102. **Ter relações sexuais sem preservativo ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

<https://docs.google.com/forms/d/1ZmV7WJ2XhWE49Cu7OQPfyqhT56UuHQ7aACKi7TaVQ/edit>

17/18

13/12/13

Questionário sobre Comportamento Sexual - Google Drive

103. **Ter relações sexuais com desconhecidos(as) ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

104. **Ter relações sexuais em locais públicos (exe. carro, vão de escadas, WC) ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

105. **Ter relações sexuais com parentes próximos. ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

106. **Manter relações sexuais com com alguém próximo, sem compromisso emocional (amizade colorida) ***

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Google Drive

Apêndice IV – Gráficos de Frequências do Questionário de Opinião de Comportamento Sexual

QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO SOBRE COMPORTAMENTO SEXUAL

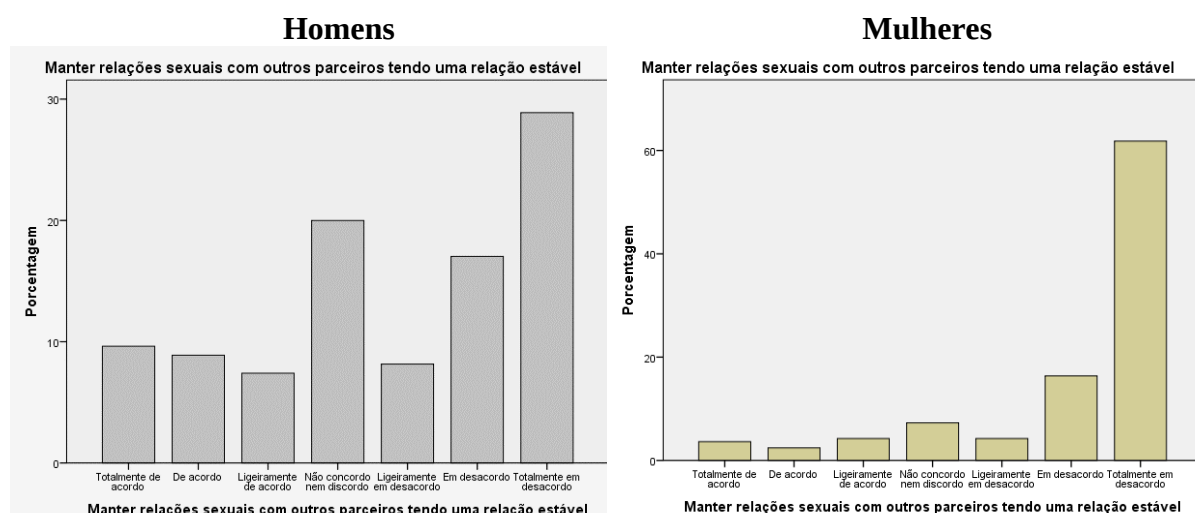


Figura 1 – Representação gráfica da resposta à Questão 1 “Manter relações sexuais com outros parceiros tendo uma relação estável” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

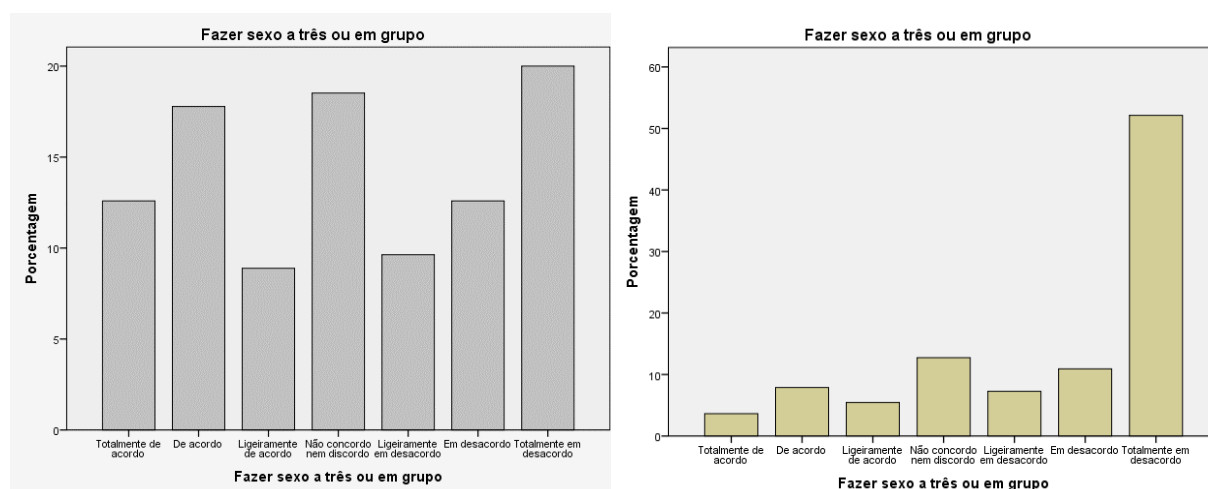


Figura 2 – Representação gráfica da resposta à Questão 2 “Fazer sexo a três ou em grupo” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

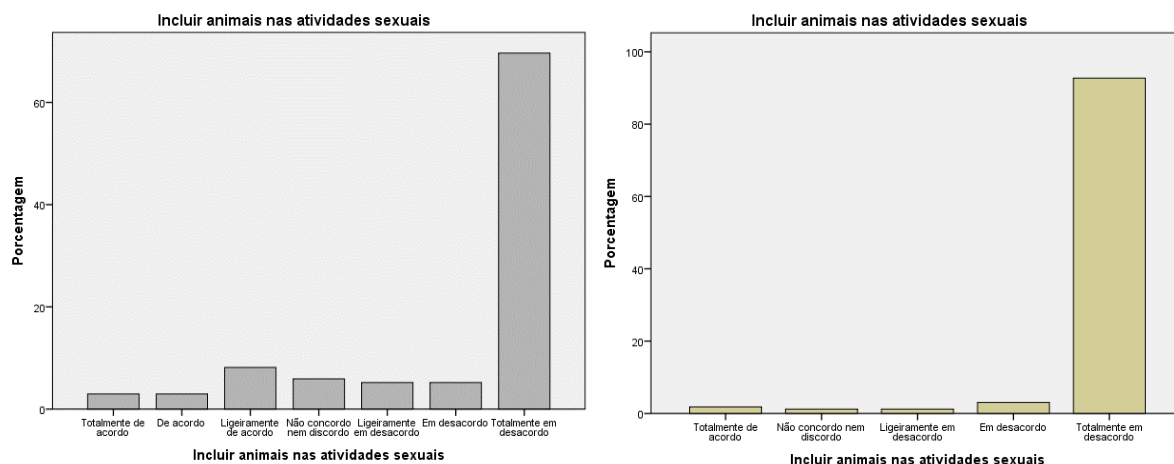


Figura 3 – Representação gráfica da resposta à Questão 3 “Incluir animais nas atividades sexuais” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

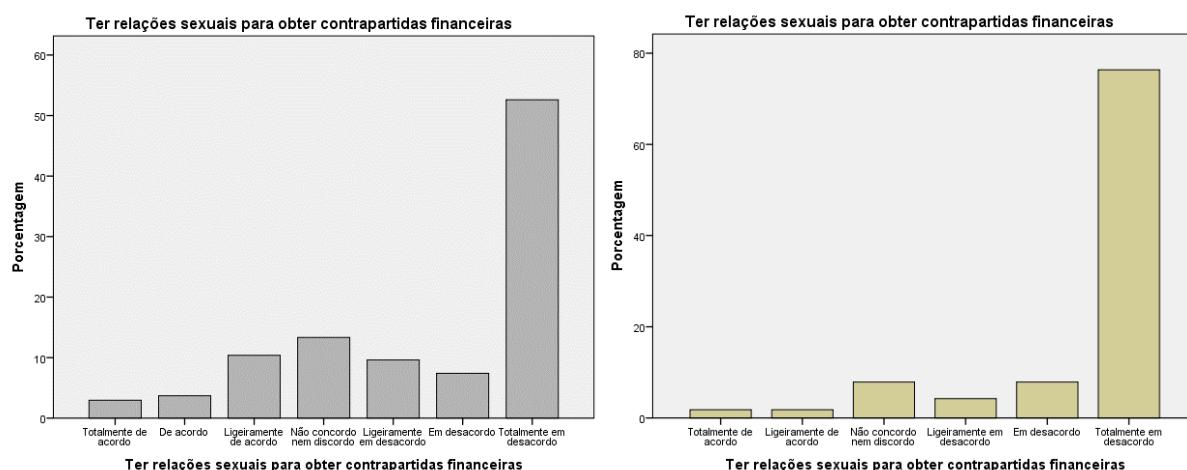


Figura 4 – Representação gráfica da resposta à Questão 4 “Ter relações sexuais para obter contrapartidas financeiras” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

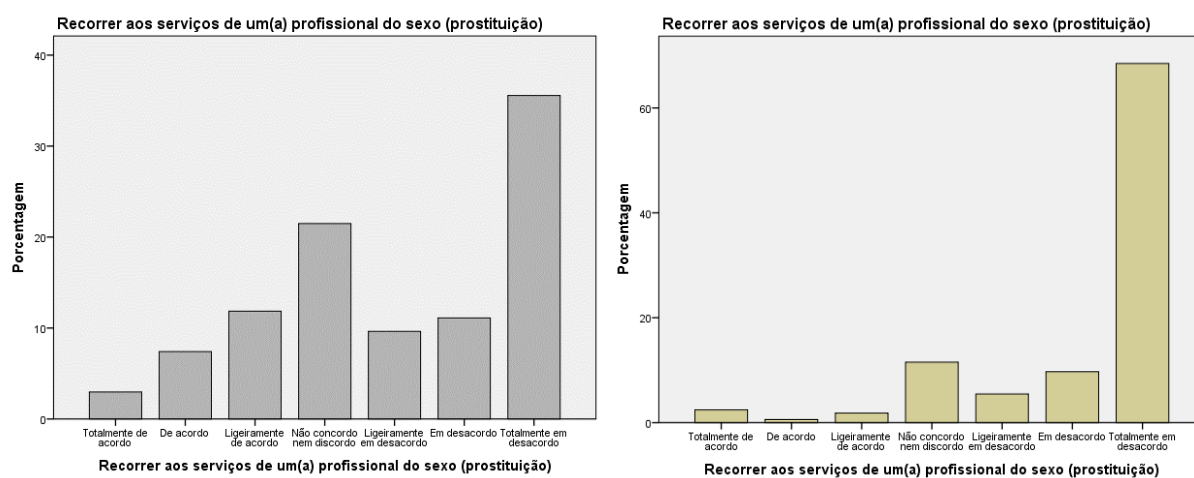


Figura 5 – Representação gráfica da resposta à Questão 5 “Recorrer aos serviços de um(a) profissional do sexo (prostituição)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

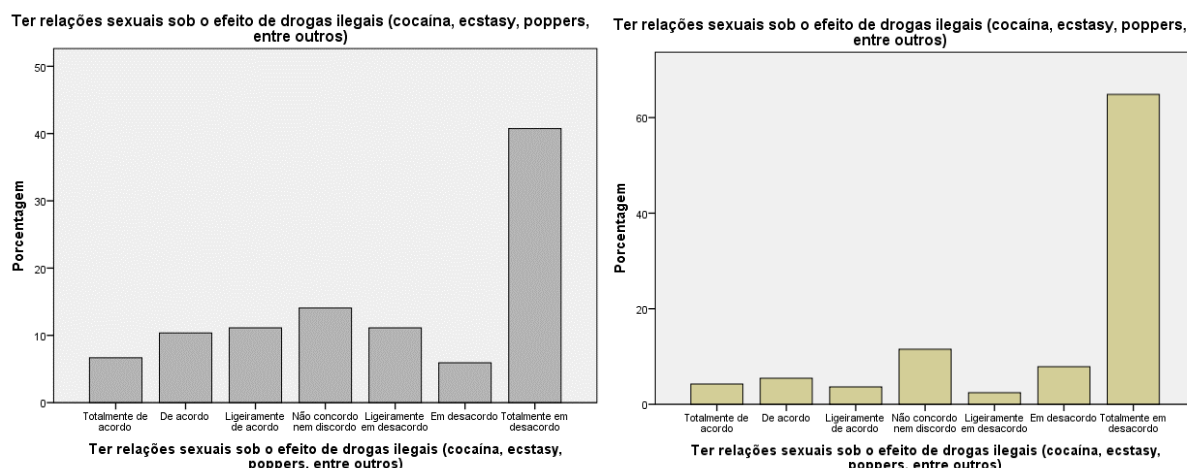


Figura 6 – Representação gráfica da resposta à Questão 6 “Ter relações sexuais sob o efeito de drogas ilegais (cocaína, ecstasy, poppers, entre outros)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

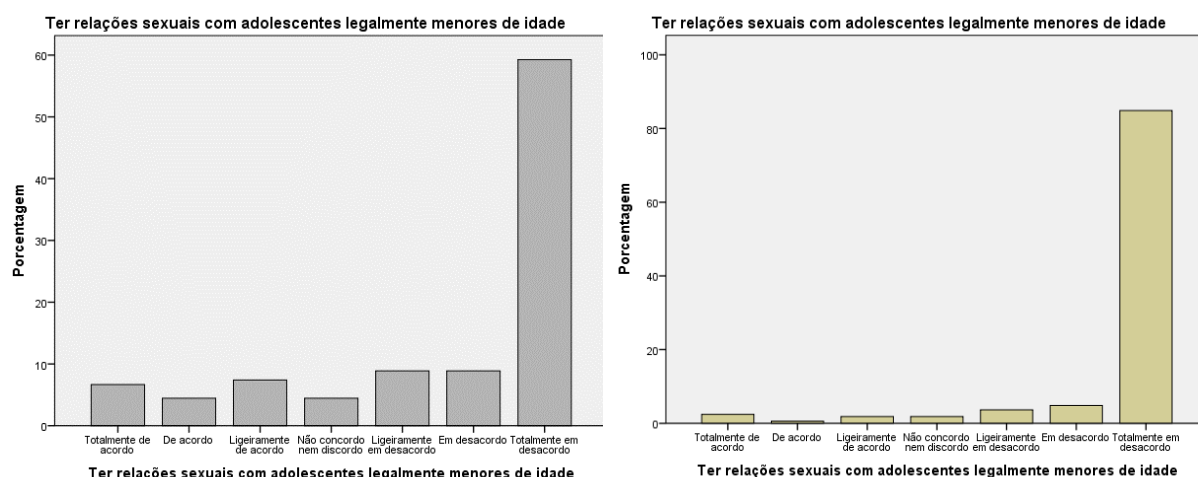


Figura 7 – Representação gráfica da resposta à Questão 7 “Ter relações sexuais com adolescentes legalmente menores de idade” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

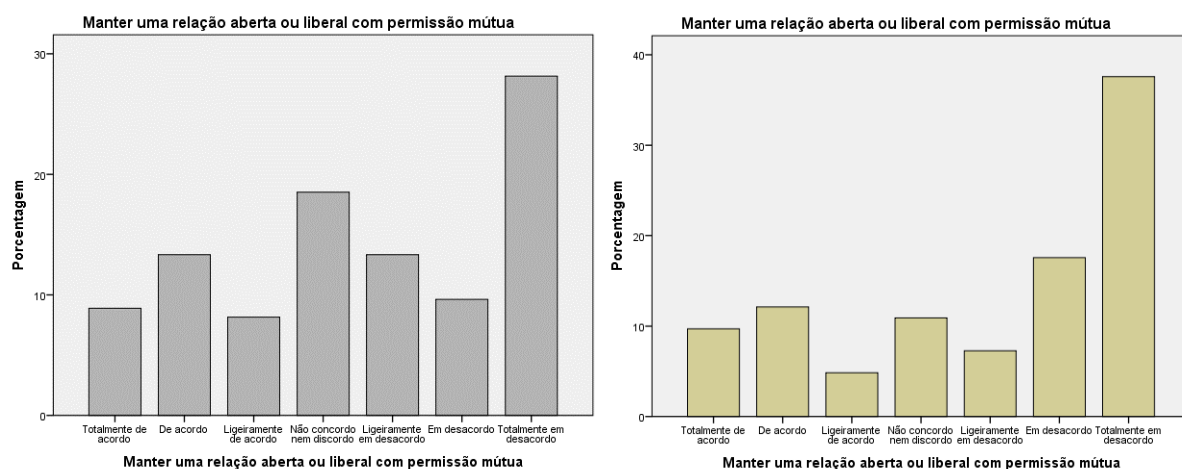


Figura 8 – Representação gráfica da resposta à Questão 8 “Manter uma relação aberta ou liberal com permissão mútua” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

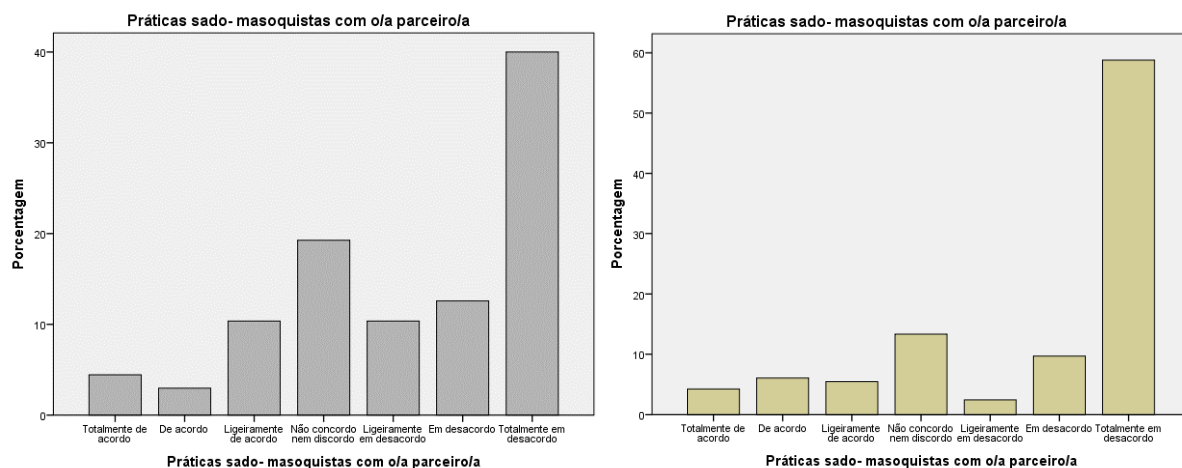


Figura 9 – Representação gráfica da resposta à Questão 9 “Práticas sado-masoquistas com o/a parceiro/a” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

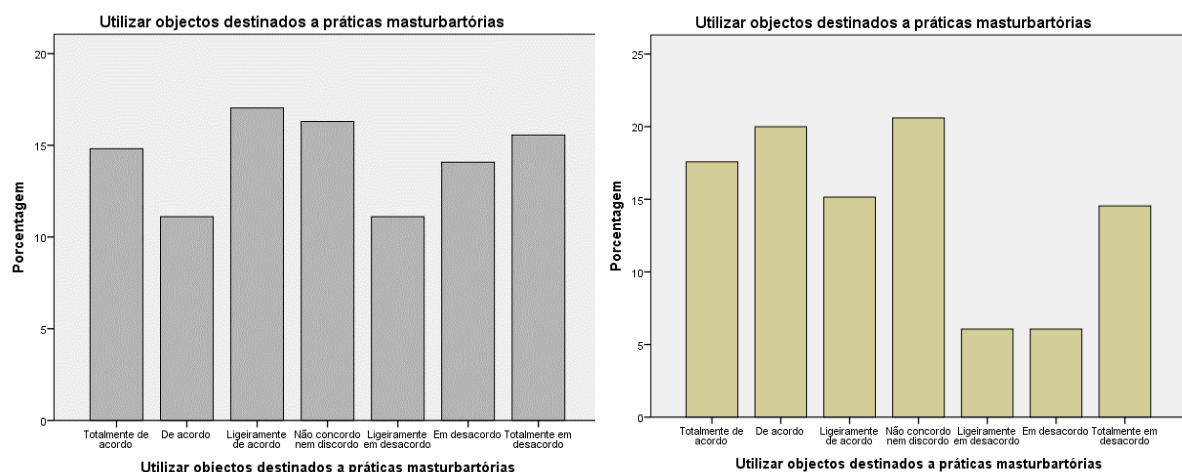


Figura 10 – Representação gráfica da resposta à Questão 10 “Utilizar objectos destinados a práticas masturbatórias” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

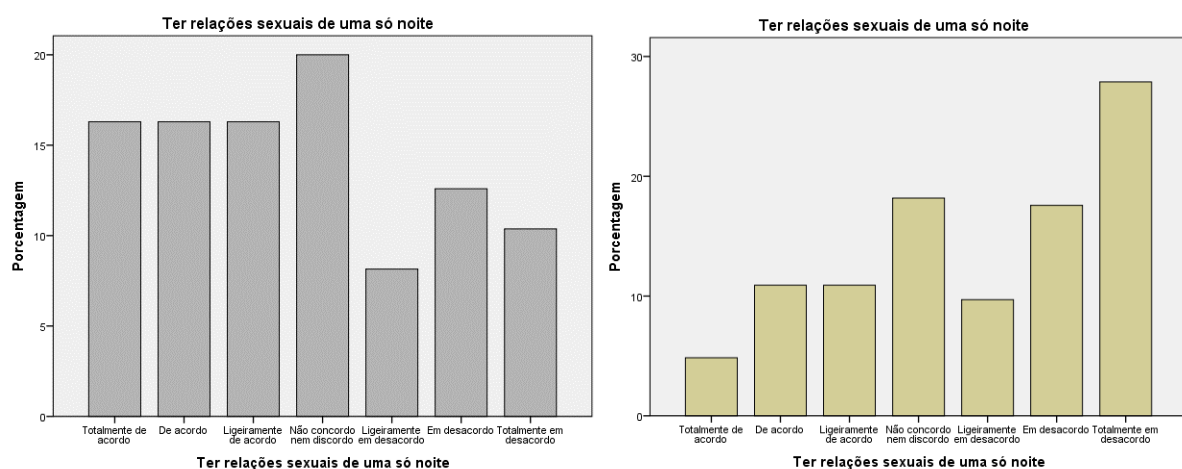


Figura 11 – Representação gráfica da resposta à Questão 11 “Ter relações sexuais de uma só noite” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

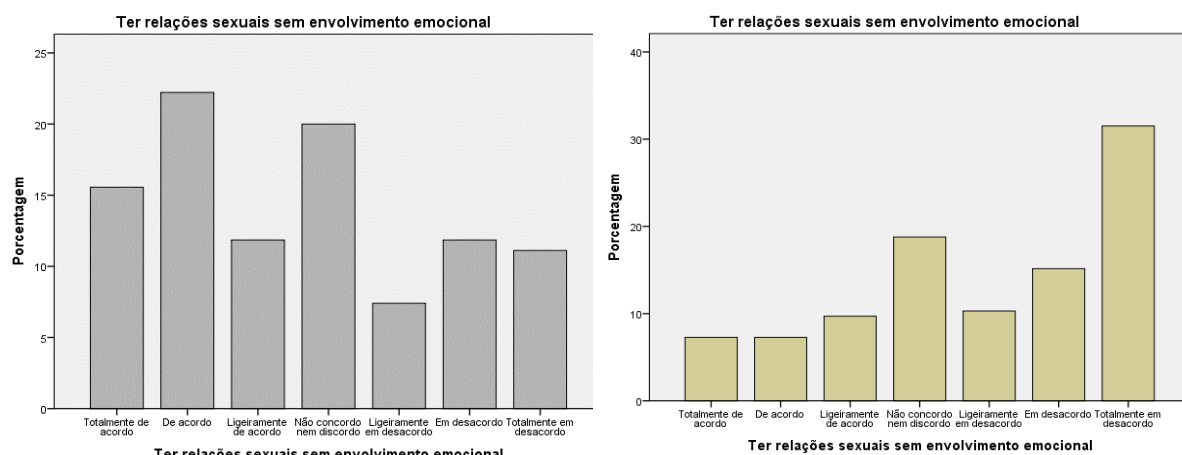


Figura 12 – Representação gráfica da resposta à Questão 12 “Ter relações sexuais sem envolvimento emocional” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

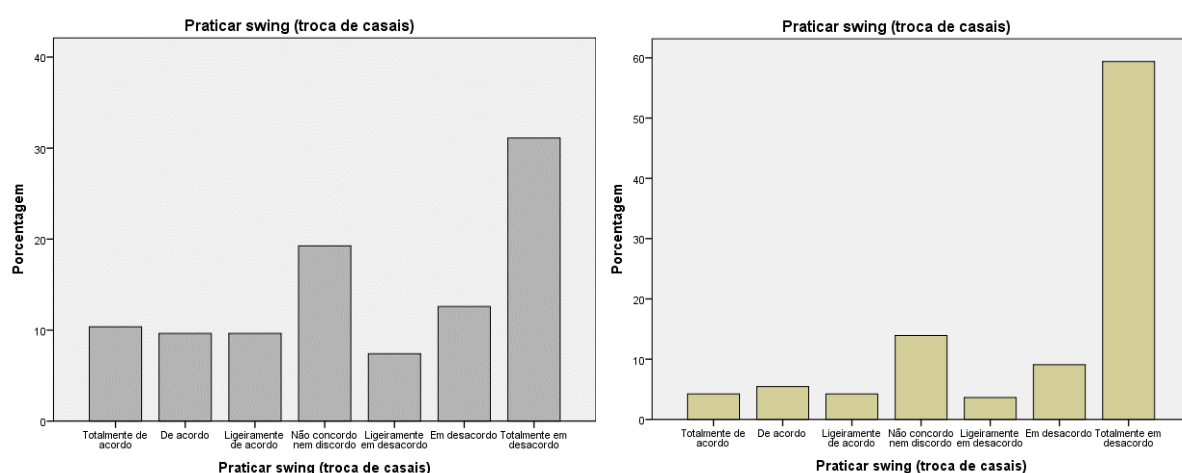


Figura 13 – Representação gráfica da resposta à Questão 13 “Praticar swing (troca de casais)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

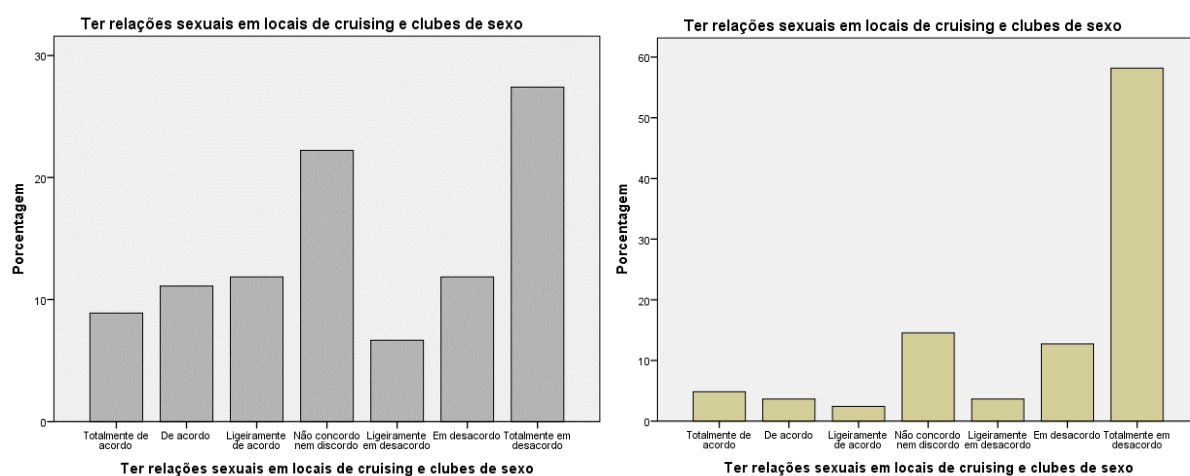


Figura 14 – Representação gráfica da resposta à Questão 14 “Ter relações sexuais em locais de cruising e clubes de sexo” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

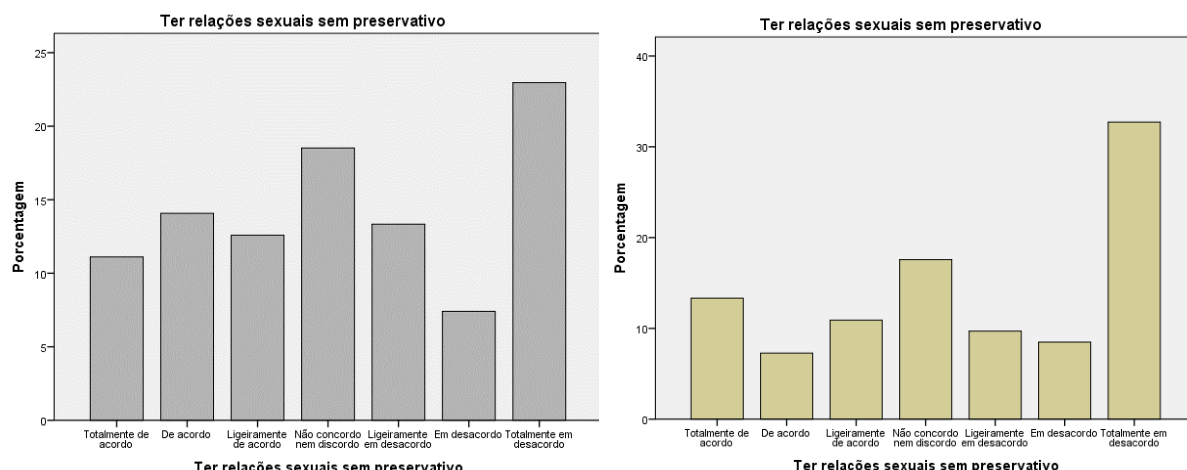


Figura 15 – Representação gráfica da resposta à Questão 15 “Ter relações sexuais sem preservativo” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

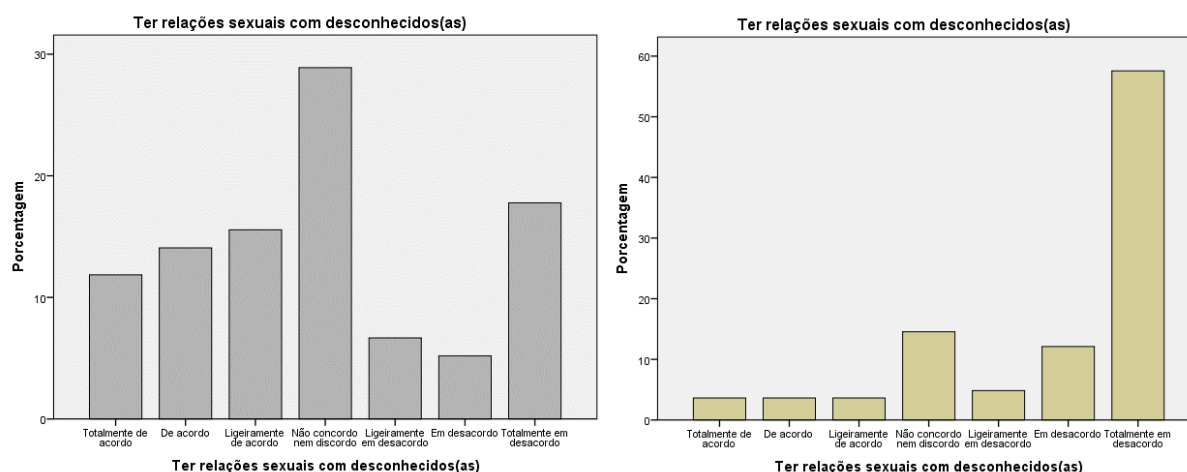


Figura 16 – Representação gráfica da resposta à Questão 16 “Ter relações sexuais com desconhecidos(as)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

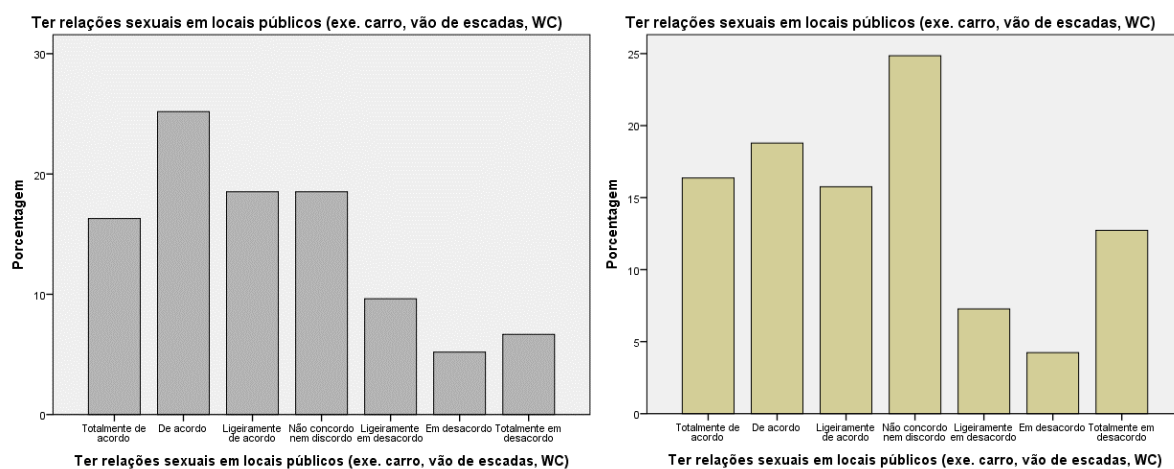


Figura 17 – Representação gráfica da resposta à Questão 17 “Ter relações sexuais em locais públicos (exe. carro, vão de escadas, WC)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

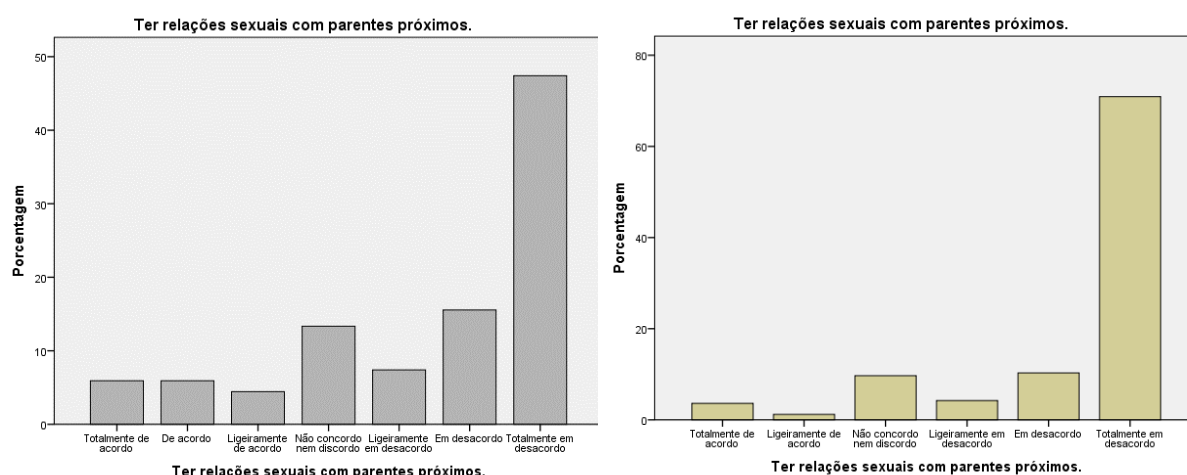


Figura 18 – Representação gráfica da resposta à Questão 18 “Ter relações sexuais com parentes próximos” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

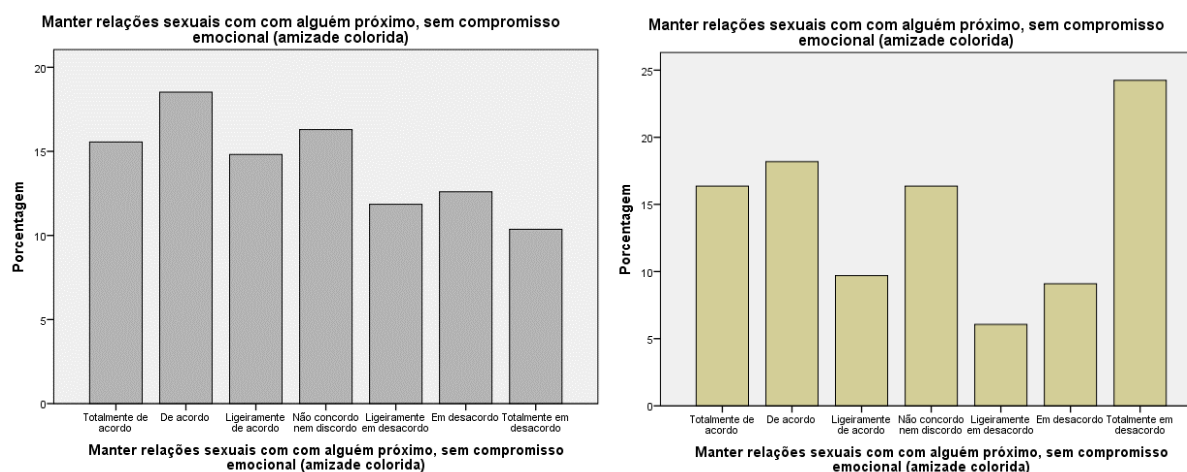


Figura 19 – Representação gráfica da resposta à Questão 19 “Manter relações sexuais com alguém próximo, sem compromisso emocional (amizade colorida)” para os homens (à esquerda) e para as mulheres (à direita).

Anexos

Anexo I - Escala de Comportamento Sexual Compulsivo

Eli Coleman e Rebecca e. Swinburn Romine, Universidade Minnesota, 2001

Tendo em conta a sua vida sexual, responda às seguintes perguntas, de acordo com a seguinte escala:

1 - Nunca; 2 – Raramente; 3 – Ocasionalmente; 4 – Frequentemente; 5 – Sempre.

1 - Com que frequência tem dificuldade em controlar os seus impulsos sexuais?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

2 - Alguma vez se sentiu incapaz de controlar o seu comportamento sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência utiliza o sexo como uma forma de lidar com problemas e/ou preocupações?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência se sentiu culpado ou envergonhado do seu comportamento sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência escondeu o seu comportamento sexual de outras pessoas?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência se sentiu incapaz de controlar os seus sentimentos em relação ao sexo?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência fez promessas ou se comprometeu a mudar os seus comportamentos sexuais?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência os seus pensamentos ou comportamentos sexuais interferiram com a formação de novas amizades?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência arranjou desculpas para se justificar do seu comportamento sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Quantas vezes desperdiçou oportunidades para atividades produtivas e interessantes por causa do seu comportamento sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Com que frequência as suas atividades lhe causaram prejuízo financeiro?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Quantas vezes se sentiu emocionalmente distante durante o ato sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Quantas vezes teve sexo ou se masturbou mais do que desejaria?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Alguma vez forçou alguém a ter sexo?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Alguma vez atingiu, pontapeou, esmurrou ou esbofeteou, atirou, asfixiou, amarrou ou foi atingido pelo seu parceiro(a) atual ou recente?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Algum dia provocou dor intencionalmente durante o ato sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Numa discussão, alguma vez pontapeou, esmurrou, esbofeteou, atirou, asfixiou, amarrou ou foi atingido pelo seu parceiro(a) atual ou recente?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Alguma vez recebeu dor física para atingir prazer sexual?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Alguma vez recebeu dinheiro para praticar sexo?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Alguma vez se sentiu forçado/a a ter relações sexuais com o seu/sua mulher/marido/amante?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Alguma vez foi observado enquanto se masturbava ou tinha sexo sem o seu consentimento?

Nunca ☐ Raramente ☐ Ocasionalmente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

Anexo II - A Nova Escala de Satisfação Sexual:

Aleksandar Stulhofer e Vesna Busko, Universidade de Zagreb

Pamela Brouillard, Texas A&M University-Corpus-Christi, 2010

Tendo em conta a sua vida sexual durante os últimos seis meses, avalie o seu grau de satisfação relativamente às seguintes afirmações:

1 – Insatisfeito; 2 – Pouco Satisfeito; 3 – Moderadamente Satisfeito; 4 – Satisfeito; 5 – Muito Satisfeito.

A intensidade da minha excitação sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A qualidade dos meus orgasmos.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A minha entrega no ato sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A minha concentração durante o ato sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A forma como eu reajo ao meu parceiro(a) sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

O funcionamento sexual do meu corpo.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A minha abertura emocional para o sexo.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A minha disposição depois da atividade sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A frequência dos meus orgasmos.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

O prazer que dou ao meu parceiro(a).

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

O balanço entre o que dou e recebo no sexo.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A abertura do meu parceiro(a) para o sexo.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A iniciativa sexual do meu parceiro(a).

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A capacidade do meu parceiro(a) em ter orgasmos.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

Como o meu parceiro(a) se entrega ao prazer sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

Como o meu parceiro(a) satisfaz as minhas necessidades sexuais.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A criatividade sexual do meu parceiro(a).

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A disponibilidade do meu parceiro(a) para a atividade sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A variedade das minhas atividades sexuais.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

A frequência da minha atividade sexual.

Insatisfeito ☐ Pouco Satisfeito ☐ Moderadamente Satisfeito ☐ Satisfeito ☐
Muito Satisfeito ☐

Anexo III - Escala de Procura de Sensações Sexuais

Seth C. Kalichman, University of Connecticut, 1994

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com a sua opinião:

1 – Não me identifico; 2 – Identifico-me pouco; 3 – Identifico-me; 4 – Identifico-me muito.

Eu gosto de aventuras sexuais desinibidas.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

As sensações físicas são o mais importante no sexo.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

O meu parceiro sexual provavelmente pensa que eu tenho comportamentos de risco.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Quando se trata de sexo a atração física é mais importante para mim do que o grau de conhecimento entre nós.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Eu gosto da companhia de pessoas sensuais.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Eu gosto de assistir a vídeos de conteúdo sexual para adultos.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Eu interesso-me por novas experiencias sexuais.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Eu Sinto desejo de explorar a minha sexualidade.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Eu gosto de experienciar novas sensações e formas de excitação sexual.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Eu gosto da sensação de sexo sem preservativo.

Não me identifico ☐ Identifico-me pouco ☐ Identifico-me ☐ Identifico-me muito ☐

Anexo IV - Escala de Atitude Perante o Sexo

William A. Fisher, University of Western Ontario / 1994

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu grau de acordo ou desacordo em relação a cada uma delas:

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 1 – Totalmente de acordo | 2 – De acordo |
| 3 – Ligeiramente de acordo | 4 – Não concordo nem discordo |
| 5 – Ligeiramente em desacordo | 6 – Em desacordo |
| 7 – Totalmente em desacordo | |

Eu penso que seria divertido ver pornografia.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

A pornografia é nojenta e as pessoas não devem tentar descrevê-la de outra forma.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Nadar nu com uma pessoa do sexo oposto é uma experiência excitante.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

A masturbação pode ser uma experiência excitante

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Ficava aborrecido/a se soubesse que um amigo(a) próximo(a) é homossexual.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Se as pessoas pensassem que estou interessado/a em sexo oral, sentiria vergonha.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Praticar sexo em grupo é uma ideia agradável.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Pensar no ato sexual é excitante.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Ver um filme pornográfico é muito excitante.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

A ideia de ter tendências homossexuais não me preocupa.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

A ideia de me sentir atraído/a por pessoas do mesmo sexo não é deprimente.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Quase todo o material pornográfico é nojento.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Seria emocionalmente perturbador ver alguém expor-se publicamente.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Ver um/uma stripper do sexo oposto não é muito excitante.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Não gostaria de ver um filme pornográfico.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Quando fantasio com pessoas do mesmo sexo enquanto me masturbo fico enojado/a.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Pensar em práticas sexuais pouco usuais é muito excitante.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Manipular os meus genitais é uma experiência excitante

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

A masturbação pode ser uma experiência excitante.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Eu não gosto de pensar em sexo durante o dia.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Não tenho curiosidade sobre pornografia explícita.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Pensar em sexo com alguém, além do meu (minha) companheira(a) não me desagrada.

1	2	3	4	5	6	7
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Anexo V - Escala de Orientação Socio Sexual

Jeffrey A. Simpson University of Minnesota, 1991

Steven W. Gangestad, University of New Mexico

Leia as seguintes afirmações e responda de acordo com o seu comportamento.

Quantos parceiros sexuais teve no último ano?

Quantos parceiros imagina que terá nos próximos cinco anos?

Com quantas pessoas teve sexo apenas uma vez?

Com que frequência fantasia ter sexo com alguém, além do seu/sua parceiro(a) atual?

Nunca Uma vez em 2 ou 3 meses Uma vez por mês De duas em duas semanas Uma vez por semana Várias vezes numa semana Quase todos os dias Pelo menos uma vez por dia.

Classifique de 1– Totalmente em desacordo até 9 - Totalmente de acordo

Sexo sem amor é normal.

1 - Totalmente em desacordo até 9 - Totalmente de acordo.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Pensar em sexo ocasional com diferentes parceiros(as) faz-me sentir confortável.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

1 – Totalmente em desacordo; até 9 – Totalmente de acordo.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Eu preciso de gostar física e emocionalmente de alguém para me sentir confortável para ter sexo.

. 1 2 3 4 5 6 7 8 9

